

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Juliana Brandão Machado

**AS TEMPORALIDADES NO COTIDIANO
DE JOVENS PORTO-ALEGRENSES**

**Porto Alegre
2006**

Juliana Brandão Machado

**AS TEMPORALIDADES NO COTIDIANO
DE JOVENS PORTO-ALEGRENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof. Dra. Marie Jane Soares Carvalho

Porto Alegre

2006

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

M149t Machado, Juliana Brandão

As temporalidades no cotidiano de jovens porto-alegrenses [manuscrito] / Juliana Brandão Machado.
– 2006.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

Orientação: Marie Jane Soares Carvalho

1. Cotidiano – Juventude – Ensino médio – Ensino público – Porto Alegre. 2. Gênero – Tempo – Juventude. 3. Gênero – Relações de poder – Jovens. I. Carvalho, Marie Jane Soares. II. Título.

CDU: 316.7-053.6

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes CRB 10/463

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sonia e João, pela incansável luta pelas minhas conquistas. O bem maior herdado deles – a educação – inspira meus objetivos para o futuro e dá a certeza de que sempre terei um “porto” para me abrigar. Obrigada pela paciência, pelo carinho, e pelos valores que me ensinaram.

Ao Sandro, pela escolha de estar ao meu lado. Companheiro e paciente, obrigada pela grande generosidade e o amor cotidiano, uma força fundamental.

À minha querida orientadora, Prof. Marie Jane, pelas apostas em mim, pelos muitos ensinamentos sobre pesquisa, educação, ética profissional, entre tantos outros nestes anos de convivência. Minha vida na UFRGS seria muito diferente se não tivéssemos nos encontrado...

À minha família, pelo desejo de “boa sorte”, sempre! Aos tios, primos e todos aqueles que torceram para que mais esse passo fosse concretizado.

Aos meus professores, especialmente aqueles que participaram da minha formação na Universidade.

Aos meus colegas de orientação – Tati, Mauro, Nádie, Thiago, Simone, Mary, Silvia, colegas de graduação, colegas do grupo de pesquisa: a troca de experiências foi fundamental! E aos bolsistas que participaram da coleta de dados da pesquisa: Amanda, Simone e Fabiano.

À equipe diretiva do Colégio Estadual Dom João Becker, professores e estudantes, por abrirem as portas ao nosso grupo de pesquisa.

Às minhas colegas da Escola Municipal Grande Oriente do Rio Grande do Sul, pela compreensão nas ausências, o desejo de “boa sorte” e os ensinamentos diários do “ser professora”. Aos meus alunos, especialmente as turmas A21 e A26, que fazem os dias mais cinzas adquirirem um colorido especial. Com eles redescobri o encantamento pela aprendizagem.

A todos que compartilharam esta caminhada comigo, meus sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos – para não morrermos soterrados na poeira da banalidade, embora pareça que ainda estamos vivos.

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Para reinventar-se é preciso pensar...

(Lya Luft – Pensar é transgredir)

RESUMO

A Dissertação analisou o cotidiano de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre. O conceito de mundo da vida foi utilizado para caracterizar as relações intersubjetivas vivenciadas pelos jovens em seu cotidiano. Na perspectiva de Alfred Schütz, o mundo da vida é o mundo intersubjetivo em que vivemos e que se apresenta à nossa experiência e interpretação. As juventudes são concebidas em uma perspectiva sociológica, para além de um período de transição, são tomadas em sua constituição plural, reconhecendo a especificidade de uma etapa da vida. O gênero é compreendido como uma relação, que materializa as relações de poder entre os sexos e atualiza os particularismos patriarcais presentes no grupo social. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como o cotidiano de jovens estudantes do Ensino Médio é estruturado, em relação aos aspectos de gênero e ao tempo de estudo e trabalho. Em relação ao conceito de mundo da vida, a intenção foi depreender os códigos de referência presentes no cotidiano dos jovens, a partir das suas temporalidades. A pesquisa foi realizada através do mapeamento dos usos do tempo de cerca de 400 jovens. Cada jovem preencheu dois diários de usos do tempo, um no dia da semana e outro no domingo. A tabulação dos dados, no *SPSS*, computou os eventos e suas durações. Através da análise preliminar dos dados, foram construídas quatro rotinas típicas, para a seleção de jovens a serem entrevistados. A entrevista ocorreu com quatorze jovens, conversando sobre a sua rotina e sobre o significado da educação e do trabalho em sua vida. Os dados quantitativos compuseram as categorias “tempos para si”, “tempos de estudo”, “tempos de trabalho – formal e doméstico” e “tempos de lazer”. Em cada um, priorizou-se a análise por sexo e faixa etária, com o objetivo de perceber se o gênero se constitui como um código de referências para o cotidiano dos jovens. Os usos do tempo de estudo e trabalho, principalmente o trabalho doméstico, indicam maior alocação de jovens do sexo feminino do que jovens do sexo masculino. Além do gênero, o princípio de reciprocidade, que indica a responsabilidade de cada membro do grupo doméstico para a sua manutenção, foi percebido como um código de referências para o cotidiano destes jovens.

Palavras-chave: Mundo da vida, juventudes, gênero.

ABSTRACT

The present work is intended to evaluate student daily routines from a public high school in Porto Alegre. The life-world concept was used to describe youth's intersubjective relations in a daily basis. According to Alfred Schütz's standpoint, the life-world is an intersubjective world which we live in, and it is presented to our own experience and interpretation. Youthfulness usually grows under a sociologic view, beyond a transition timeframe, taking into account their multiple nature, being able to recognize the specific life period which they are submitted to. Gender is understood as a relation, which makes the sex strength relations to become real, and update the patriarchal particularizations which are usually found in the social group. The research's main goal was set in order to understand how the high school student daily routine is composed, with regard to gender, as well as study and work time. Life-world concept gathers reference codes prompted inside the young people routines, based on their transiently issues. The subject research was made using time-use mapping of 400 young people. Each person filled two time-use diaries, one for a business day and the other for a weekend day (Sunday). All collected data were recorded into SPSS software, computing events and their related timeframes. Based upon a first data review, four typical routines were built to choose people for interviewing process. Actually the interview was performed with fourteen persons, whom were inquired about their routine and "education/job meanings for their life. All discrete data were part of "time for myself", "study time", "work time – formal and domestic" and "leisure time". Each of them has been evaluated, taking the sex and age range analysis as first priority, attempting to detect gender as being a daily reference code for young people. Time-use for study and work (specially domestic work), pointed out more women when in gender comparison. Besides that, the reciprocity, principle which notes the responsibility for each group member involved in the environment maintenance, was determined to be a reference code for young people daily routine.

Key-words: Life-world, youthness, gender

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos jovens por sexo	63
Gráfico 2 – Distribuição dos jovens segundo a idade	64
Gráfico 3 – Distribuição dos jovens segundo a faixa etária	65
Gráfico 4 – Distribuição dos jovens segundo a autoclassificação da cor/raça	67
Gráfico 5 – Distribuição dos jovens segundo o ano de estudo no Ensino Médio	69
Gráfico 6 – Distribuição dos jovens segundo o número de co-residentes no grupo doméstico	70
Gráfico 7 – Distribuição dos jovens segundo o bairro onde residem, agrupados pelas Regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos jovens segundo faixa etária e ano de estudo no Ensino Médio.....	66
Tabela 2 – Distribuição dos jovens segundo faixa etária e sexo	66
Tabela 3 – Distribuição dos jovens segundo a autoclassificação da cor/raça e sexo.....	68
Tabela 4 – Número de eventos de sono por sexo	76
Tabela 5 – Duração de eventos de sono por sexo	76
Tabela 6 – Número de eventos de higiene por sexo	78
Tabela 7 – Duração de eventos de higiene por sexo.....	78
Tabela 8 – Número de eventos religiosos por sexo.....	79
Tabela 9 – Duração de evento religioso por sexo.....	80
Tabela 10 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo	81
Tabela 11 – Duração de evento de cuidados pessoais por sexo	81
Tabela 12 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – dia da semana.....	83
Tabela 13 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – fim de semana.....	83
Tabela 14 – Duração de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – dia da semana.....	84
Tabela 15 – Duração de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – fim de semana.....	84
Tabela 16 – Situação da realização de atividades extra-escolares por sexo.....	87
Tabela 17 – Duração de evento de atividades extra-escolares por sexo	87
Tabela 18 – Número de eventos de estudo em casa por sexo	89
Tabela 19 – Duração do evento de estudo em casa por sexo	89
Tabela 20 – Número de eventos de praticar esportes por sexo	90
Tabela 21 – Duração de evento de praticar esportes por sexo	90
Tabela 22 – Número de eventos de estudo por sexo	91
Tabela 23 – Duração de evento de estudo por sexo	92
Tabela 24 – Número de eventos de estudo por sexo e faixa etária – dia da semana.....	93
Tabela 25 – Número de eventos de estudo por sexo e faixa etária – fim de semana.....	93
Tabela 26 – Duração do estudo por sexo e faixa etária – dia da semana.....	94
Tabela 27 – Duração do estudo por sexo e faixa etária – fim de semana.....	95
Tabela 28 – Número de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana.....	96
Tabela 29 – Número de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana.....	96
Tabela 30 – Duração de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana.....	97
Tabela 31 – Duração de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana.....	98
Tabela 32 – Número de eventos de cuidados com a casa por sexo	100

Tabela 33 – Duração de eventos de cuidados com a casa por sexo	101
Tabela 34 – Número de eventos de preparo de refeições por sexo.....	102
Tabela 35 – Duração de eventos de preparo de refeições por sexo	102
Tabela 36 – Número de eventos de cuidado de crianças por sexo.....	103
Tabela 37 – Duração de evento cuidado de crianças por sexo.....	103
Tabela 38 – Número de eventos de compras para a casa por sexo	105
Tabela 39 – Duração de evento de compras para a casa por sexo	105
Tabela 40 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo	106
Tabela 41 – Duração de evento de trabalho doméstico por sexo	106
Tabela 42 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – dia da semana.....	108
Tabela 43 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – fim de semana.....	108
Tabela 44 – Duração de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – dia da semana.....	109
Tabela 45 – Duração de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – fim de semana.....	109
Tabela 46 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana.....	112
Tabela 47 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana.....	112
Tabela 48 – Duração de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana.....	113
Tabela 49 – Duração de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana.....	114
Tabela 50 – Situação do trabalho formal por sexo	116
Tabela 51 – Duração do trabalho formal por sexo.....	116
Tabela 52 – Situação do trabalho formal por sexo e faixa etária – dia da semana.....	117
Tabela 53 – Situação do trabalho formal por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana	118
Tabela 54 – Situação do trabalho formal por sexo e composição do grupo doméstico – dia da semana	119
Tabela 55 – Número de eventos de leitura por sexo	121
Tabela 56– Duração de evento de leitura por sexo	121
Tabela 57 – Número de eventos de escutar música por sexo.....	122
Tabela 58 – Duração de evento escutar música por sexo.....	122
Tabela 59 – Número de eventos de assistir televisão por sexo	123
Tabela 60 – Duração de evento de assistir televisão por sexo	124
Tabela 61 – Número de eventos de utilizar o computador por sexo	125
Tabela 62 – Duração de evento de utilizar o computador por sexo	125
Tabela 63 – Número de eventos de “jogar” por sexo	126
Tabela 64 – Duração de evento de jogar por sexo	126
Tabela 65 – Número de eventos sociais por sexo.....	127
Tabela 66 – Duração de evento social por sexo.....	127

Tabela 67 – Número de eventos de lazer por sexo	128
Tabela 68 – Duração de evento de lazer por sexo	128
Tabela 69 – Duração do lazer por sexo e faixa etária – dia da semana.....	129
Tabela 70 – Duração do lazer por sexo e faixa etária – fim de semana.....	129
Tabela 71 – Duração do lazer em relação à situação do trabalho formal – dia da semana.....	131

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
LISTA DE GRÁFICOS.....	8
LISTA DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO	14
1 O MUNDO DA VIDA COTIDIANA	18
1.1 Entre Edmund Husserl e Max Weber: A Sociologia Interpretativa de Alfred Schütz.....	19
1.2 O mundo da vida	22
1.3 Temporalidades no mundo da vida	29
2 JUVENTUDES	35
2.1 Para além de uma troca de palavras: o conceito de juventudes	38
2.2 Dimensões das juventudes no mundo da vida: grupo doméstico, escola, trabalho e gênero.....	47
3 A PESQUISA.....	53
4 AS TEMPORALIDADES JUVENIS	62
4.1 Quem são os jovens participantes da pesquisa?	62
4.2 Tempos para si.....	75
4.3 Tempos de estudo.....	86
4.4 Tempos de trabalho.....	99
4.4.1 Tempos de trabalho doméstico.....	100
4.4.2 Tempos de trabalho formal.....	115
4.5 Tempos de lazer	120
4.6 Outros tempos.....	132
4.7 Considerações acerca das temporalidades juvenis.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXOS	154
ANEXO A - Diário de usos do tempo para jovens	155
ANEXO B – Quadro de jovens selecionados para entrevista de acordo com as	

rotinas tipificadas.....	162
ANEXO C – Roteiro da entrevista	163
ANEXO D – Tabela Censo Escolar 1996 e 2005	164
ANEXO E – Tabela Censo Escolar 2005	165
ANEXO F - Termos de Consentimento Informado	166

INTRODUÇÃO

O desafio foi aceito. A construção de uma pesquisa, a ousadia da proposição de uma análise que conjuga uma perspectiva teórica ainda não explorada em relação à temática das juventudes. Mas esse desafio não surgiu ao acaso. Há um caminho percorrido até chegar nessa Dissertação. A caminhada iniciou ainda na graduação em Pedagogia, quando me inseri na Iniciação Científica¹.

O envolvimento com as pesquisas sobre os usos do tempo, analisando inicialmente o cotidiano de crianças de diferentes grupos sociais, possibilitou os primeiros contatos com a questão do gênero. Desde então, assumi essa perspectiva nas análises que fui desenvolvendo. O trabalho doméstico foi outra categoria fundamental que passei a estudar e estabelecer relações com o conceito de gênero. Quando as crianças “cresceram”, os olhares foram voltados para os adolescentes. Surge, então, uma nova problematização teórica, uma vez que o cotidiano de jovens expande as relações estabelecidas e modifica a perspectiva de análise. As juventudes, como expressão sociológica de uma etapa da vida, foram se inserindo na análise dos usos do tempo, e sendo conjugadas com o gênero e outros conceitos.

A partir dessa trajetória desenvolvida na Iniciação Científica, propus a pesquisa para o Mestrado. Inicialmente, a idéia era realizar uma pesquisa com jovens que já faziam parte de um estudo anterior, atualizando o seu cotidiano e fazendo uma

¹ Desde já é necessário informar que todo o processo de Iniciação Científica e o início do Mestrado tiveram apoio financeiro do CNPq, através de bolsas de estudo. O desenvolvimento da pesquisa de campo também contou com o apoio financeiro PROEDU/FAPERGS.

investigação qualitativa sobre os sentidos da educação e do trabalho em suas vidas. Porém, na defesa do projeto de Dissertação, a indicação foi: “buscar a ousadia e um caminho frutífero para a pesquisa”, constituindo um novo objeto, realizando uma pesquisa nova, com outros jovens, e não partindo de um estudo já realizado.

Foi assim que comecei a construir a pesquisa de campo que culminou nesse trabalho. Ao aceitar o desafio de construir uma pesquisa sobre os usos do tempo de jovens, a ousadia foi ainda maior, pois acabamos realizando a nossa maior coleta de dados, já que os estudos anteriores tinham amostras menores, com cerca de 100 casos. Nesse estudo, foram mais de 500 jovens envolvidos. Não apenas em relação aos números, mas também, e principalmente, em relação aos arranjos teóricos, a pesquisa proposta diferencia-se dos estudos anteriores que realizei sobre os usos do tempo. Não se trata, aqui, de uma pesquisa re-aplicada em outra comunidade. Trata-se de um novo olhar, do ponto de vista teórico, que foi lançado ao cotidiano. Certamente, esse novo olhar incorpora as análises que vinham sendo feitas, mas tem o intuito de avançar e contribuir para as pesquisas nessa área.

O novo olhar de que falo refere-se à incorporação do conceito de mundo da vida, da teoria de Alfred Schütz, para pensar o cotidiano dos jovens. Ao analisar as vivências diárias juvenis, assumo a idéia de que são nas relações intersubjetivas que se constroem as interpretações sobre o mundo em que se vive. Ao relacionar o conceito de gênero a essa proposição, compreendo que se aprende as atribuições sociais à mulher e ao homem nessas relações intersubjetivas. Daí que, entendo, os “códigos de referência” sobre o mundo em que se vive são construídos nessas relações. Analisarei se o gênero se constitui como um código de referências no

cotidiano dos jovens, através do mapeamento de suas rotinas.

Juntamente com a idéia de constituir o gênero como um código de referência no cotidiano dos jovens, a educação e o trabalho aparecem como elementos fundamentais para essa análise. Ao estabelecer uma pesquisa em um Programa de Pós-graduação em Educação, deve ser reafirmado o sentido deste trabalho em relação ao objetivo do programa ao qual estou vinculada. A educação é fundamental na análise do cotidiano dos jovens, uma vez que temos a possibilidade de perceber os investimentos de tempo em estudo e, conseqüentemente, em trabalho. Assim, interessa pensar especificamente os tempos de estudo e trabalho na rotina dos jovens. O estudo é pensado como a dimensão da vida que pode envolver formação, crescimento e aprendizagem. O trabalho é analisado em duas perspectivas: formal e doméstico. O trabalho formal é caracterizado em relação à inserção no mercado de trabalho, execução de atividades sistemáticas que podem ou não ser remuneradas. O trabalho doméstico é aquele executado no âmbito da casa, que pretende ser uma contribuição à manutenção do grupo doméstico. Dessa forma, a conjugação entre educação e trabalho também será analisada em termos de perceber se pode se constituir em um código de referências em relação ao mundo da vida dos jovens.

Os elementos fundamentais de cada ponto teórico e metodológico serão apresentados no decorrer deste trabalho. No *Capítulo 1*, apresento o conceito de mundo da vida, com uma breve introdução da teoria de Alfred Schütz, e estabeleço uma inter-relação com a proposição de Norbert Elias a respeito do conceito de tempo. O *Capítulo 2* trata das juventudes. Inicialmente o conceito, os fundamentos sociológicos das juventudes e, em seguida, estabelece-se uma relação entre as

dimensões das juventudes no mundo da vida: o grupo doméstico, a escola, o trabalho e o gênero. O *Capítulo 3* apresenta as questões metodológicas, o desenvolvimento da pesquisa, retomando o problema e os objetivos do estudo. No *Capítulo 4* são apresentados os tempos juvenis. Serão exploradas as categorias envolvidas no cotidiano dos jovens: os tempos para si, os tempos de estudo, tempos de trabalho e tempos de lazer. Também serão analisadas as entrevistas realizadas com alguns jovens participantes da pesquisa. Ainda neste capítulo, serão traçadas algumas considerações a respeito das rotinas dos jovens em relação aos aspectos teóricos significativos. As *Considerações Finais* retomam o problema de pesquisa e os objetivos do trabalho, de modo a concluir o estudo.

1 O MUNDO DA VIDA COTIDIANA

A análise do cotidiano de jovens foi o tema escolhido para essa pesquisa. No entanto, é necessário apontar a teoria que serve de embasamento à análise. A proposta de pesquisa nasceu de um envolvimento com teses sobre as temporalidades, em que o uso do tempo cotidiano era analisado, com vistas a discutir implicações desta utilização na vida dos sujeitos. A necessidade de buscar um aprofundamento de algumas questões levou à pesquisa teórica que considerasse o cotidiano como objeto de conceituação.

Foi assim que encontrei os estudos da Fenomenologia e, mais tarde, da teoria de Alfred Schütz. O primeiro passo, descrito no projeto de Dissertação, com a Fenomenologia de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, não atendeu às expectativas da pesquisa, com um viés sociológico. Aprofundando os estudos de Husserl, encontrei Alfred Schütz, pesquisador que tratou de estabelecer conexões entre a Filosofia de Husserl, situada no campo da Fenomenologia, e a Sociologia da Ação e Compreensão de Max Weber. A proposta de Schütz foi construir uma Sociologia baseada em considerações fenomenológicas. Constituiu, assim o campo da Sociologia Interpretativa, baseado também em outros pesquisadores, que contribuíram para suas teses.

Este capítulo não pretende abarcar em exaustão a teoria de Schütz, uma vez que se trata de uma obra intensa, com materiais de difícil acesso e publicação escassa. Também não é meu objetivo seguir pelo campo da Filosofia ou

Fenomenologia pura, pois precisaria de maior formação para falar deste lugar. A intenção é concentrar a discussão no conceito de mundo da vida cotidiana, situando-o na teoria de Alfred Schütz e tomá-lo como ponto para análise dos dados da pesquisa que realizei.

Nesse sentido, trarei inicialmente uma breve consideração dos elementos que contribuíram para a construção desse campo teórico, o “nascimento” da teoria de Schütz, com Husserl e Weber. Saliento que se trata de uma breve exposição, fundamentada em autores que trataram da Sociologia Interpretativa, e situaram as bases desta teoria, e não na leitura dos autores em si. Em seguida, apresentarei o conceito de “mundo da vida” e seus principais desdobramentos. Trata-se do conceito fundamental para esta pesquisa, e será abordado no sentido de apontar as principais conexões com os conceitos desenvolvidos ao longo da Dissertação. A intenção é “ler” as juventudes, o gênero e as temporalidades de acordo com as pressuposições apontadas nas “estruturas do mundo da vida”, por Alfred Schütz. O terceiro tópico deste capítulo iniciará essa aproximação, buscando elementos sobre as temporalidades na teoria de Schütz e correlacionando às considerações feitas por Norbert Elias.

1.1 ENTRE EDMUND HUSSERL E MAX WEBER: A SOCIOLOGIA INTERPRETATIVA DE ALFRED SCHÜTZ

O desenvolvimento teórico de Alfred Schütz baseou-se na inter-relação entre a

Sociologia e a Fenomenologia. O autor desenvolveu uma abordagem para criar “os fundamentos de um sistema completo e auto-suficiente de pensamentos e procedimentos sociológicos” (SCHÜTZ apud WAGNER²,1979, p.3) fundamentando-se na Fenomenologia de Edmund Husserl e na Sociologia da Max Weber. O resultado dessa abordagem é um complexo pensamento teórico, que busca introduzir na discussão sociológica a questão da intersubjetividade nas relações sociais, como fundamento de organização das relações cotidianas.

Acerca da Fenomenologia, Schütz buscou em Husserl as idéias básicas que orientam este campo científico. Primeiramente, a própria idéia do que seja a Fenomenologia, que se refere à suspensão da crença no mundo exterior, colocá-lo em “xeque”, através da redução fenomenológica. O processo de reflexão acerca do mundo, realizado pelo sujeito consciente, dá-se na medida da realização de novas experiências, uma vez que à consciência atribui-se um caráter “concreto”. Nessa concepção, “consciência é sempre consciência de alguma coisa” (SCHÜTZ,1979, p.7), já que as formas de consciência na Fenomenologia de Husserl estão ligadas ao conteúdo das experiências. Portanto, o sujeito, nessa perspectiva teórica, é concebido como um “ser humano consciente, que vive e age em um mundo que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele” (SCHÜTZ,1979, p.7).

O diálogo com a Sociologia parte da concepção de Weber de que essa seja uma “ciência que tenta compreender de modo interpretativo a ação social e através disso explicá-la causalmente através de cursos e efeitos” (SCHÜTZ,1979, p.9). A

² Esta obra é uma seleção de textos de Alfred Schütz, organizada por Helmut Wagner. Para marcar a autoria de Schütz, farei menção, no decorrer do texto, apenas a este autor, e não ao organizador do livro.

ênfase atribuída ao conceito de “ação” como uma conduta humana, é importante na perspectiva difundida por Schütz. O autor atribui ao conceito de ação a condição de “significância” para a pessoa que age. Ou seja, a conduta humana “só é considerada ação quando e na medida em que a pessoa que age atribui um significado e lhe dá uma direção significativa” (SCHÜTZ,1979, p.9-10 [grifo meu]). A perspectiva de Weber indica que a Sociologia deveria discutir o significado subjetivo da conduta social. Atente-se para o fato de que o “significado subjetivo da ação” tem dois sentidos: o próprio significado que o ator atribui a sua experiência, e o significado que a Sociologia, enquanto ciência, atribui à conduta do ator na experiência social. Este segundo sentido caracteriza a idéia do “tipo ideal”, amplamente reconhecida na teoria de Max Weber. Ambas perspectivas foram incorporadas por Schütz em sua teorização. A idéia do “tipo ideal” e a forma como foi utilizada na construção teórica de Schütz será abordada no capítulo que se refere ao método de pesquisa. Importa, aqui, fundamentar as bases para o conceito de mundo da vida, e seus desdobramentos.

Schütz desenvolveu um estudo aprofundado de ambos autores. Ao examinar detalhadamente os conceitos de Husserl, percebeu que este não conseguiu desenvolver um argumento sólido sobre a questão da intersubjetividade ao nível da “Fenomenologia Transcendental”, pois este autor não considerava as questões levantadas pelas Ciências Sociais. Sobre a questão da intersubjetividade, retomou as bases da conceituação de Husserl e desenvolveu uma argumentação sobre os fenômenos de tipificação da vida cotidiana. Acerca da obra de Weber, Schütz ampliou os significados pouco explorados pelo autor, nos moldes da teoria weberiana. Além disso, acresceu a suas argumentações os conhecimentos

providos da Psicologia Fenomenológica, principalmente em relação aos conceitos de “ação subjetivamente significativa”, compreensão através de observação e motivação, entre outros (SCHÜTZ, 1979, p.11-12). Assim, Schütz cria a Sociologia Interpretativa, fundamentada na teoria de Weber, mas que se expande a partir de sua construção. A combinação teórica dessas duas perspectivas indica que Schütz não se ocupou de realizar uma síntese das duas teorizações, mas promoveu uma transformação dos conceitos, apontando a base de uma teoria “fenomenológico-sociológica” auto-suficiente. Nesse sentido, o conceito de mundo da vida, e seus desdobramentos, aparece como fruto desse arranjo teórico.

1.2 O MUNDO DA VIDA

Ao apresentar o conceito de mundo da vida, cabe situar o campo da Fenomenologia de Husserl evidenciando um pressuposto fundamental: a vida dos sujeitos pode ser pensada em duas formas de relação com o mundo. A primeira delas, a atitude natural. Na atitude natural situam-se os fenômenos, as experiências inquestionáveis vividas pelos sujeitos em sua trajetória. É o mundo prático, concreto, em que nos encontramos. Já a reflexão sobre o mundo, a percepção, as significações atribuídas, fazem parte de um “exercício”, que coloca em suspensão os fatos da experiência concreta para questionar, refletir sobre o mundo vivido. Este segundo movimento é chamado de redução fenomenológica. Schütz apresenta claramente essa distinção:

“na nossa vida cotidiana, ou como diz Husserl, ‘do ponto de vista natural’, aceitamos sem questionar a existência do mundo exterior, o mundo de fatos que nos cerca. (...) Mas através de um esforço radical de nossa mente, podemos alterar essa atitude, não transformando nossa crença ingênua no mundo exterior em descrença, não substituindo nossa convicção de sua existência pelo seu contrário, mas suspendendo a crença.” (SCHÜTZ, 1979 , p.58)

A suspensão da crença no mundo vivido permite ao sujeito ter acesso à corrente de consciência em si, tendo contato com a totalidade das significações, percepções e reflexões sobre a sua experiência. No campo da Fenomenologia, a redução fenomenológica estruturou-se como um método de pesquisa, uma forma de analisar as concepções e significações que os sujeitos têm sobre o mundo. Para essa pesquisa, a proposta é compreender a diferença entre atitude natural e redução fenomenológica, a fim de situar as vivências dos jovens, descritas nos diários de usos do tempo, como manifestações de um processo de redução fenomenológica sobre o mundo. Os relatos das vivências cotidianas informam o mundo vivido pelos jovens, considerado o seu mundo real. Porém, ao descrever sua rotina no diário de usos do tempo, a atitude natural é suspensa, dando lugar a um processo de reflexão sobre a sua vivência. Alguns pressupostos sobre a atitude natural, como fundamento do mundo da vida, são destacados por Schütz:

“na atitude natural da vida cotidiana se pressupõe, sem discussão:a) a existência corpórea de outros homens; b) que estes corpos estão dotados de consciência essencialmente similares a minha; c) que as coisas do mundo externo incluídas no meu ambiente e nos de meus semelhantes são as mesmas para nós e tem fundamentalmente o mesmo significado; d) que posso entrar em relações e ações recíprocas com meus semelhantes; e) que posso me fazer entender por eles; f) que um mundo social e cultural estratificado está dado historicamente de antemão como marco de referência para mim e meus semelhantes, de uma maneira tão pressuposta como o mundo natural; g) que, portanto, a situação em que me encontro em todo momento é somente em pequena medida criada exclusivamente por mim.” (SCHÜTZ, 2001, pp.26-27. [Tradução minha]).

Salienta-se o caráter intersubjetivo da atitude natural na vida cotidiana, uma vez que o mundo social é compartilhado, em aspectos concretos e em significados.

A importância da intersubjetividade como forma de significação do mundo da vida será destacada ao longo da obra de Schütz, e caracteriza a sua concepção. Em relação à distinção entre atitude natural e redução fenomenológica, cabe destacar que a intenção da pesquisa que se apresenta é buscar as manifestações das vivências cotidianas dos jovens. Embora o método escolhido para análise destas manifestações não tenha sido o da redução fenomenológica, a atitude da pesquisadora ao trabalhar com os dados pautou-se em uma certa “suspensão” dos fatos, para que possam ser pensados de forma reflexiva. Nas entrevistas realizadas, os jovens são questionados a falar sobre seu cotidiano. Nesse momento, podem ter sido “ativados” esquemas de “colocação entre parênteses” pelos jovens, que os fizeram ter acesso a sua própria consciência acerca de sua rotina. De toda a forma, acredito ser fundamental essa distinção, pois destaco a possibilidade de encontrar as manifestações relacionadas ao gênero expressas neste mundo prático, concreto, vivido pelos jovens.

O mundo da vida, conceito focalizado pela Fenomenologia, é apresentado como um conceito amplo, dotado de certa indeterminação (BOMBASSARO, 1995, p.100). A construção de Schütz acerca deste conceito pauta-se na apresentação de Husserl, encontrando pontos de semelhança entre os autores. Importa aqui destacar o conceito de Schütz para o mundo da vida. Nas palavras do próprio autor, o mundo da vida cotidiana

“significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele agora se dá à nossa experiência e interpretação. Toda a interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de conhecimento à mão, funcionam como um código de referência.” (SCHÜTZ,1979, p.72)

Ao apresentar a definição de mundo da vida cotidiana na obra “As estruturas do mundo da vida”, Schütz define-o como tudo o que há de inquestionável para o sujeito. A realidade fundamental, eminente em suas vivências, é o que caracteriza o mundo da vida. Alguns desdobramentos do conceito de mundo da vida são necessários para a percepção da complexidade desta definição que, à primeira vista, pode parecer simples, mas encerra uma série de concepções fundamentais para o entendimento da proposição. Tomando em consideração a definição de mundo da vida em destaque, temos algumas concepções que merecem ser aprofundadas: a) o mundo da vida como mundo intersubjetivo; b) o mundo social como pressuposto; c) a experiência e interpretação do mundo da vida, ou seja, a significação; d) o estoque de experiências anteriores (ou estoque de conhecimento à mão); e e) a transformação destas experiências em um código de referência.

A primeira concepção destacada já foi mencionada como fundamental nesta perspectiva de compreensão do mundo. A intersubjetividade é elemento-chave para a compreensão do mundo da vida. Intersubjetividade que não se expressa simplesmente em relações “presenciais” entre os sujeitos, mas que concentra também o caráter da relação entre os nossos predecessores, aqueles que organizaram e significaram o mundo que nos é apresentado. As relações entre os sujeitos no mundo da vida foram caracterizadas por Schütz como “relações do Nós”, que são os processos interativos concretos realizados na experiência cotidiana. Estas relações podem ocorrer em situações de comunicação “face a face”, considerada a principal forma de encontros sociais. As situações “face a face” ocorrem entre sujeitos denominados nossos “semelhantes”: “os nossos semelhantes fazem parte de nossa experiência direta: presente, passada ou potencial”

(SCHÜTZ,1979, p.38). Há ainda as relações sociais indiretas, estabelecidas entre contemporâneos anônimos, também chamadas de “relação do Nós indireto”. Na pesquisa realizada, pode-se dizer que as vivências descritas pelos jovens são situações “face a face” vivenciadas por eles. Ao mesmo tempo, a relação de comunicação estabelecida com a pesquisadora e o diário de usos do tempo, que implica registrar a rotina para outra pessoa ler, pode ser considerada uma relação “do Nós indireto”, já que a pesquisadora entra na vida destes jovens simplesmente como uma contemporânea, anônima para eles. Porém, no decorrer da pesquisa de campo, o envolvimento “face a face” com os jovens vai tornando essa relação mais direta.

O segundo ponto de caracterização do mundo da vida apresenta a idéia de que o mundo apresentado ao sujeito já está organizado antes de sua existência, tanto em aspectos físicos como em relação aos aspectos sócio-culturais. Nesse sentido, o mundo da vida cotidiana é apresentado aos sujeitos como “mundo pré-constituído e pré-organizado, cuja estrutura especial é resultado de um processo histórico e diferente, portanto, em cada cultura ou sociedade”. (SCHÜTZ,1979, p.79) Ao situar-se nesse mundo, o sujeito percebe-o como uma rede, em que vão se entrelaçando diversos elementos, adquirindo combinações e sentidos para as inter-relações estabelecidas:

“o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particular, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social (...) é tido como pressuposto pelas pessoas que nele vivem.” (SCHÜTZ,1979, p.80)

A diversidade de signos e símbolos apresentados no mundo social permite ao sujeito estabelecer amplas relações com objetos culturais e outros sujeitos, que vão constituindo significados em sua vivência. Assim, o mundo da vida se apresenta à experiência e significação para o sujeito. A experiência significativa do mundo, no entanto, só é definida como tal após ser vivenciada:

“o conceito de experiência significativa sempre pressupõe que a experiência cujo significado é predicado é uma experiência delimitada, somente uma experiência passada, isto é, uma experiência que é vista em retrospectiva, como já acabada, pode ser chamada de significativa. Só do ponto de vista retrospectivo é que existem experiências delimitadas. Somente o que já foi vivenciado é significativo, e não aquilo que está sendo vivenciado. Pois o significado é meramente uma operação da intencionalidade, a qual, no entanto, só se torna visível reflexivamente.” (SCHÜTZ, 1979, p.63)

O comportamento é considerado a experiência da consciência que atribui significados. O significado, portanto, é um código de interpretação dos eventos, transformando-os em comportamentos. O movimento de reflexão necessária para a atribuição de significado sobre a experiência vivida indica a importância do quarto elemento para a conceituação do mundo da vida: “o estoque de conhecimento à mão”.

O estoque de conhecimento à mão é justamente o código de interpretação das experiências do sujeito. Não é homogêneo, atualiza-se sempre, diante das diferentes vivências que cada sujeito incorpora em seu cotidiano. O estoque de conhecimento também é “ativado” de acordo com as diferentes experiências vividas. A organização do estoque de conhecimento à mão respeita zonas de relevância, que organiza os conhecimentos adquiridos em função de critérios, como clareza, objetividade, ambigüidade, entre outros (SCHÜTZ, 1979, p.74).

Assim, as vivências estabelecidas no cotidiano indicam a transformação das

experiências, relacionadas ao estoque de conhecimento de cada sujeito, em um código de referência para as experiências posteriores. Este ponto é fundamental para a discussão que está sendo realizada neste capítulo. O objetivo é concentrar a discussão na questão do código de referências para as situações do cotidiano dos jovens. A compreensão é de que os códigos de referências são atualizados de acordo com as experiências de cada sujeito, que ativam o estoque de conhecimento à mão. Este estoque de conhecimento é atualizado ao passar a experiência em si, que é interpretada e significada, formando um código de referências para as experiências futuras. Dessa forma, cada nova experiência, que se dá em uma situação biográfica determinada, portanto única, será combinada com fatores que vão somando na significação do mundo pelo sujeito, acrescentando ou reforçando suas concepções.

Ao concluir a apresentação do conceito de mundo da vida, cabe destacar que não é objetivo do texto resenhar à exaustão o conceito, mas sim apresentar os elementos mais importantes para a discussão pretendida nessa pesquisa, e salientar os aspectos mais relevantes da complexidade desta teoria. A apresentação mais “didática” das concepções não teve por objetivo desconsiderar o caráter complexo dos conceitos arranjados de tal forma, mas permitir a compreensão e estabelecer relações com elementos que possam indicar “pistas” para a fundamentação da pesquisa. Este foi um exercício realizado durante todo o trabalho, uma vez que não foram encontradas pesquisas sobre a temática juventude e cotidiano que tivessem como base as “estruturas do mundo da vida”.

O mundo da vida dos jovens, que será apresentado neste estudo, encerra uma

dimensão fundamental para a sua compreensão, que desde muito tempo vem sendo aprofundada em diversas pesquisas: as temporalidades. O próximo desafio é pensar as temporalidades de acordo com os pressupostos de Alfred Schütz, relacionada ao estudo de um nobre autor do campo sociológico: Norbert Elias.

1.3 TEMPORALIDADES NO MUNDO DA VIDA

O mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporalmente. Compartilhando a idéia de Berger e Luckmann (2003), acerca da obra de Schütz, nessa abordagem, a estrutura espacial é pouco relevante, ao contrário da estrutura temporal, que é fundamental para a argumentação a ser desenvolvida, uma vez que a estrutura temporal agrega a dimensão social da relação intersubjetiva, e os esquemas da consciência.³ A realidade cotidiana é vivida num aqui (do meu corpo) e agora (do meu presente); mas “experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal” (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.39). A zona da vida cotidiana incorpora o mundo do trabalho, zona que contém o mundo ao alcance do sujeito, que pode atuar para modificar a sua realidade (idem). Nesse mundo, a consciência do sujeito atua de forma pragmática, ou seja, é determinada pela ação e pelo planejamento da ação.

³Não quero dizer com isso que o conceito de espaço não é importante nessa pesquisa. Mais adiante, ao analisar os dados, esse conceito será fundamental para entender as nuances do uso do tempo. Considero que, na perspectiva que estou adotando, o espaço está subordinado ao tempo, sendo permeado de acordo com as experiências vivenciadas pelo sujeito em cada “agora”.

Na perspectiva de Schütz, a temporalidade é considerada uma propriedade intrínseca da consciência:

“a intersubjetividade na vida cotidiana tem também uma dimensão temporal. O mundo da vida cotidiana tem seu próprio padrão do tempo, que é acessível intersubjetivamente. O tempo padrão pode ser compreendido como a intersecção entre o tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas seqüências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior por outro lado.” (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.44-45)

Segundo Schütz, há diferentes dimensões da temporalidade na vida dos sujeitos. Podemos destacar o tempo subjetivo, o tempo social e o tempo biológico. E a estrutura temporal do mundo da vida é a articulação dessas dimensões:

“A estrutura temporal do mundo da vida se constrói onde o tempo subjetivo do fluxo da consciência (da duração interior) se intersecciona com o ritmo do corpo como ‘tempo biológico’ em geral, e com as estações do tempo do mundo em geral, ou como calendário ou como ‘tempo social’” (SCHÜTZ, 2001, p.64. Tradução minha)

Diante dessa caracterização, cabe apresentar a concepção de Norbert Elias acerca do tempo, com o intuito de buscar, adiante, algumas semelhanças e complementações entre as duas abordagens.

Na obra “Sobre o Tempo”, Norbert Elias propõe uma “sociologia evolutiva” do conceito de tempo ao longo do desenvolvimento das civilizações, observando os diferentes níveis de síntese (capacidade de abstração) empregados na caracterização e utilização do tempo. Demonstra como civilizações primitivas (no sentido de primeiras, mais antigas, sem conotação de inferioridade) requeriam níveis baixos de síntese na forma como caracterizavam e utilizavam o tempo. Isso porque o tempo era informado através de elementos concretos/cíclicos da natureza, como as mudanças no ciclo da lua, os movimentos do dia e da noite, as estações do ano, entre outros.

Na medida em que as civilizações foram se modificando, tornando-se mais “complexas”, nas palavras do autor, a idéia de tempo também foi modificada, empregando níveis mais altos de síntese para a sua compreensão e utilização. O tempo deixa de ser um elemento de “observação” concreta para se tornar algo abstrato, que não se pode perceber diretamente, mas que orienta o cotidiano dos grupos sociais. É o que Elias chama de “processo socialmente padronizado” (1998, p.7). Estamos na época do calendário, dos séculos, anos, meses, dias da semana, horas, minutos, segundos. Cada vez mais se vai utilizando elementos numéricos para simbolizar o tempo.

Uma observação importante do autor, ao longo de toda sua obra, é o caráter regulador com que o tempo foi construído, e a intensificação dessa regulação com o aumento da complexidade do conceito de tempo. Elias também aborda a constituição de um “caráter coercitivo” do tempo nas sociedades de alto nível de síntese, que o leva a ser mais do que um meio de orientação, tornando-se também um “instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humanas” (1998, p.30). Dessa forma, como apresenta o autor, o tempo passa a “encarnar” uma segunda natureza, apesar de ser, evidentemente, um construto social.

Juntamente com essa idéia está a do caráter instrumental do tempo, de um meio de orientação que, em diferentes épocas históricas, com diferentes instrumentos, apresenta o mesmo objetivo: “os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos” (ELIAS, 1998, p.8).

Pensando nas relações entre o conceito de tempo e as modificações relacionadas às transformações da sociedade, Thompson (1991) apresenta um estudo sobre a relação entre a vivência do tempo e a disciplina do trabalho com o advento do capitalismo industrial. Em muitos pontos, a apresentação do autor se assemelha (e complementa) à abordagem de Elias. O recurso utilizado por Thompson, nesse artigo, é “pinçar” elementos do cotidiano da sociedade inglesa dos séculos XVII e XVIII (cartas, publicações de diários, pesquisas antropológicas, documentos) para demonstrar como o tempo foi “transformado em dinheiro” pelo capitalismo. Evidencia-se a utilização do relógio, como o instrumento regulador do trabalho e das vidas humanas.

A argumentação do autor apresenta como o tempo era marcado entre os povos primitivos em relação à duração dos ciclos de trabalho e das tarefas domésticas. São as relações estabelecidas pelo que Thompson chamou de “obrigações da profissão” (1991, p.48). Nesse contexto, o trabalho atende a necessidades concretas, não está distinto da vida do trabalhador e, por isso, não poderia ser orientado/regulado simplesmente pelo relógio.

Mas essa mudança na relação entre tempo e trabalho é observada com o desenvolvimento da produção industrial e da compra dos “braços de trabalho”. Uma vez expropriado o trabalho, este perde conexão com a vida do sujeitos (é muito diferente plantar alimentos que servirão para a alimentação da família do que apertar parafusos de uma peça que não se sabe exatamente o que é) e orienta-se por uma disciplina muito mais reguladora do tempo. O que é levado em consideração, nesse momento, não é mais a obrigação (plantar as sementes na época correta), mas a

utilização mais eficaz e eficiente do tempo para a produção (apertar cada vez mais parafusos em um dia). A dinamicidade e a sincronização do uso do tempo em uma indústria são fundamentais para que cada vez mais objetos sejam produzidos. Surge, então, a divisão do trabalho (não se faz um produto inteiramente, mas cada pessoa é responsável por produzir uma parte dele – a imagem da linha de montagem).

Essa vivência com o tempo não permanece apenas nas fábricas. Ela se estende para toda a sociedade. Por isso, fala-se que um elemento significativo para se entender as mudanças nas relações com o tempo foi a industrialização, porque ela instaura outro padrão de vivência do tempo para todo o grupo social.

Alguns pontos comuns orientam a abordagem de Norbert Elias à de Alfred Schütz. Evidentemente, trata-se de perspectivas diferentes, com objetivos diferentes em relação ao seu propósito. O objetivo deste texto é justamente colocar lado a lado ambas concepções e buscar em cada autor os principais elementos para as argumentações futuras. Considero a Sociologia evolutiva da noção de tempo fundamental para compreender a dinâmica do tempo como um construto social. Ao mesmo tempo, a perspectiva da estrutura temporal, apontada por Schütz indica uma possibilidade de perceber as interfaces das diversas dimensões do tempo na vida cotidiana, possibilitando ao sujeito perceber-se no mundo vivendo diferentes dimensões da temporalidade.

Um ponto comum na abordagem de ambos autores, que é muito enfatizado em nas duas abordagens é a questão do constrangimento do tempo sobre os sujeitos. A

estrutura temporal é coercitiva, uma vez que impõe ao ritmo do corpo uma sucessão de eventos do mundo exterior. O princípio da regulação do tempo externo é também enfatizado por Elias, e indica uma certa incongruência, uma vez que o tempo é considerado um artefato social, construído culturalmente, e torna-se um regulador social, especificamente um auto-regulador dos sujeitos.

Aponto este como o tópico fundamental da aproximação das perspectivas de Schütz e Elias. Considerar o tempo um elemento construído socialmente, dar à estrutura temporal diferentes dimensões, de acordo com a relação do sujeito no mundo, perceber seu caráter coercitivo, de regulador das condutas humanas, são características que informam o sentido da posição assumida nessa pesquisa: a da importância deste conceito para a compreensão dos códigos de referência do mundo da vida dos jovens.

2 JUVENTUDES

Certamente não se trata de encontrar uma única definição válida em todos os quadrantes e todas as épocas. Como as demais épocas de vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de *limite*. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e poder. Nesse sentido, nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas. (LEVI; SCHMITT, 1996, p.7- 8)

A complexidade do humano pode ser expressa através da divisão das etapas da vida. Em nossa sociedade, o dado cronológico da idade (tempo vivido) é um dos indicadores que define essas etapas. Contudo, seres complexos não podem ser classificados apenas por uma marca temporal. Por isso, as etapas da vida foram pensadas em diferentes momentos históricos e de acordo com a configuração das sociedades. A demarcação e a caracterização de cada etapa assume uma especialidade e peculiaridade em função da época vivida. A etapa da vida que analiso talvez seja a mais controversa. Entre a infância e a vida adulta, há um “entrelugar”, um “não ser mais” e um “ainda não ser”, que se tornou objeto de estudo no campo da Sociologia desde o século XX. Primeiramente, esse momento da vida se torna objeto de análise da Psicologia e da Psicanálise, em que são pensados os processos individuais pelo qual passam os sujeitos – chamados adolescentes – e suas mudanças corporais, marcadas pela puberdade.

A adolescência – que se inicia com a puberdade e com o “afloramento hormonal” – é caracterizada por uma etapa de crise, de profunda transformação do

sujeito, em virtude da transição do mundo da infância ao mundo adulto. A crise, explicada em parte pelos hormônios manifestos e pela sexualidade em ebulição, também é tratada como o momento de constituição da identidade do sujeito, ou como o momento de consolidação de uma identidade “adulta”, mais definitiva (OUTEIRAL, 2003). O tratamento dado pela Psicologia e pela Psicanálise à problemática da adolescência revela certo aspecto individualizante – o adolescente em sua crise existencial – e seus desdobramentos: o desenvolvimento da sexualidade, o envolvimento com drogas, a agressividade, a contestação e a rebeldia.

Durante minha formação, tive contato com algumas abordagens sobre a questão da adolescência. Um autor que chamou minha atenção em virtude de suas argumentações foi Contardo Calligaris (2000). A discussão desse psicanalista traz os elementos dimensionados acima na abordagem da adolescência, mas apresenta uma possibilidade que é enfatizada por mim neste estudo: a dimensão cultural e social. Na discussão desenvolvida por Calligaris, a adolescência não é estudada apenas focalizando o sujeito – adolescente – individualmente. Inclusive, a abordagem do autor refere que a adolescência só existe porque o adulto não reconhece aquele sujeito que já não é mais criança como um adulto. O movimento dinâmico com que esse autor enfatiza o processo da adolescência me fez pensar que esta seria uma primeira aproximação à dimensão sociológica que enfatizo, justamente porque Calligaris denomina a adolescência como uma espécie de “moratória” ao jovem (seguindo ERIKSON, 1987), uma vez que, tendo corpo de adulto, este não é reconhecido como tal no grupo social, e todo o embate com o adulto (a rebeldia, a contestação, os “bandos”, a violência, o afloramento da

sexualidade) decorre dessa busca de reconhecimento. Porém, este “tempo de suspensão” ainda é pensando a partir do sujeito, numa abordagem individual, em que se considera a dimensão social, mas esta não é enfatizada no processo de desenvolvimento da adolescência.

Em relação às idades, adolescência e juventude se confundem. Para alguns autores, a adolescência é o período que vai do início da puberdade até cerca de 18 anos, ficando a juventude caracterizada na faixa etária seguinte (até mais ou menos 24 anos). O Estatuto da Criança e do Adolescente indica a adolescência dos 12 aos 18 anos, sendo o sujeito considerado adulto (perante a lei, ou “maior de idade”) após os 18 anos. As estatísticas oficiais produzidas pelo IBGE⁴ incluem a População em Idade Ativa (PIA) a partir dos 10 anos de idade, sendo que o segmento juvenil, neste caso, engloba a população entre 10 e 24 anos. Para a produção de estatísticas sobre a questão do emprego e do desemprego, por exemplo, esse grupo está separado em três faixas: de 10 a 12 anos – os adolescentes; de 13 a 18 anos – os adolescentes-jovens; e de 19 a 24 anos – os jovens-adultos (POCHMANN, 2001). Os organismos internacionais, como a ONU⁵, indicam a faixa etária de 14 a 24 anos como formando o segmento juvenil (SPOSITO & CARRANO, 2003), mas tem-se conhecimento de que há uma variabilidade nesta categorização de acordo com cada país. Autores têm registrado um movimento, atualmente, de prolongamento da juventude em diversos países, conforme Frigotto (2004)⁶.

O grupo que participou da pesquisa concentra-se na faixa etária de 15 a 18

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ Organização das Nações Unidas.

⁶ Segundo esse autor, a literatura informa que há países que consideram o segmento juvenil, atualmente, composto por indivíduos de até 32 ou 34 anos de idade. Esse movimento seria explicado, por Pochmann (2004), como sendo decorrência, também, do aumento da expectativa de vida.

anos. Diante da discussão acerca da questão da idade, esta faixa etária permite o “enquadramento” destes estudantes na fase da juventude. Como a intenção não é realizar um enquadramento de acordo com o ano de nascimento, foram eleitos conceitos da abordagem sociológica para caracterizar as juventudes, levando em consideração não apenas suas idades, mas as implicações teóricas de utilizar cada um dos termos – adolescência ou juventude – e o objetivo de meu trabalho. Primeiramente, será apontada a opção pelo termo juventudes. Em seguida, realizarei um aprofundamento dos estudos da Sociologia da Juventude, chegando aos autores contemporâneos, que trazem a marca da diversidade para a compreensão deste grupo social.

2.1 PARA ALÉM DE UMA TROCA DE PALAVRAS: O CONCEITO DE JUVENTUDES

Em virtude de o termo adolescência trazer uma marca calcada na Psicologia, optei por utilizar o termo *juventudes*. Isso porque esse termo está caracterizado por uma dimensão histórica e sociológica, como um “problema da modernidade” (ABRAMO, 1994) e por estender a abordagem, não se limitando aos processos individuais vividos pelos “adolescentes-jovens”. Com isso, não quero desconsiderar os importantes ensinamentos a respeito desse processo, que é objeto de estudos há tempos pelas correntes da Psicologia e da Psicanálise, nem tampouco deixar de observar a dimensão de singularidade e individualidade presente na vida de cada jovem. A escolha dos termos “juventudes” e “jovens” (no masculino, mas referindo-

se a ambos os sexos) se faz, então, em virtude da necessidade de adequar os objetivos do estudo (de orientação sociológica) aos conceitos presentes para análise. A partir deste momento, utilizarei os termos “juventudes” e “jovens” em minha elaboração teórica e metodológica e, em seguida, tratarei de construir uma conceituação desses termos em função dos estudos que tenho realizado. Também esclareço que a utilização de “juventudes” não é ocasional, mas, assim, pretendo indicar a dinâmica complexa do conceito, em virtude da pluralidade juvenil de nosso tempo e da pluralidade de caracterizações das juventudes ao longo da história. Como não se trata de um fenômeno único, a indicação do termo no plural pretende marcar esse reconhecimento.⁷

O percurso de estudo sobre as juventudes começou a ser delineado a partir da análise de uma obra que marca, na década de 1960, os estudos sociológicos da questão. A “Sociologia da Juventude” está dividida em quatro volumes, com subtítulos que informam as problemáticas tratadas: i) “Da Europa de Marx à América Latina de Hoje”; ii) “Para uma Sociologia diferencial”; iii) “A vida coletiva juvenil”; iv) “Os movimentos juvenis”. Uma reunião de textos de pesquisadores de diversas partes do mundo, além de clássicos como Marx e Trotsky, pretende colocar a questão da juventude como um problema social, portanto, analisado pela Sociologia. Alguns textos marcam as caracterizações das juventudes na década de 1960, sobretudo os do primeiro volume. Outros trazem discussões conceituais específicas, como a questão da juventude operária, das relações com a escola, entre outras temáticas abordadas. Não é meu objetivo resenhar as obras aqui, mas

⁷ Frigotto (2004), ao analisar a relação entre juventude, trabalho e educação, indica a necessidade da utilização do termo “juventudes”, em virtude de não se ter um conceito unívoco de juventude, bem como das diferenças de classe social, gênero, raça e etnia, religião, etc.

simplesmente trazer os principais elementos para a discussão.

A juventude é um problema da sociedade moderna. Essa afirmação foi feita por uma série de autores (Mannheim, Abramo, Flitner) para indicar que o processo de análise das juventudes no campo da Sociologia data de nosso tempo (ou daquele tempo...). Alguns pesquisadores se interessaram por ultrapassar as pesquisas psicológicas que vinham sendo realizadas durante o século XIX e início do século XX, como Stanley Hall, que aplicou a teoria evolucionista de Darwin ao desenvolvimento humano, focalizando a questão da adolescência (GRINDER; STRICKLAND, 1968). Aos poucos, as pesquisas se iniciam, retomando autores como Pestalozzi e Rousseau, caracterizados como teóricos que contribuíram para a discussão sobre a juventude. No entanto, até o período entre as duas guerras mundiais, não haviam sido registrados estudos sobre a questão das juventudes no âmbito da análise sociológica (FLITNER, 1968).

Mannheim (1968) aborda a questão da juventude sob o prisma da Sociologia inicialmente questionando o significado da juventude na sociedade, e informando que juventude e sociedade são recíprocas, uma vez que a configuração da sociedade é apontada como determinante do que deva ser ensinado aos jovens, e do que se espera das juventudes. Segundo esse autor, os significados das juventudes são diferentes nas sociedades; e, sendo assim, a caracterização dos jovens como agentes revitalizadores da sociedade deve ser analisada de acordo com a estrutura social que pode potencializar, ou não, a mobilização dessa atuação juvenil. Escrevendo sob os tempos de guerra, Mannheim indica que a mobilização dos recursos latentes das sociedades era fundamental para a sobrevivência dos

países naquele período. Em sua argumentação, os jovens fazem parte do potencial latente de uma sociedade.

Além da caracterização da crise (advinda das abordagens da Psicologia), a idéia de juventude como um estado transitório, uma fase da vida, é complementada, até se pensar nesse grupo como um segmento da população (ROSEN MAYR, 1968), instaurando a idéia de jovens enquanto um grupo social. A abordagem de Mannheim indica que o momento da juventude (adolescência, como chama o autor) proporciona o contato do jovem com o mundo social (adulto), e isso revela a ele um mundo novo:

Na fase da adolescência, [o jovem] entra em contato com a vizinhança, a comunidade e certas esferas da vida pública. Assim, o adolescente não está apenas biologicamente num estado de fermentação, mas sociologicamente penetra num mundo em que os hábitos, costumes e sistemas de valores são diferentes dos que até aí conhecera. (1968, p.75)

O processo de contato com um novo mundo também foi abordado através da questão do trabalho. Ao analisar a juventude operária, Keil, Riddell e Green (1968) indicam as pesquisas que discutiram o ajustamento ao trabalho como parte do processo de socialização dos jovens e as relações entre o mundo da escola e o mundo do trabalho. Segundo esses autores, essa transição provoca um certo “choque”, pois as expectativas trazidas da escola entram em conflito com a realidade encontrada no trabalho. Ainda de acordo com os autores, a análise da relação entre escola e trabalho deve ser dimensionada na perspectiva de um processo mais amplo, de socialização.

Percorrendo alguns estudos sobre as juventudes em nosso país, a produção brasileira tem destacado, a partir da década de 1990, autores importantes para o

diálogo⁸. Filiados à dimensão sociológica e histórica na abordagem das juventudes, diversos pesquisadores orientaram seus trabalhos para esse grupo social, buscando destacar as “marcas” deste. Em geral, foram realizados estudos sobre segmentos juvenis específicos: os “darks” e os “punks” (ABRAMO, 1994); os “rappers” e os “funkeiros” (DAYRELL, 2001); os jovens pobres (SARTI, 1999; 2004), entre outros. O estilo dos grupos juvenis identificado com a música é uma marca em muitas produções nas quais se observa a juventude brasileira. Entretanto, a juventude trabalhadora e estudantil também é analisada. Os contextos de produção de políticas públicas para esse segmento etário também são considerados na produção acadêmica (SPOSITO; CARRANO, 2003).

Abramo (1994) traz elementos significativos para pensarmos a questão das juventudes. Tanto do ponto de vista histórico quanto da caracterização das juventudes, a autora contribui para a análise desse fenômeno no campo sociológico. Ao retomar o desenvolvimento da análise sobre as juventudes em relação ao estabelecimento de uma cultura juvenil, cita o período do pós-guerra como instaurador de uma nova condição juvenil, relacionada à valorização do tempo livre e ao lazer e à aquisição de direitos sociais, como a extensão da escolarização obrigatória. Dessa forma, a etapa entre a infância e a vida adulta ganha visibilidade:

De modo geral, historiadores e sociólogos concordam em apontar as mudanças ocorridas no pós-guerra – principalmente aquelas vinculadas ao novo ciclo de desenvolvimento industrial e às medidas sociais do *welfare state* –, como os fatores que criaram as condições para a configuração de uma nova condição juvenil. (ABRAMO, 1994, p.28)

Por conta dessa visibilidade, afirma a autora, a condição juvenil começa a ser a

⁸ Cabe salientar que toda a revisão bibliográfica está orientada para a análise das juventudes no segmento urbano. Reconheço que há uma especificidade própria das juventudes vividas no meio rural, e não cabe trazê-la neste momento, já que o foco do trabalho é o cotidiano dos jovens da cidade de Porto Alegre.

condição estudantil, principalmente no Brasil, em que os jovens começam a ser percebidos, por volta da década de 1970, como agentes de mudança social. A atuação dos movimentos estudantis expressa a mobilização juvenil na época da ditadura militar brasileira.

Em outra obra, Abramo (1997) salienta que a visibilidade da condição juvenil aparece um tanto “desfocada” em nossa sociedade. Segundo a autora, a tematização sobre a juventude no Brasil não tem considerado os jovens como sujeitos, principalmente por estar diante da premissa da juventude como problema social e de considerar os jovens como sujeitos incapazes de atuarem nas proposições referentes ao segmento juvenil. Como destaca Abramo, ainda persiste a tematização social da juventude no Brasil amparada na sociologia funcionalista, que considera a juventude em relação ao processo de socialização vivido e suas disfunções. Peralva (1997) também recorre à discussão da Sociologia da Juventude como “Sociologia do desvio”, indicando que jovem é aquele que se integra mal e que resiste ao processo de socialização, sendo o comportamento desviante inerente à experiência juvenil. Mais uma vez, encontra-se a dimensão da negatividade – o não ser, ou não estar apto a realizar – e a questão do jovem como problema social na caracterização da juventude: “a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como problema” (ABRAMO, 1997, p.29). Ressalto, aqui, que não se trata de concordância das autoras com tais pontos de vista, tampouco este estudo pretende situar a experiência juvenil como ênfase do comportamento desviante. Tais considerações expressam o percurso teórico de análise que a Sociologia da Juventude produziu ao longo do tempo.

A juventude como problema social foi abordada na análise de Sposito e Carrano (2003) sobre as políticas públicas “de-para-com” os jovens no Brasil. De acordo com os autores, a própria condição juvenil apresenta-se como um problema, e as políticas públicas podem contribuir para instaurar novas representações sobre a juventude.

Retomando as concepções presentes na caracterização das juventudes, Dayrell (2003) indica algumas imagens da juventude em nosso cotidiano. Uma primeira imagem está relacionada à sua condição de transitoriedade, visualizando o jovem como um “vir a ser”. Assim, o tempo da juventude é encarado como de preparação, de provisoriedade, um caminho, uma passagem para a vida adulta.

Outra imagem diz respeito à visão romântica da juventude como um “tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos” (DAYRELL, 2003, p.41). Essa visão se ampara, talvez, nos movimentos *hippies* das décadas de 1960 e 1970, em que ser jovem estava dimensionado na busca pelo prazer e pela independência. De certa forma, a idéia das juventudes como um “tempo de suspensão”, como aborda Calligaris (2000), reforça a visão romântica da permissão para expressar suas idéias através do comportamento, das roupas etc., sem ter de se responsabilizar totalmente pelas conseqüências dessas atitudes.

A terceira imagem da juventude destacada por Dayrell está relacionada ao modo de percepção do jovem como restrito ao campo da cultura, “como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais” (2003, p.41). Atualmente, a mobilização em torno de um conceito empregado de forma duvidosa por muitas ações voltadas para jovens – o

protagonismo juvenil – parece indicar que a dimensão juvenil é a dimensão da cultura, relacionando, de forma a tornar quase sinônimos, juventude e cultura. Aceito a dimensão cultural como muito importante na caracterização da juventude e na expressão da cultura juvenil. Mas é preciso buscar outras dimensões do cotidiano em que a condição juvenil é dimensionada e, nesse sentido, saliento o a educação e o trabalho como espaços para essa vivência.

A última imagem da juventude abordada por Dayrell retoma uma caracterização recorrente do segmento juvenil: o momento de crise. Conforme o autor, a juventude é marcada como “uma fase difícil”, de conflitos com a auto-estima e com a personalidade. Discutindo a questão da crise potencial das juventudes, Abramo indica que o embate vivido pelo jovem, ou a crise juvenil, se caracteriza por uma manifestação coletiva – diferentemente do processo de crise da adolescência, que tem uma manifestação individual – relacionada à “dificuldade de entrar no mundo adulto, de adequar-se às suas normas e instituições, levando ao questionamento destas” (1994, p.14). As pesquisas realizadas por Dayrell, com jovens de Belo Horizonte, revelam que a crise vivida pelos jovens se manifesta na “saída” da juventude e não na “entrada”, como comumente se observa nas teorizações sobre jovens e adolescentes. A necessidade de assumir uma postura de adulto parece ser muito mais conflitante para os jovens da pesquisa do autor do que a vivência juvenil.

Esse breve panorama sobre a teorização da juventude no campo da Sociologia tem a intenção de indicar a caracterização da juventude que assumo nesta pesquisa. Primeiramente, compartilho a definição proposta por Dayrell:

... entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se

reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. (2003, p.42)

Ao destacar o conceito de juventudes pretendo enfatizar a compreensão desse grupo social como um segmento da população, com características específicas, levando em conta a pluralidade de experiências dessa etapa da vida. Na procura por ultrapassar a idéia das juventudes como uma transição ou um problema, dotados de negatividade, busco caracterizá-la em sua constituição plural, em que os aspectos de gênero, raça e etnia, classe social, religiosidade estão presentes em sua definição. Por isso, falo em juventudes, reconhecendo-as em sua dimensão de complexidade, que é própria do humano. A demarcação etária desse segmento da população é importante, mas não é considerada fundamental, pois a vivência de determinada etapa da vida acaba superando o tempo cronológico que está sendo vivido, de acordo com a história de cada sujeito, bem como das características do grupo social em que está inserido.

Diversas abordagens contemporâneas têm enfatizado uma dimensão das juventudes em relação à diversidade. Pais (2003), ao apresentar suas concepções sobre o tratamento sociológico dos problemas sociais das juventudes, indica que as juventudes, tratadas como um problema social, precisam ser repensadas em termos de uma problematização sociológica. A idéia é perceber se “os problemas de inserção profissional, os problemas de falta de participação social, os problemas da delinqüência, os problemas com a escola, os problemas com os pais (...) sentirão os jovens como estes seus problemas?” (PAIS, 2003, p.34). A dimensão destacada implica perceber os jovens em seu cotidiano, nas suas formas de relação com o mundo, e não antecipar problemas sociais como manifestações características das juventudes, tampouco expressões de uma cultura juvenil. Em sua caracterização,

Pais sintetiza as significações das juventudes em dois eixos semânticos: o primeiro, caracteriza as juventudes em torno de uma “aparente unidade”, quando se refere a uma etapa da vida; o segundo a aborda como diversidade, considerando os atributos sociais que diferenciam a caracterização dos jovens:

De fato, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma *fase da vida*. (PAIS, 2003, P.42)

Entendo que a busca pela heterogeneidade, ao invés da homogênea classificação em torno das juventudes, é um desafio ao tratar-se da questão no âmbito sociológico. Carrano (2001) também enfatiza a questão das juventudes como um problema, seguindo a linha das proposições de Pais. Indica a presença de uma “monocultura analítica”, que não problematiza “as condições concretas de existência e os sentidos culturais das ações dos jovens” (idem, p.24), proporcionando certa distorção na compreensão das juventudes contemporâneas. Em relação ao mundo da vida dos jovens, abordarei em seguida as dimensões fundamentais para a análise dos dados da pesquisa: o grupo doméstico, a escola, o trabalho e o gênero.

2.2 DIMENSÕES DAS JUVENTUDES NO MUNDO DA VIDA: GRUPO DOMÉSTICO, ESCOLA, TRABALHO E GÊNERO

O mundo da vida, conforme apresentado no capítulo anterior, é um mundo intersubjetivo que se apresenta à nossa experiência e interpretação. Em relação aos jovens, algumas dimensões de seu mundo foram destacadas para dar atenção do

ponto de vista teórico. Primeiramente o grupo doméstico, por tratar-se do espaço de socialização inicial da vida dos sujeitos, e por estabelecer as primeiras significações sobre o mundo. Em seguida, a escola e o trabalho: a escola vista como a possibilidade de formação e o trabalho abordado em duas dimensões: doméstico e formal. Os aspectos de gênero serão situados em relação aos três elementos, em que procurarei demonstrar como se configura em cada dimensão do mundo da vida juvenil. Para a organização do texto, serão abordadas as três dimensões – grupo doméstico, escola e trabalho – separadamente. Porém, reconheço a inter-relação entre as três, e é percebido que no cotidiano dos jovens há uma dinâmica relação entre estas três esferas.

Sarti (1999, 2004) considera a família o alicerce da identidade dos sujeitos. Pesquisadora das relações familiares, especificamente em contextos de pobreza, a autora analisa a dinâmica estabelecida na relação família e jovens, de forma a contribuir para a discussão. Tendo como pressuposto de estudo a necessidade de manter uma “vigilância epistemológica” constante em relação às famílias, Sarti informa que é difícil “estranhar” as relações familiares, já que todos, de alguma forma, as vivenciamos em nosso cotidiano e construímos uma significação do que seja a família. Para evitar uma naturalização da organização familiar, a análise das relações familiares precisa ser dimensionada na perspectiva de relações sociais.

Assumindo as múltiplas formas de organização familiar, que rompem a idéia de família nuclear da Modernidade, observamos os seus diferentes contextos na contemporaneidade. A análise de Fonseca (2000), em uma vila de Porto Alegre, demonstrou que os sistemas familiares são compostos por “unidades mãe-filhos”,

taxas altas de instabilidade conjugal e recasamento, circulação de crianças, entre outros. Diante de diversas configurações familiares, alguns autores buscam nomeações diferentes para esse contexto, pois a idéia de “família” carrega o sentido de uma unidade formada por pai, mãe e filhos. Duque-Arrazola (1997), por exemplo, indica a terminologia “grupo doméstico” para nomear essas diversas configurações familiares. Utilizarei esse termo para caracterizar as famílias dos jovens, respeitando as diversas configurações familiares.

A importância da família para os sujeitos é indicada por Sarti pelo fato de a família, qualquer que seja sua composição, ser “o filtro através do qual se começa a ver e significar o mundo” (1999, p.100). Assim, as funções de socialização e compreensão do mundo são exercidas inicialmente no grupo doméstico, para depois serem assumidas pela escola, por exemplo. Ainda, segundo a autora, é importante destacar a mudança do lugar do feminino na família nas últimas décadas. As relações familiares podem ser pensadas na perspectiva do gênero. Esse conceito é entendido como uma relação que organiza as experiências sociais em função da diferenciação cultural entre os sexos, materializando “relações de poder, apoiadas em assimetrias, hierarquias, significações desiguais entre o masculino e o feminino, revestidas de aparente consenso, apesar das contradições, conflitos e resistências que as perpassam” (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p.351). A demarcação dos “papéis”⁹ masculinos e femininos obedece à lógica de gênero em diversos grupos sociais. Pode-se perceber essa diferenciação nas relações familiares, uma vez que o comprometimento com o trabalho doméstico é pensado como função feminina,

⁹ Embora tenha usado aqui esse termo, não sou favorável à concepção de que haja um papel que cada sujeito assume em sua vida. Seguindo os estudos Oliveira, Guanaes e Costa (2004) o termo “posicionamento” traz uma idéia mais dinâmica a esta discussão. Porém, ao indicar as análises referentes ao gênero, estas reiteram posições fixas, enrijecidas pelas relações de poder. Daí a opção pelo termo “papéis”.

enquanto o trabalho formal e remunerado é obrigação masculina (SARTI, 1989; HEILBORN, 1997). Embora tenhamos situado, em nossas pesquisas, atividades de trabalho doméstico realizadas por meninos, estas são compreendidas como ajuda dada à manutenção da casa, em função de estes ainda não trabalharem fora de casa (CARVALHO; MACHADO; ROSA, 2004). A lógica de gênero presente nas relações familiares indica a presença de um princípio analisado por Sarti (1989) e Heilborn (1997) nas organizações familiares: a reciprocidade. Segundo as autoras, o contexto familiar é vivido na dimensão de gênero em função de relações que indicam papéis recíprocos que cada sujeito deve desempenhar. Talvez, atualmente, a divisão dos “papéis” obedeça não apenas ao imperativo do gênero, mas esteja em consonância também com a idade, pois se observa que, em geral, adultos (homens e mulheres) pobres se responsabilizam pelo trabalho formal remunerado, enquanto crianças e jovens dividem suas rotinas de estudo com a manutenção da casa e cuidado de crianças menores¹⁰. Entendo que estes dois conceitos, gênero e reciprocidade, são fundamentais para pensarmos as relações entre os jovens no grupo doméstico, e também tenho observado como gênero é dimensionado nas relações cotidianas do estudo e do trabalho pelos jovens. Seguindo a idéia de abordar o gênero como um elemento fundamental na organização do cotidiano dos jovens, a idéia é perceber se este conceito se constitui em um código de referência no mundo da vida dos jovens.

A vida cotidiana dos jovens que participaram dessa pesquisa inclui a rotina das

¹⁰ Não quero desconsiderar a presença da divisão por gênero nas relações entre trabalho formal e doméstico, mas as pesquisas que realizamos constatam a presença de meninos e meninas ocupados, em alguma parte do seu dia, com atividades de trabalho doméstico. Porém, indicamos em nossos estudos que essas atividades são entendidas pelas meninas como “obrigação” e pelos meninos como “ajuda”, o que reitera a reciprocidade de gênero nesta organização. (CARVALHO; MACHADO; ROSA, 2001)

atividades na casa e na escola. Para alguns, ainda, o trabalho formal também aparece, compondo uma “tríade” diária. O processo de escolarização por que passam estes jovens – estudantes do Ensino Médio – lhes oferece uma formação geral, com vistas a projetarem-nos ao mercado de trabalho e incluí-los no Ensino Superior. Atualmente, muitas iniciativas do poder público têm sido relacionadas às juventudes. Cresce o número de discussões entre os teóricos em relação às políticas públicas “de-para-com” juventudes, o que também pressiona os governos a colocarem estas questões na agenda dos projetos e discussões. Dessa forma, tanto em âmbito federal quanto em âmbito municipal, surgem secretarias específicas para tratar das questões das juventudes. Potencializar as políticas para os jovens, em termos de melhorias na educação, na formação para o trabalho e também para o investimento cultural tem sido alguns dos projetos apresentados na cidade de Porto Alegre. Iniciativas nacionais de elevação da escolaridade, como o Programa Pró-Jovem, que oferece uma bolsa de estudos para jovens concluírem o Ensino Fundamental, também têm demarcado a atenção dada aos jovens pelos governantes¹¹.

Assim, a relação escola-trabalho é marcada por um contexto maior, de políticas que não descartam a necessidade de sua melhoria, de discussão aprofundada da situação juvenil em relação a estes fenômenos (SPOSITO, 2005; GUIMARÃES, 2005). Algumas idéias destacadas por Pochmann (2001), que discorrem acerca das alterações do padrão ocupacional dos jovens no período recente, são fundamentais para pensar a questão da relação entre escola e trabalho. Segundo o autor,

¹¹ Ressalto essas experiências apenas como exemplos, não querendo enfatizar como as únicas iniciativas, tampouco avaliá-las. O objetivo é apenas situar algumas propostas que, nos últimos anos, têm sido destacadas pelos governos em relação às juventudes.

“destaca-se uma crescente instabilidade do padrão ocupacional do jovem diante da baixa capacidade da economia brasileira de gerar postos de trabalho mais qualificados e em grande quantidade” (2001, p.212-213). A instabilidade e a precariedade dos postos de trabalho criados para os jovens configuram uma situação de pouco proveito para o desenvolvimento juvenil. Além disso, Frigotto (2004) aponta que precisamos caminhar em direção ao financiamento da inatividade juvenil pelo Estado, uma vez que muitas inserções no mercado de trabalho, ainda em idade escolar, acontecem pelo fato de os jovens terem de contribuir para a manutenção e o desenvolvimento do grupo doméstico.

Nessa composição entre escola, trabalho e grupo doméstico, o gênero também aparece, indicando uma outra face. Estudos que conjugam estes fatores indicam que há um forte componente de gênero nesta relação, salientando a permanência maior de moças na escola, enquanto os rapazes são chamados a buscar emprego para contribuir com as despesas familiares (HEILBORN, 1997; DUQUE-ARRAZOLA, 1997). Novamente, o princípio de reciprocidade atua para demarcar as trajetórias juvenis. A análise do cotidiano dos jovens porto-alegrenses permitirá perceber se a relação entre gênero, grupo doméstico, escola e trabalho acompanha a discussão apresentada aqui, ou evidencia novas perspectivas.

3 A PESQUISA

Nesse capítulo, apresentarei as questões e objetivos de pesquisa, a teoria que fundamenta o método utilizado e descreverei as técnicas empregadas na coleta de dados. Conforme mencionado na introdução, a questão de pesquisa e o método de investigação apresentado no Projeto de Dissertação sofreram alterações em virtude das recomendações da banca examinadora do projeto. Considero essa pesquisa muito diferente daquela, inicialmente projetada. As modificações foram implementadas com o intuito de tornar a pesquisa “exeqüível”, e “transformá-la” em uma Dissertação.

A reestruturação da pesquisa fez com que a pergunta central da investigação fosse alterada, a amostra fosse redimensionada e as técnicas de coleta de dados fossem novamente estruturadas. Nesse estudo o problema ou pergunta central da pesquisa é *como o cotidiano de jovens estudantes do Ensino Médio é estruturado, em relação aos aspectos de gênero e ao tempo de estudo e trabalho?* De acordo com essa questão, os objetivos da pesquisa foram:

- Conhecer detalhadamente os usos do tempo de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre;
- Analisar os usos do tempo em relação ao gênero;
- Analisar especificamente os tempos de estudo e de trabalho (doméstico e formal) dos jovens;
- Depreender os códigos de referência presentes no mundo da vida destes jovens.

A pesquisa foi estruturada levando em consideração as teorias que fundamentam os estudos sobre usos do tempo e também a teoria de Alfred Schütz sobre as estruturas do mundo da vida. Cabe retomar os aspectos principais destas duas perspectivas teóricas.

Os estudos sobre usos do tempo foram constituídos para analisar como as pessoas utilizam seu tempo, quais atividades elas realizam durante seu dia e quanto tempo despendem para cada atividade. Essas pesquisas surgiram para pensar aspectos específicos da vida humana, especialmente relacionados ao trabalho.

Com o objetivo de fundamentar políticas de desenvolvimento, muitos países adotaram a realização de *surveys* nacionais de uso do tempo periodicamente. Na Índia, como informa Hirway (1999), os orçamentos de tempo passaram a ser utilizados como forma de captar as ocupações dos sujeitos em economias informais, uma vez que as estatísticas oficiais somente contemplavam atividades remuneradas e comerciais, com o objetivo de fomentar o planejamento de políticas públicas.

Há uma diversidade de métodos utilizados para a investigação dos usos do tempo. Segundo Harvey e Pentland (1999, p.4), temos: métodos qualitativos, incluindo a etnografia; observação direta; *surveys* de duração e frequência de atividades; diários do tempo. Conforme os autores, este último proporciona uma maior compreensão dos dados coletados.

No Brasil, entre as investigações que contemplam os usos do tempo, situamos os estudos de Aguiar (1998) como os pioneiros nessa iniciativa, organizando os

diários de tempo de acordo com a população a ser investigada, como é o caso do grupo de trabalhadores de uma plantação canavieira. A pesquisadora desenvolveu um instrumento de coleta de dados para ser preenchido por uma população não-letrada, utilizando-se de cores e desenhos para o preenchimento do instrumento.

As pesquisas que realizamos utilizam os diários de orçamento de tempo (CARVALHO, 2001), reinventados para a abordagem direta com crianças e jovens, em que se mapeiam todas as atividades que os sujeitos realizam em um dia inteiro, com os horários de início e conclusão de cada atividade. Buscamos observar quais são as atividades que crianças e jovens se envolvem, quanto tempo destinam para cada atividade, onde as realizam, com quem estão em cada momento do seu dia. Diversas análises podem ser realizadas a partir dos dados coletados nos diários de orçamento de tempo, de acordo com o enfoque que se está trabalhando. Em nossas pesquisas, privilegiamos a discussão sobre o trabalho doméstico e o lazer, contrapondo o tempo despendido em relação ao gênero (CARVALHO; MACHADO; ROSA, 2001, 2004).

Portanto, cabe salientar que as pesquisas de usos do tempo podem ser realizadas tanto na perspectiva de um grande censo nacional, e comparações entre países podem ser feitas, como propôs Alexander Szalai na década de 1960, como também iniciativas menores, que observem realidades específicas, buscando análises em escalas menores. É essa a perspectiva na qual me insiro quanto às investigações sobre os usos do tempo. A diversidade de métodos desse tipo de investigação pode proporcionar formas criativas de analisar o cotidiano de diversos grupos sociais. Tendo como elemento central o tempo, múltiplos olhares podem ser

destinados ao cotidiano, de acordo com o enfoque que se quer abordar.

Para a realização da pesquisa de campo, uma escola foi escolhida como o lugar onde os jovens seriam encontrados para a participação no estudo. Dessa forma, partimos do pressuposto de que toda a amostra da pesquisa está envolvida diretamente com a educação formal. A escola selecionada tem características peculiares: é uma escola pública somente de Ensino Médio, situa-se numa região central da zona norte da cidade (o que significa que não está na periferia da cidade) e é freqüentada por jovens moradores de diversos bairros da cidade, não somente dos arredores da escola. Escolhemos realizar a pesquisa apenas com os estudantes que freqüentam a escola no turno da manhã e da tarde, pois o turno da noite possui características específicas: a faixa etária mais alargada dos estudantes (nem todos são “jovens”); a oferta de um curso técnico pela escola; as características específicas do ensino noturno, considerado um ensino para trabalhadores. Ao primeiro contato com a escola, a equipe diretiva mostrou-se disponível e solícita à nossa demanda de pesquisa. Isso facilitou muito o trabalho, uma vez que a adesão por parte da direção da escola garantiu um envolvimento significativo de todos, e conseguimos obter um retorno satisfatório dos diários de orçamento de tempo (cerca de 20% da amostra foi “desprezada” na tabulação dos dados, conforme será esclarecido posteriormente).

Paralelamente ao contato inicial com a escola, reestruturamos o diário de orçamento de tempo, a fim de torná-lo um instrumento para jovens, pois o diário utilizado nas pesquisas anteriores continha aspectos infantis, como desenhos. Também buscamos modelos que pautassem a organização do tempo de forma mais

sintética. Encontramos alguns modelos de Universidades internacionais e adaptamos o material, construindo o “Diário de Usos do Tempo para Jovens” (Anexo A). Este diário está organizado com uma folha de instruções para o preenchimento, inspirada no material desenvolvido pelo grupo de pesquisadores dos usos do tempo da UFMG, coordenados pela professora Neuma Aguiar. A segunda folha solicita dados sócio-demográficos dos jovens: a) nome completo (para posterior pesquisa em dados da escola e controle do preenchimento); b) data de nascimento e idade, considerando que o ano de nascimento é o dado fundamental para o agrupamento etário; c) sexo; d) cor/raça – de acordo com a classificação do IBGE, foram apresentadas as cinco categorias e solicitado que os jovens se autoterrassem em uma delas (branca, preta, parda, amarela ou indígena); e) endereço, em que deveriam informar a rua, bairro e cidade onde moram, como uma forma de mapear os locais onde vivem os jovens; f) informações sobre a escola – série e turma; g) data de preenchimento do diário; e h) os co-residentes do jovem. A organização das folhas seguintes respeita as 24 horas de um dia, iniciando às 0:00h e finalizando às 23:59h. Cada hora foi dividida em faixas de 15 minutos. Há quatro perguntas a serem respondidas em cada evento realizado: i) “O que você está fazendo?” (atividade principal); ii) “O que mais você está fazendo?” (atividade secundária); iii) “Com quem você está?”; e iv) “Onde você está?”. A sistemática de preenchimento consistia em descrever toda a rotina de um dia inteiro, previamente definido pela equipe de pesquisa. Foram escolhidos um dia da semana para o preenchimento e o domingo, como um dia típico do fim de semana. Alguns estudos prevêem que, para a obtenção de dados mais precisos, seja realizado o mapeamento de uma semana inteira pelos jovens. Devido aos custos da pesquisa, temos condensado a coleta de dados em dois momentos, compondo a análise em “dia da semana” e “fim de

semana”. Cada jovem recebeu um relógio de pulso digital para controlar o tempo das atividades realizadas.

No dia seguinte ao preenchimento do diário realizou-se a “entrevista do dia anterior”. Para essa entrevista foram selecionados os jovens cujos diários não estavam preenchidos com detalhamento. A entrevista do dia anterior consiste em uma retomada da descrição da rotina no diário, que tem por objetivo preencher lacunas deixadas pelos sujeitos, a fim de obter a descrição completa da rotina do dia relatado no instrumento.

A tabulação dos dados foi realizada no *SPSS*¹², um software estatístico que permite organizar os dados de maneira a estabelecer as relações entre os eventos e suas durações. A tabulação concentrou os eventos e a duração dos eventos da atividade primordial descrita no diário, referente à pergunta “O que você está fazendo?”. Foram criados dois bancos de dados, um para o dia da semana e outro para o fim de semana. Posteriormente, os bancos foram agrupados, e a amostra foi reduzida, selecionando somente os jovens que preencheram os dois instrumentos.

As categorias analíticas da pesquisa correspondem à classificação da ONU para os usos do tempo¹³, que codificam e agrupam as atividades desenvolvidas de acordo com a seguinte classificação (UNITED NATIONS SECRETARIAT, 1997):

- 1) Atividades relacionadas aos cuidados pessoais - inclui dormir, descansar, sestar, escovar os dentes, tomar banho, preparar-se para sair.
- 2) Atividades relacionadas à educação - ir à escola: como todos os jovens da pesquisa vão a escola, o tempo computado é fixo e igual para todos, o que o

¹² *Statistical Package for Social Science*

¹³ *United Nations International Classification for Time-use Activities.*

diferencia é assistir aulas de idiomas, computação, participar de cursos profissionalizantes. Inclui o tempo dedicado a fazer os temas de casa e a prática sistemática de esportes;

- 3) Atividades relacionadas aos cuidados com a casa e o grupo doméstico - preparar o café, o almoço, a janta, os lanches; arrumar o quarto ou a casa, limpar, lavar, dobrar, guardar, fazer pequenas compras para a casa. Inclui os cuidados com outras crianças: reparar, brincar, acompanhar até a escola, dar alimentos, vestir, lavar e limpar crianças, cuidar e tratar de pessoas doentes ou idosas;
- 4) Atividades relacionadas ao trabalho formal – inclui a atividade sistemática e regular de trabalho, que pode ou não ser remunerada; e
- 5) Atividades relacionadas ao lazer - audição de rádio, CD e similares, assistir televisão, vídeo, jogar no computador ou usar a rede, praticar esportes, brincar na rua ou em casa, jogar *videogame*, jogar futebol, passear, visitar parentes ou amigos, conversar com parentes ou amigos.

Participaram da pesquisa quantitativa cerca de 560 jovens. Ao organizar o banco de dados computando apenas os jovens que preencheram os dois instrumentos, a amostra reduziu-se a 419 jovens¹⁴. A escolha da amostra não seguiu critérios de refinamento por sexo, portanto o grupo não está pareado entre jovens do sexo feminino e masculino.

Embora o método de pesquisa seja de natureza quantitativa, a idéia da

¹⁴ Este ajuste ocorreu porque nem todos os jovens preencheram os dois instrumentos. Como a pesquisa foi realizada em dias específicos da semana, alguns estudantes não compareceram à aula em tal dia, ou não devolveram um dos instrumentos, ou desistiram de preencher o segundo diário.

realização de entrevistas permaneceu, como uma forma de explorar as significações do cotidiano vivido pelos jovens. Diante de uma amostra robusta (pelo menos na minha curta experiência como pesquisadora, nunca tive tamanha amostra de dados para organizar...), seria complexo organizar uma amostra para ser entrevistada respeitando critérios estatísticos de representatividade dos casos analisados. A análise preliminar dos dados, combinada aos estudos teóricos de Alfred Schütz, levou ao desenvolvimento de um critério para seleção dos jovens para a entrevista individual.

A idéia desenvolvida, com base na apresentação das tipificações dos comportamentos humanos, apresentada por Schütz, foi a de tipificar padrões de rotina apresentados pelos jovens. Ao apresentar a Sociologia Interpretativa, Schütz (1979) retoma a construção teórica de Weber, acerca do tipo ideal, e o caracteriza como uma “síntese de reconhecimento”. O processo de tipificação é tomado como uma forma de compreender o comportamento dos outros, de forma a criar um código de interpretação para diversas experiências¹⁵. Nesse sentido, as rotinas dos jovens foram tipificadas, em relação ao evento predominante em seu dia. Foi construído um quadro (Anexo B) com quatro rotinas tipificadas, e selecionados dois jovens de cada sexo para cada grupo, que contemplassem em seu dia a predominância de um dos quatro eventos: estudo extra-escolar, lazer, trabalho doméstico ou trabalho formal. A entrevista foi realizada individualmente, respeitando um roteiro previamente estabelecido (Anexo C), com questões amplas, que tinha por objetivo atualizar a rotina dos jovens, uma vez que houve um período de cerca de seis meses entre o

¹⁵ Saliento que esta definição não pretende ser extensiva ou aprofundar o pensamento de Max Weber em relação ao tipo ideal, e reconheço a complexidade do conceito. Trata-se aqui de explicitar o critério que fundamenta a seleção da amostra para ser entrevistada.

preenchimento do diário e a realização das entrevistas, e explorar as significações da escola e do trabalho em sua vida. Considero as entrevistas como ilustrativas da configuração do cotidiano dos jovens, e não pretendo utilizá-las com o objetivo de generalizar as informações, mas trazer um componente ilustrativo aos dados apresentados. Dos dezesseis estudantes convidados a participar das entrevistas, foi possível entrevistar apenas quatorze. Alguns não quiseram participar, outros faltaram ao encontro, enfim, diversos motivos impediram de seguir o traçado inicial. Como a amostra é pequena, apenas ilustrativa, não será possível traçar as significações da escola e do trabalho para os jovens. Porém, a combinação destas informações aos dados quantitativos da análise conferiu um panorama interessante para a estruturação do cotidiano dos jovens.

4 AS TEMPORALIDADES JUVENIS

Este capítulo aborda a sistematização dos dados coletados na pesquisa. Inicialmente, será apresentado um perfil dos jovens participantes da pesquisa, trazendo as principais características que identificam os jovens. Em seguida, os dados relativos aos usos do tempo serão apresentados em tópicos separados, de acordo com a classificação das categorias: cuidados pessoais, estudo, trabalho doméstico e trabalho formal, lazer. Após a apresentação dos dados quantitativos, outras temporalidades serão abordadas, trazendo os dados das entrevistas realizadas com os jovens, sintetizando as concepções dos jovens sobre o seu mundo da vida, em relação à escola e ao trabalho. Ao final, algumas considerações serão realizadas, buscando aproximar as concepções teóricas apresentadas aos dados encontrados na pesquisa de campo.

4.1 QUEM SÃO OS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA?

Neste tópico, apresentarei as principais características de identificação da amostra. Trata-se de dados em relação aos aspectos sócio-demográficos do grupo pesquisado: sexo, idade, cor/raça, ano de estudo, número de co-residentes e bairro/região em que o jovem reside.

O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos jovens segundo o sexo.

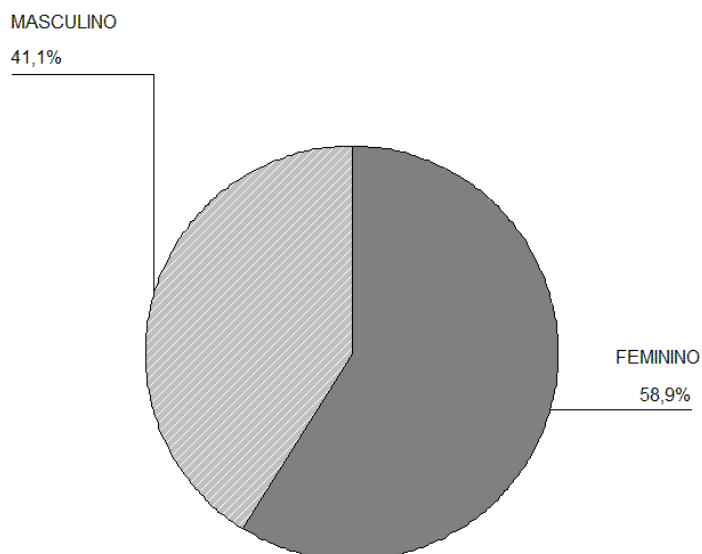


Gráfico 1 – Distribuição dos jovens por sexo
N = 419

Conforme já havia mencionado, a amostra da pesquisa não está pareada por sexo. Como se pode observar no gráfico, o grupo feminino é superior ao masculino. O grupo feminino conta com 247 jovens, representando 58,9% do grupo pesquisado. O grupo masculino conta com 172 jovens, que representam 41,1% da amostra. Em virtude dessa diferenciação, e também como um pressuposto da análise, as comparações feitas entre os sexos respeitarão sempre o aspecto proporcional dos jovens em relação ao seu grupo (masculino ou feminino).

A seqüência dos gráficos 2 e 3 e a Tabela 1 trazem as informações relativas à idade dos jovens e à relação idade e sexo. O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos jovens segundo a idade. Para a composição deste gráfico, foi observado o ano de nascimento dos jovens, registrado no diário de orçamento de tempo. A estimativa da idade refere-se ao ano de 2005, em que os dados foram coletados.

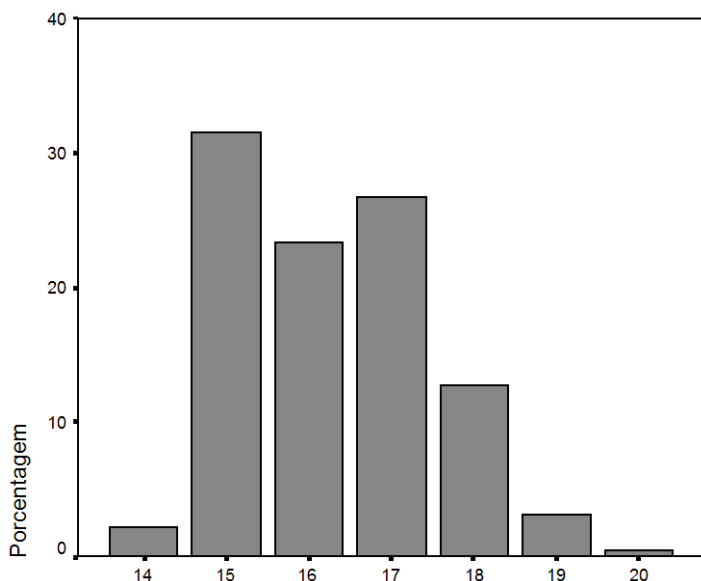


Gráfico 2 – Distribuição dos jovens segundo a idade
N = 419

O gráfico permite observar que a amostra da pesquisa concentra-se entre 15 e 17 anos, mostrando também um número significativo de jovens com 18 anos de idade. São poucos os casos de jovens de 19 e 20 anos, bem como os de 14 anos de idade. Essa concentração etária é fruto, penso eu, de um grande movimento que veio sendo desenvolvido em relação à melhoria da escolarização. A discussão sobre avaliação e reprovação, as reformas do ensino promovidas pela “década da educação” (LDBEN¹⁶/1996), todas as iniciativas de melhoria das estatísticas da escolaridade nacional, têm modificado o quadro de organização dos níveis de ensino. Há uma incorporação da idéia da necessidade de organizar grupos por faixa de idade, promover os alunos tentando diminuir as diferenças de idade nos níveis de ensino. Por certo esta é uma tendência que tem maior ênfase no Ensino Fundamental, onde se observava grande nível de repetência, fazendo com que adolescentes freqüentassem a mesma série que crianças. A mudança nessa perspectiva indica já seus frutos também no Ensino Médio, o que representa uma

¹⁶ Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

organização dos níveis de ensino de forma pareada por idade. Conforme dados do INEP¹⁷ (Anexo D), o número de matrículas de jovens no Ensino Médio aumentou em cerca de 40% de 1996 para 2005, na faixa etária de 15 a 17 anos, no Rio Grande do Sul.

Ao analisar a distribuição dos jovens por idade, foram agrupadas faixas etárias, a fim de visualizar a concentração do grupo em relação à idade, como pode ser visto no Gráfico 3.

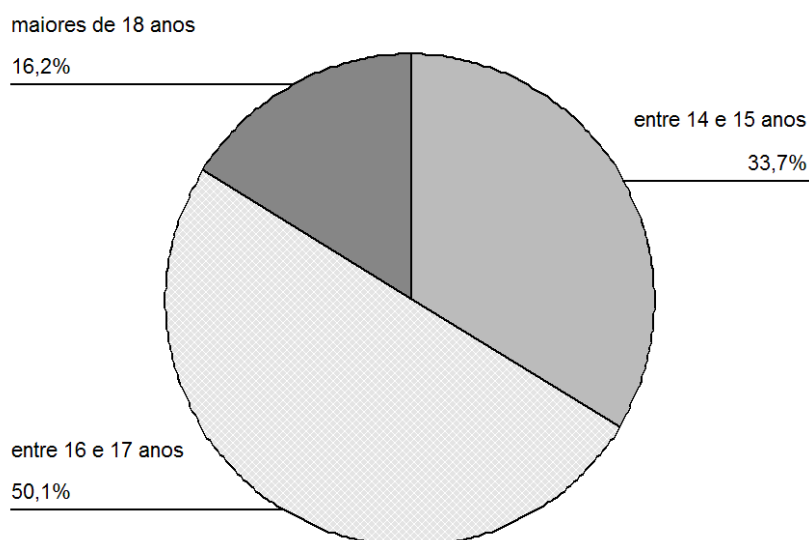


Gráfico 3 – Distribuição dos jovens segundo a faixa etária
N = 419

A divisão por faixa etária foi estabelecida de acordo com os níveis do Ensino Médio. Como mencionado anteriormente, a tendência à “homogeneidade etária” faz antever a possibilidade de que haja uma concentração dos jovens no primeiro ano do Ensino Médio até os 15 anos de idade, para o segundo ano a concentração seja nos 16 anos e no terceiro ano estariam os jovens com 17 anos ou mais. A distribuição dos jovens indica que há uma concentração na faixa etária entre 16 e 17

¹⁷ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

anos de idade, correspondendo à metade da amostra (50,1%). Em relação às faixas etárias, dois cruzamentos foram estabelecidos: o primeiro, para considerar a relação entre o ano de estudo e a idade, e o segundo, observando a distribuição das faixas etárias por sexo.

Tabela 1 – Distribuição dos jovens segundo faixa etária e ano de estudo no Ensino Médio

Ano de estudo	Faixas de idade (%)		
	14 e 15 anos	16 e 17 anos	Maiores de 18 anos
1º ano	99,3	43,3	11,8
2º ano	0,7	29,0	20,6
3º ano	-	27,6	67,6
TOTAL	(141)	(210)	(68)

N = 419

A hipótese antecipada à relação entre faixa etária e ano de estudo só se confirma em relação ao primeiro grupo etário: “entre 14 e 15 anos”, há 99,3% dos jovens matriculados no primeiro ano do Ensino Médio. O segundo grupo etário distribui-se entre os três anos do Ensino Médio, e concentra sua maioria de jovens freqüentando o primeiro ano (43,3%). Os “maiores de 18 anos” distribuem-se entre os três, tendo sua maioria (67,6%) freqüentando o terceiro ano do Ensino Médio. A distribuição dos jovens segundo a faixa etária e o sexo também complementa as informações acerca da idade.

Tabela 2 – Distribuição dos jovens segundo faixa etária e sexo

Faixas de idade	Feminino (%)	Masculino(%)
14 e 15 anos	34,0	33,1
16 e 17 anos	50,6	49,4
Maiores de 18 anos	15,4	17,4
TOTAL	(247)	(172)

N = 419

Podemos observar na Tabela 2 que tanto o grupo feminino quanto o grupo masculino concentra-se na faixa etária entre 16 e 17 anos, reforçando a tendência de distribuição por idade. Cerca de 50% do grupo de moças e 49% do grupo de

rapazes compõem essa faixa de idade.

O próximo gráfico apresenta a distribuição dos jovens segundo a autoclassificação da cor/raça. De acordo com os critérios estabelecidos em diversas pesquisas, a cor/raça é definida pelo próprio sujeito, de acordo com o seu entendimento. Saliente-se que, nas diversas pesquisas que já realizamos a cor “amarela” não indica para o respondente a relação com a origem asiática. Os “amarelos”, por vezes, são não-brancos que se classificam dessa forma e somente após o esclarecimento reconsideram sua opção¹⁸.

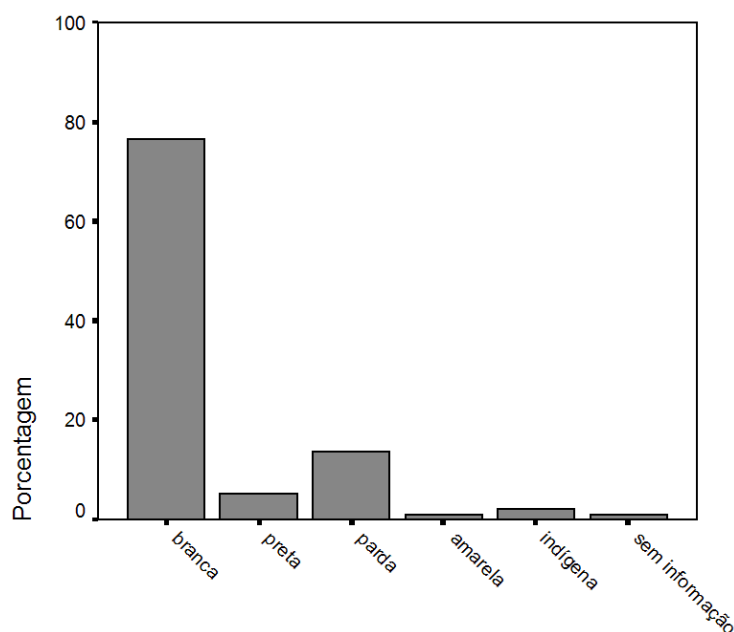


Gráfico 4 – Distribuição dos jovens segundo a autoclassificação da cor/raça
N = 419

A maioria dos jovens se classifica de cor branca (76,6%). Em segundo lugar aparecem os “pardos”, totalizando 13,6%. Em seguida aparecem os que se

¹⁸ Alguns mulatos já optaram por essa classificação, também por não compreender a formulação “parda” e buscarem uma denominação que mais se aproxima de sua cor. Machado (2004), em sua pesquisa de Mestrado, salienta a ambigüidade e indefinição conceitual desta classificação, adotada pelo IBGE, que mistura categorias de cor e de raça.

autoclassificam “pretos”, compondo 5,3% da amostra. Em quarto lugar temos os jovens que se classificam como “indígenas” (2,1%) e, por fim os “amarelos” – totalizando 1,2%. A tendência da maioria “branca” neste quadro reforça os dados do Censo Escolar de 2005 (Anexo E), que mostra, para o estado do Rio Grande do Sul, a maioria de jovens brancos matriculados no Ensino Médio. A próxima tabela indica a relação entre a autoclassificação da cor/raça e o sexo dos jovens participantes da pesquisa.

Tabela 3 – Distribuição dos jovens segundo a autoclassificação da cor/raça e sexo

	Feminino (%)	Masculino(%)
Branca	75,3	78,5
Preta	4,9	5,8
Parda	14,2	12,8
Amarela	1,6	0,6
Indígena	2,0	2,3
Sem informação	2,0	-
TOTAL	(247)	(172)

N = 419

A Tabela 3 indica a tendência da maioria dos jovens autoclassificados como “brancos”. Em ambos grupos de sexo, a maioria é de jovens que se classificaram como brancos, sendo que o grupo masculino está acima do feminino – representam, respectivamente, 78,5% e 75,3% de seu grupo. Esta diferença tem seu contraponto na autoclassificação “parda”, em que há uma pequena superação do grupo feminino em relação ao masculino. As classificações para as outras categorias mantêm-se mais similares. Cabe questionar ou, pelo menos, levantar o questionamento: há um “branqueamento” dos jovens estudantes do Ensino Médio? Ou a tendência do acesso ao estudo nesse nível é de maioria branca? Os dados apresentados pelo Censo Escolar de 2005 não podem ser tomados como base direta, uma vez que menos de um terço das matrículas tiveram a declaração da cor/raça dos estudantes. Ali também a maioria é de “brancos”, tendência observada nas três Unidades da

Federação da região Sul do Brasil. Porém, se tomarmos em comparação a população declarada em relação às matrículas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, temos uma diferença muito significativa entre os dois grupos: no Ensino Fundamental, para cada estudante não-branco declarado na matrícula, há quatro estudantes brancos. Em relação ao Ensino Médio, a diferença aumenta para seis estudantes brancos a cada estudante não-branco matriculado (Anexo E). A tendência da diminuição do acesso dos jovens não-brancos ao Ensino Médio marca-se com essas informações.

O próximo gráfico apresenta os dados referentes ao ano de estudo dos jovens.

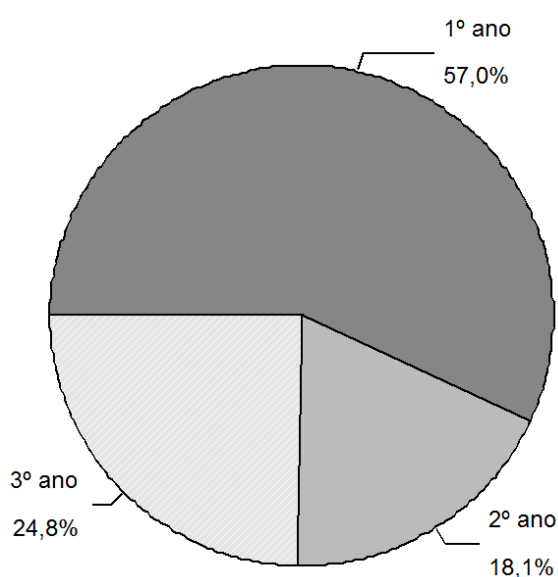


Gráfico 5 – Distribuição dos jovens segundo o ano de estudo no Ensino Médio
N = 419

A amostra de estudantes é composta por 57% de jovens estudantes do primeiro ano do Ensino Médio. Cabe informar que a escola organiza-se da seguinte forma: o primeiro ano do Ensino Médio tem suas turmas no turno da tarde. O segundo e o terceiro ano têm suas turmas no turno da manhã. Essas informações são fundamentais, já que determinam o turno disponível para o tempo livre, que poderá ser ocupado com trabalho, lazer, estudo. O grupo que estuda no segundo

ano do Ensino Médio corresponde a 18,1% dos jovens, e o grupo do terceiro ano perfaz 24,8% dos estudantes. Uma informação significativa é que havia mais turmas de segundo ano do Ensino Médio do que de terceiro¹⁹ e, mesmo assim, os jovens do último ano compõem parte maior da amostra, devido ao nível de aceitação na participação da pesquisa.

O gráfico seguinte apresenta os dados referentes ao número de pessoas que co-residem com o jovem no grupo doméstico.

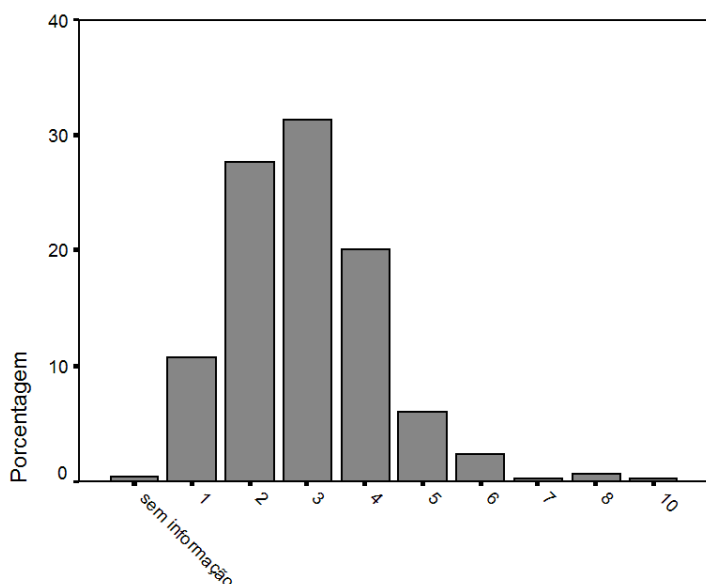


Gráfico 6 – Distribuição dos jovens segundo o número de co-residentes no grupo doméstico²⁰
N = 419

A composição do grupo doméstico dos jovens indica uma tendência de poucos membros: a concentração está entre duas e três pessoas além do jovem. A

¹⁹ A distribuição das turmas na escola no ano de 2005 era a seguinte: 16 turmas de primeiro ano do Ensino Médio (no turno da tarde), 9 turmas de segundo ano e 7 turmas de terceiro ano (ambas no turno da manhã). Ao conversar com os jovens sobre a grande diferença do número de turmas do primeiro para o segundo ano, fui informada de que há um grande número de reprovações no primeiro. Os jovens declaram sentirem um aumento significativo na exigência do ensino em relação às escolas de Ensino Fundamental da qual provinham. Esta tendência já faz parte de uma certa “tradição” da escola.

²⁰ Essa contagem exclui o jovem participante da pesquisa.

composição de famílias nucleares é presente, na formação pai, mãe e filhos, mas também surgem diversos modelos, que envolvem mais de duas gerações – avó, mãe e filhos; avó, irmão e sobrinhos, entre outras. Não há casos de jovens que moram sozinhos. A composição do grupo doméstico demonstra que há uma redução das unidades familiares extensas, embora ainda existam, e aponta para a diversidade de configurações do grupo doméstico.

O último gráfico a ser apresentado nesta seção indica a distribuição geográfica da residência dos jovens. Esse dado é muito importante ao se discutir as temporalidades juvenis, uma vez que a localização da moradia do jovem vai implicar deslocamentos maiores ou menores em relação à escola e ao trabalho, por exemplo, e também informa sobre as ofertas de equipamentos coletivos de lazer para cada jovem. A referência tomada para a construção desse gráfico foi o bairro mencionado no diário de orçamento de tempo. A partir dessa informação, os bairros foram agrupados de acordo com as regiões do Orçamento Participativo (OP) da cidade de Porto Alegre²¹.

²¹ As regiões do OP não têm um número igual de bairros em sua formação, mas agrupam bairros próximos. Há regiões formadas por apenas um bairro, como “Sarandi” e “Restinga”, bairros de grande extensão da cidade.

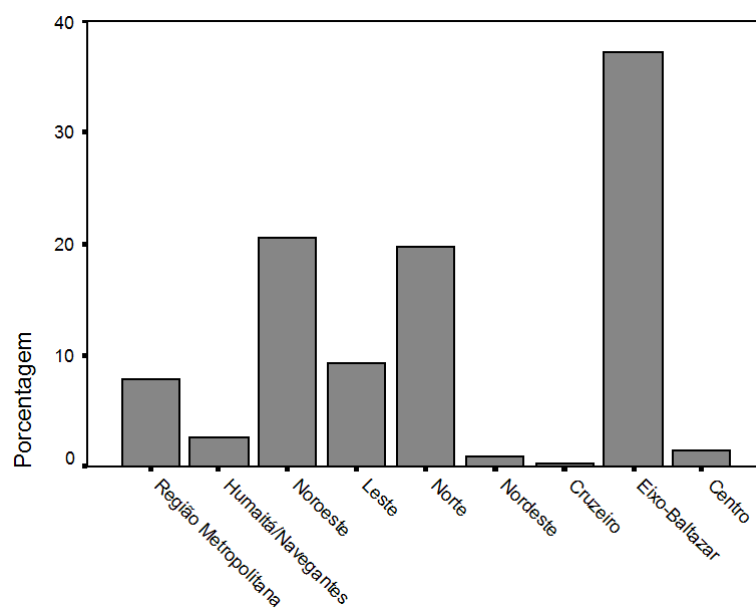


Gráfico 7 – Distribuição dos jovens segundo o bairro onde residem, agrupados pelas Regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre
N = 419



Figura 1 – Mapa da cidade de Porto Alegre dividido nas 16 regiões do Orçamento Participativo.

★ = Região em que se situa a escola em que a pesquisa foi realizada

A escola onde se realizou a pesquisa está situada na região “Noroeste” da cidade. No entanto, a maioria dos jovens que participaram da pesquisa reside na região “Eixo-Baltazar”, que compreende os bairros Rubem Berta e Passo das Pedras, entre outros. Esse grupo compreende 37,2% da amostra, enquanto que os jovens que moram na região em que se situa a escola perfazem 20,5% da amostra. Há jovens que residem em municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre (7,9%). Aparecem os municípios de Canoas, Alvorada e Viamão. Essa distribuição permite inferir que os estudantes não compartilham de uma comunidade escolar. Nas entrevistas realizadas, e também em conversas informais, os jovens que não residiam nas proximidades da escola sempre mencionavam que o seu grupo de amigos, “parceiros” para o lazer no fim de semana ou no tempo livre, não eram os colegas da sua turma, e sim os vizinhos de seu bairro. Considero essas informações significativas, pois ao pensar as relações intersubjetivas que são construídas no mundo da vida, o espaço é uma categoria importante. O lugar que se ocupa na cidade também pode suscitar relações de proximidade, ou distância.

Ao final dessa apresentação sobre as principais características dos jovens que participaram da pesquisa, cabe uma breve retomada, a fim de salientar as características gerais da amostra:

- a maioria dos participantes é feminina (58,9%);
- concentram-se na faixa etária entre 16 e 17 anos (50,1%);
- 76,6% dos jovens se autotranscreveram como “brancos” em relação a cor/raça;
- a maioria estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio em 2005 (57%);
- os grupos domésticos desses jovens são formados, na maioria, por duas ou

três pessoas, além do jovem; e

- 37, 2% da amostra reside na região “Eixo-Baltazar” do OP, enquanto que apenas 20,5% dos jovens reside na região “Noroeste”, em que está situada a escola.

Considero que as informações apresentadas têm o objetivo de mapear as características principais da amostra que participou da pesquisa, para situá-las em relação aos usos do tempo. O desafio seguinte é conhecer as temporalidades desses jovens, aproximando aspectos como gênero, idade, cor/raça, região onde reside, composição do grupo doméstico, ano de estudo no Ensino Médio em relação aos usos do tempo descritos nos diários.

4.2 TEMPOS PARA SI

A categoria de cuidados pessoais é composta pelas atividades que são realizadas tendo em vista o benefício direto do sujeito. São atividades essenciais para a manutenção de si, como dormir, alimentar-se, tomar banho, escovar os dentes, preparar-se para sair, descansar. Também estão incluídos nessa categoria os hábitos religiosos, manifestos por atividades como freqüentar cultos, missas, rezar, participar de atividades ligadas ao desenvolvimento espiritual. Inicialmente, analisaremos cada uma dessas atividades, por sexo, pois as questões de gênero são o enfoque da análise. Para complementar a discussão, além da categoria “sexo”, estabeleceremos um cruzamento entre a categoria geral “cuidados

peçoais”, que engloba todas as atividades mencionadas, e a distribuição do grupo por faixa etária. Para cada categoria serão analisados o número de eventos registrados e a duração dos eventos. Todas elas focalizam o dia da semana e o fim de semana.

As tabelas 4 e 5 apresentam os dados referentes ao tempo de “sono” por sexo.

Tabela 4 – Número de eventos²² de sono por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
1 evento	75,7	64,8	78,5	65,1
2 eventos	21,1	29,1	19,2	30,2
Mais de 3	3,2	6,1	2,3	4,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 5 – Duração de eventos²³ de sono por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Até 8 horas	42,9	25,9	46,5	29,1
Entre 8 e 10 horas	38,5	28,7	37,8	28,5
Mais de 10 horas	18,6	45,3	15,7	41,9
Total	(247)	(247)	(172)	(171)

N = 419

O tempo de sono é computado através das informações do horário em que o jovem foi dormir na noite anterior e o horário em que acordou no dia do preenchimento do diário. Se a informação da hora de início do sono não constar no instrumento, faz-se uma estimativa, computando o horário de início do sono na noite seguinte.

Em geral, durante um dia, a maioria dos jovens tem um evento de sono, o

²² A denominação “número de eventos” corresponde ao número de atividades de tal categoria que foram registradas no diário pelo sujeito.

²³ A denominação “duração de eventos” corresponde ao tempo total registrado no diário de cada categoria.

evento principal. Porém, uma parte do grupo também incorpora outros momentos de descanso em seu dia. Cerca de 20% de cada grupo – feminino e masculino – realizam dois eventos de sono no dia da semana, e um pequeno contingente, em torno de 3%, declaram três ou mais eventos de sono em sua rotina no dia da semana.

No fim de semana, aumenta o número de eventos de sono: há uma redução na categoria “1 evento” e aumentam as outras duas. Essa mudança ocorre tanto para o grupo feminino quanto para o grupo masculino, mas proporcionalmente o grupo masculino aparece com um maior aumento dos eventos de sono.

Em relação à duração dos eventos, distribuimos o tempo em três faixas: “até 8 horas”, “entre 8 e 10 horas”, “mais de 10 horas”. No dia da semana, a concentração do tempo de sono fica na primeira faixa de tempo, no grupo feminino e no masculino: 42,9% delas têm até 8 horas de sono em um dia, e 46,5% deles compõem essa faixa de tempo. No fim de semana, a concentração inverte-se: tanto para o grupo feminino, que passa a ter 45,3% das jovens com “mais de 10 horas” de sono, quanto para o grupo masculino, que é composto por 41,9% dos jovens.

É necessário reconhecer que uma categoria isoladamente não explica as relações do cotidiano que podem apontar as implicações de mudanças na alocação do tempo. Mais adiante, ao cruzar essas informações a outras categorias, teremos um panorama concreto dos elementos que podem se combinar para compreendermos a modificação do uso do tempo. Por hora, é possível inferir que o aumento no número de eventos de sono e no tempo destinado ao sono no fim de

semana pode estar relacionado com a diminuição das obrigações e responsabilidades dos jovens, principalmente em relação à escola e ao trabalho formal. Em relação ao gênero, não aparecem evidências nessa categoria que podem ser apontadas. Seguimos, então, para a análise da categoria “higiene”.

Tabela 6 – Número de eventos de higiene por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	-	2,4	2,3	12,8
Até 2 eventos	39,3	44,9	48,8	58,1
3 e 4 eventos	49,0	43,7	41,9	23,8
Mais de 5 eventos	11,7	8,9	7,0	5,2
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 7 – Duração de eventos de higiene por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	-	2,4	2,3	12,8
Até 1 hora	48,2	52,6	63,4	69,8
Entre 1 e 2 horas	45,3	36,8	32,0	15,7
Mais de 2 horas	6,5	8,1	2,3	1,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A categoria higiene compreende as atividades de escovar os dentes, tomar banho, arrumar-se para sair, enfim, todos os cuidados com o corpo e com a estética que os jovens podem realizar. Por vezes, são atividades tão simples que alguns jovens acabam não registrando em seus diários. Compreende-se de que são atividades “naturais” em sua rotina, que passam despercebidas no momento da descrição do diário. Daí explica-se que algumas moças e rapazes não tenham registrado nenhum evento de higiene.

O número de eventos de higiene registrados pelas jovens do grupo feminino tende a diminuir no fim de semana em relação ao dia da semana. Na faixa de “mais de 5 eventos” diminui a proporção de moças de 11,7% para 8,9% no fim de semana,

umentando na faixa de “até 2 eventos”. Para o grupo masculino, a diferença é ainda maior: na faixa “até 2 eventos” há um aumento de 48,8% para 58,1% no fim de semana, enquanto que na maior faixa diminui a alocação dos rapazes no fim de semana.

Em relação ao tempo destinado à higiene, observa-se inicialmente que o grupo feminino dedica mais tempo aos cuidados com o corpo e com a aparência do que o grupo masculino. Mesmo com a tendência a diminuir o número de eventos de higiene no fim de semana, permanece uma alocação do tempo significativa para as moças – na maior faixa de tempo, “mais de 2 horas”, aumenta a alocação de moças de 6,5% para 8,1% . Em relação ao grupo masculino, a tendência é a diminuição do tempo destinado à higiene, acompanhando a diminuição do número de eventos. Em relação aos cuidados com o corpo, a aparência é muito significativa na juventude. Cada vez mais os padrões estéticos impõem normas para se vestir, se apresentar socialmente, e atingem diretamente os jovens. Nesse sentido, percebemos o quanto há imposição de que se mantenha uma “boa aparência”, principalmente para as mulheres. Assim, também as moças dessa pesquisa passam mais tempo do que os rapazes executando atividades como arrumar seus cabelos, pintar suas unhas, maquiarse, às vezes somente para ir à escola, por exemplo.

As tabelas seguintes apresentam as atividades destinadas à religiosidade.

Tabela 8 – Número de eventos religiosos por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	95,5	87,0	96,5	97,1
1 evento	4,0	9,7	3,5	2,3
Mais de 2 eventos	0,4	3,2	-	0,6
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 9 – Duração de evento religioso por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	95,5	87,0	96,5	97,1
Até 2 horas	3,6	7,0	2,3	0,6
Mais de 2 horas	0,8	5,3	1,2	2,3
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Conforme mencionado no início desta seção, a categoria ligada à religiosidade incorpora os cuidados pessoais. Embora sejam poucos os jovens que se envolvem nestas atividades, há um grupo que se ocupa, especialmente no fim de semana, da participação em algum tipo de culto ou grupo religioso. As religiões praticadas são diversas, e os jovens que realizam estas atividades o fazem acompanhados por familiares ou amigos. Uma marca importante é o “grupo de jovens” que algumas igrejas mantêm. Essa é uma forma de agregar jovens e socializá-los. Atividades que envolvem canto, retiros espirituais também compõem o tempo destinado à religiosidade. Como já foi dito, a concentração dos eventos dá-se no fim de semana, e atinge principalmente o grupo feminino. Embora pequeno, o grupo que manifesta claramente a participação em atividades religiosas (o que não significa que estes sejam os únicos a terem fé ou crença em alguma religião), julgo importante apresentar estes dados, salientando a idéia de Novaes (2005, p.289-290), em relação à importância da religiosidade na cultura juvenil:

...as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil. (...) A idéia de que a religião não faz a diferença para a complexa vida social contemporânea, para o aqui e o agora, resulta na amputação de uma parte importante do imaginário social dos jovens de hoje...

Após apresentar as categorias individualizadas que compõem os cuidados pessoais, passamos para a categoria agrupada. Além das três categorias já apresentadas – sono, higiene e eventos religiosos – a categoria de cuidados

peçoais também incorpora os eventos e o tempo destinado à alimentação, que não foi apresentada em separado por não haver informação relevante nestes dados. Porém, cabe esclarecer que esta atividade incorpora-se às três anteriores na composição dos “cuidados pessoais”. Essa categoria será analisada por sexo e também em relação às faixas etárias.

As tabelas 10 e 11 apresentam os dados referentes aos cuidados pessoais por sexo.

Tabela 10 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Até 5 eventos	21,5	25,1	28,5	45,9
Entre 6 e 10 eventos	72,5	68,8	67,4	51,2
Mais de 11 eventos	6,1	6,1	4,1	2,9
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 11 – Duração de evento de cuidados pessoais por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Até 8 horas	5,7	3,2	11,6	14,0
Entre 8 e 10 horas	28,3	13,0	33,7	18,6
Mais de 10 horas	66,0	83,8	54,7	67,4
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Em relação ao número de eventos, observamos que os jovens, de ambos os sexos, concentram-se no grupo intermediário – realizando, em um dia, entre 6 e 10 eventos de cuidados pessoais – tanto no dia da semana quanto no fim de semana. Se observarmos a última faixa de eventos – “mais de 11 eventos”, teremos uma proporção de moças maior do que de rapazes. Elas superam os rapazes nas maiores faixas, e a diferença aumenta em relação ao fim de semana, quando os jovens do grupo masculino reduzem significativamente o número de eventos de cuidados pessoais em relação ao dia da semana. Esta observação pode indicar que

os rapazes realmente realizam menos eventos de cuidados pessoais, mas também deve ser considerado que eles foram menos detalhistas no preenchimento dos diários, o que, de certa forma, pode incidir na redução da quantidade de atividades realizadas.

A Tabela 11, compreende a duração dos eventos de cuidados pessoais. O tempo destinado aos eventos foi agrupado em três faixas: i) “até 8 horas”; ii) “entre 8 e 10 horas” e iii) “mais de 10 horas”. A observação da tabela indica que jovens de ambos os sexos concentram-se na faixa maior de tempo. Moças e rapazes, em sua maioria, compõem o seu dia com “mais de 10 horas” de tempo destinado aos cuidados pessoais. No fim de semana, esse tempo aumenta, principalmente entre as jovens: na faixa de “mais de 10 horas” há 66% das jovens alocadas no dia da semana, aumentando para 83,8% no fim de semana. Como já havia sido observado, a categoria sono é a responsável pela elevação, já que, como foi apresentado na Tabela 5, o tempo de sono das jovens aumenta significativamente do dia da semana para o fim de semana.

Os dados referentes aos cuidados pessoais foram agrupados por sexo e faixa etária. Inicialmente serão apresentadas as tabelas que relacionam o número de eventos e, em seguida, as tabelas que indicam as durações dos eventos. Em função do número de relações estabelecidas, os dados foram divididos, formando uma tabela para o dia da semana e outra tabela para o fim de semana. As faixas etárias são: “entre 14 e 15 anos”, “entre 16 e 17 anos” e “mais de 18 anos”.

Tabela 12 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Número de eventos	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Até 5 eventos	21,4	23,2	15,8
	6 a 10 eventos	72,6	69,6	81,6
	11 ou mais eventos	6,0	7,2	2,6
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Até 5 eventos	31,6	24,7	33,3
	6 a 10 eventos	66,7	70,6	60,0
	11 ou mais eventos	1,8	4,7	6,7
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 13 – Número de eventos de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Número de eventos	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Até 5 eventos	21,4	26,4	28,9
	6 a 10 eventos	70,2	71,2	57,9
	11 ou mais eventos	8,3	2,4	13,2
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Até 5 eventos	47,4	47,1	40,0
	6 a 10 eventos	49,1	49,4	60,0
	11 ou mais eventos	3,5	3,5	-
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Observando os dados referentes ao número de eventos de cuidados pessoais, temos que, para o dia da semana (Tabela 12), há uma concentração na faixa intermediária, de 6 a 10 eventos, tanto para as moças quanto para os rapazes. Em relação às faixas de idade, observa-se certa tendência a manterem a distribuição dessa maneira. A faixa de idade “entre 16 e 17 anos” é a que concentra mais jovens, em ambos os sexos. Nessa faixa etária observa-se que, tanto para o grupo feminino quanto para o grupo masculino, há uma distribuição semelhante em relação ao número de eventos, pois se concentram na faixa intermediária (entre 6 e 10 eventos), com cerca de 70% dos jovens. Em segundo lugar, cerca de 20%, estão aqueles que realizam “até 5 eventos” em um dia.

No fim de semana, a tendência é a diminuição do número de eventos. Entre as

jovens do sexo feminino, a distribuição do número de eventos de cuidados pessoais no fim de semana configura-se diferentemente para cada faixa etária. Na faixa de “14 e 15 anos” aumenta o grupo de “mais de 11 eventos”, de 6,0% para 8,0%. Na faixa etária seguinte, entre “16 e 17 anos”, diminui o número de eventos realizados, uma vez que o grupo de “até 5 eventos” aumenta de 23,2% para 26,4%; o segundo grupo de eventos (“entre 6 e 10 eventos”) mantém-se estável e o terceiro grupo (“mais de 10 eventos”) diminui a concentração de 7,2% para 2,4%. No grupo masculino, o cenário aponta uma distribuição equilibrada entre as duas primeiras faixas de eventos (“até 5 eventos” e “entre 6 e 10 eventos”) nas três faixas de idade para o fim de semana, sendo que na maior faixa de idade (“mais de 18 anos”), há uma maior concentração de jovens.

Observaremos agora a duração dos cuidados pessoais em relação às duas categorias: sexo e idade.

Tabela 14 – Duração de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Até 8 horas	1,2	9,6	2,6
	8 a 10 horas	14,3	32,8	44,7
	Mais de 10 horas	84,5	57,6	52,6
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Até 8 horas	7,0	10,6	23,3
	8 a 10 horas	22,8	37,6	43,3
	Mais de 10 horas	70,2	51,8	33,3
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 15 – Duração de cuidados pessoais por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Até 8 horas	4,8	3,2	-
	8 a 10 horas	14,3	11,2	15,8
	Mais de 10 horas	81,0	85,6	84,2
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Até 8 horas	12,3	12,9	20,0
	8 a 10 horas	21,1	14,1	26,7
	Mais de 10 horas	66,7	72,9	53,3
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Em relação ao tempo destinado aos cuidados pessoais, observamos que a concentração dos jovens, de ambos os sexos, no dia da semana e no fim de semana, nas três faixas etárias, está na sua maioria na maior faixa de tempo – “mais de 10 horas”. Entre as jovens, no dia da semana, há diferença significativa da alocação do tempo nas três faixas de idade: enquanto que a faixa de “mais de 10 horas” é composta por 84,5% das moças de 14 e 15 anos de idade, apenas 57,6% das jovens entre 16 e 17 anos e 52,6% das jovens com 18 anos ou mais se alocam nessa faixa de tempo. A conclusão é que as moças com maior idade realizam atividades no dia da semana que comprometem o maior tempo destinado aos cuidados pessoais. Mesmo assim, não se trata de uma discrepância que tenha a tendência de diminuir o tempo das moças, uma vez que estas se distribuem de forma equilibrada nas duas maiores faixas de tempo. No fim de semana, a maioria das moças, nas três faixas de idade, concentra-se na maior faixa de tempo de cuidados pessoais (“mais de 10 horas”).

Para o grupo masculino também se observa a tendência de diminuição do tempo de cuidados pessoais em relação ao aumento da faixa etária no dia da semana. Na maior faixa de tempo “mais de 10 horas”, o grupo de 14 e 15 anos de idade aloca-se 70,2% nessa faixa; o grupo “entre 16 e 17 anos” compreende 51,8% nessa faixa; já o grupo de “mais de 18 anos” concentra 33,3% de jovens. Percebemos que, se aumenta a faixa etária, o tempo dos jovens compreende atividades diferenciadas durante o dia da semana, o que pode indicar maior número de atividades referentes ao trabalho, ao estudo ou ao lazer. Mais adiante, verificaremos do que se trata. Para o fim de semana, mantém-se a tendência da

alocação de mais jovens na maior faixa de tempo, e aumenta o número de jovens em cada faixa etária no grupo de “mais de 10 horas”.

Em relação aos cuidados pessoais, podemos perceber que não há uma marca forte de diferenciação em relação ao gênero. Em geral, o tempo de moças e rapazes distribui-se da mesma forma, configurando uma tendência do grupo de destinar um tempo significativo para o cuidado de si: dormem entre 8 e mais de 10 horas por dia, tem seus momentos para higiene e cuidado do corpo e da aparência de uma a duas horas diárias e, ainda, incluem momentos de cuidados espirituais na sua rotina (pelo menos para uma pequena parte dos jovens) e alimentação. Procuraremos observar, nas seções seguintes, outros tempos dos jovens, em relação ao estudo, ao trabalho e ao lazer.

4.3 TEMPOS DE ESTUDO

O segundo bloco de análise dos usos do tempo dos jovens relacionará as atividades de estudo e formação que os jovens realizam durante o seu cotidiano. Para essa categoria, inclui-se três tipos de atividades: i) atividades extra-escolares: compreendendo as atividades de formação sistemática que os jovens realizam, como cursos técnicos, cursos de informática, cursos de idiomas, realizadas fora do horário de estudos na escola; ii) temas de casa: compreendendo as atividades de estudo em casa, relacionadas à escola, como trabalhos, exercícios, leituras; e iii) prática de esportes: envolvendo a formação sistemática em alguma atividade

esportiva, desde que seja orientada por um profissional, como aulas de natação, treino de futebol, artes marciais, freqüentar a academia de ginástica. A prática de esportes respeita o critério da formação para ser incluída nessa categoria. Há uma diferença, por exemplo, entre uma atividade como “jogar futebol com os amigos na praça”, classificada como uma atividade de lazer, e uma atividade como “treinar judô na academia”, classificada como prática de esportes. A segunda atividade tem um caráter de sistematicidade e orientação, o que é atribuído às características das atividades de estudo e formação. Salientamos que o tempo computado como estudo na escola não foi incorporado nessa categoria, por ser uma premissa da pesquisa de que não há diferenciação na utilização do tempo na escola, e a freqüência à escola deve ser uma condição para participação na pesquisa. Assim, analisaremos cada tipo de atividade individualmente, e depois agruparemos todas as atividades na categoria “estudo”.

As tabelas 16 e 17 apresentam os dados referentes às atividades extra-escolares, em relação à realização de atividades desse tipo e à duração dos eventos.

Tabela 16 – Situação da realização de atividades extra-escolares por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Realiza	13,0	3,2	11,6	-
Não realiza	87,0	96,8	88,4	100
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 17 – Duração de evento de atividades extra-escolares por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	87,0	96,8	88,4	100
Até 2 horas	5,7	0,8	2,3	-
Mais de 2 horas	7,3	2,4	9,3	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A Tabela 16 apresenta a situação da realização das atividades extra-escolares no dia da semana e no fim de semana, para ambos os sexos. A análise observará apenas o dia da semana, uma vez que aparecem poucos casos de realização de atividades extra-escolares no fim de semana. Observamos que é pequeno o número de jovens que tem a possibilidade de incluir em seu cotidiano atividades de formação extra-escolar: 13,0% das moças e 11,6% dos rapazes. A maioria dos jovens não realiza atividades desse tipo, uma vez que grande parte das atividades exige pagamento. Entre as atividades mencionadas, destaca-se a preocupação com a continuidade da formação: aparecem cursos de informática, cursos de idiomas, cursos profissionalizantes. A necessidade da qualificação para o ingresso no mercado de trabalho é uma constante na fala dos jovens, e os cursos aparecem como tal justificativa.

Entre os que realizam tais atividades, em geral, ocupam um tempo significativo: as moças distribuem-se entre as duas faixas de tempo – “até 2 horas” e “mais de 2 horas”, de maneira eqüitativa. No grupo dos rapazes, a maioria realiza atividades em “mais de 2 horas”. Não é possível afirmar a freqüência das atividades extra-escolares na semana dos jovens. As conversas informais durante a entrevista do dia anterior permitem inferir que, para os que realizam cursos de idiomas e informática, por exemplo, a freqüência é de duas ou três vezes por semana; já os cursos profissionalizantes têm aulas todos os dias da semana (de segunda a sexta-feira). Na seção em que analisarei as entrevistas, um panorama da formação extra-escolar poderá ser percebido, já que há casos muito significativos em relação às expectativas para o futuro quando se investe em uma formação além da escola.

Observaremos agora a realização das atividades de estudo em casa.

Tabela 18 – Número de eventos de estudo em casa por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	37,2	59,5	53,5	76,7
1 evento	42,9	29,6	37,8	19,8
Mais de 2	19,8	10,9	8,7	3,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 19 – Duração do evento de estudo em casa por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	37,2	59,5	53,5	76,7
Até 2 horas	53,4	33,6	43,6	18,6
Mais de 2 horas	9,3	6,9	2,9	4,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A configuração do estudo em casa apresenta características significativas. Em relação ao número de eventos realizados, temos três grupos delimitados: “nenhum evento”, “um evento”, “mais de dois eventos”. Tanto no dia da semana quanto no fim de semana observamos a proporção maior de moças do que de rapazes realizando este tipo de atividade. Na faixa “nenhum evento”, temos 37,2% das moças e 53,5% dos rapazes. A diferença permanece no fim de semana, porém mais jovens incluem-se nesse grupo: são 59,5% das moças e 76,7% dos rapazes que não se envolvem com atividades de estudo em casa no fim de semana. Entre os jovens que realizam atividades de estudo em casa, a maioria concentra o tempo de estudo em apenas um momento do seu dia, caracterizando a faixa “1 evento”.

Em relação à duração do estudo em casa, a Tabela 19 está agrupada em duas faixas de tempo, mais a não realização das atividades (“nenhum evento”, “até 2 horas”, e “mais de 2 horas”). Entre os jovens que realizam as atividades, observa-se que a maioria concentra-se na faixa de tempo de “até duas horas”. Tanto no dia da

semana quanto no fim de semana, as moças superam os rapazes no tempo de estudo em casa. A lógica de uso do tempo para este grupo é a diminuição do tempo de estudo no fim de semana, que vem sendo uma tendência observada em nossas pesquisas (CARVALHO; MACHADO; ROSA, 2004 e 2001). Porém, em relação ao grupo masculino, na faixa de tempo de “mais de 2 horas”, essa lógica é invertida: aumenta a proporção de rapazes que estudam no fim de semana em relação ao dia da semana: são 4,7% contra 2,9%, respectivamente.

Estes dados apontam uma tendência muito significativa em relação aos estudos de gênero: o maior envolvimento das moças com atividades de estudo e formação (HEILBORN, 1997; DUQUE-ARRAZOLA, 1997). Em geral, as pesquisas apontam que jovens do sexo feminino têm mais sucesso escolar do que jovens do sexo masculino. Considero que o envolvimento com o estudo em casa, extensivo à escola, contribui para o maior sucesso feminino na formação escolar.

As próximas tabelas apresentam as atividades de práticas desportivas.

Tabela 20 – Número de eventos de praticar esportes por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	95,5	99,6	90,7	99,4
1 evento	4,0	0,4	9,3	0,6
Mais de 2	0,4	-	-	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 21 – Duração de evento de praticar esportes por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	95,5	99,6	90,7	99,4
Até 2 horas	3,6	0,4	7,6	0,6
Mais de 2 horas	0,8	-	1,7	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A categoria de práticas esportivas apresenta um pequeno número de jovens envolvidos em tais atividades. Esse envolvimento tende a ser maior entre os jovens do grupo masculino – cerca de 10% do grupo realiza atividades esportivas do dia da semana, contra cerca de 5% das moças. No fim de semana, é praticamente inexistente o número de jovens que realizam tais atividades. A diferença significativa nessa categoria, contraposta à apresentada anteriormente, indica a presença maior do grupo masculino no desenvolvimento de atividades esportivas, enquanto que as moças tendem a estudar mais. O desenvolvimento físico é superado pelos homens, enquanto que o desenvolvimento intelectual é priorizado pelas mulheres. Nesse sentido, reforça-se uma diferenciação por gênero, pensando nas implicações que essa tendência pode indicar. No entanto, esse quadro é pouco relevante para ser explorado nesse momento, uma vez que não há uma grande discrepância em relação aos sexos, e a proporção de jovens envolvidos nesse tipo de atividade é muito pequena.

A seguir, passaremos para a análise das atividades agrupadas na categoria “estudo”, em diferentes combinações.

Tabela 22 – Número de eventos de estudo por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	30,0	55,9	43,0	76,2
1 evento	41,7	33,2	39,5	20,3
Mais de 2	28,3	10,9	17,4	3,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 23 – Duração de evento de estudo por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	30,0	55,9	43,0	76,2
Até 1 hora	34,0	25,5	23,8	12,2
Entre 1 e 2 horas	17,8	9,3	18,0	7,0
Mais de 2 horas	18,2	9,3	15,1	4,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A Tabela 22 apresenta o número de eventos de estudo realizados pelos jovens, organizados em três grupos: “nenhum evento”, “um evento” e “mais de dois eventos”. Conforme a lógica de gênero evidenciada anteriormente, o envolvimento em atividades de estudo das jovens do grupo feminino é maior que o dos rapazes. No dia da semana, 30% das moças não realizam atividades de estudo, enquanto essa faixa é formada por 43% dos rapazes. No fim de semana, embora aumente o número de jovens que não realizam atividades de estudo, a tendência é a mesma: 55,9% para elas contra 76,2% para eles. Entre os jovens que realizam atividades de estudo, a tendência é a concentração em um evento diário, tanto no dia da semana quanto no fim de semana.

Em relação ao tempo destinado ao estudo, foram estabelecidas três faixas: “até 1 hora”, “entre 1 e 2 horas”, “mais de 2 horas”. Conforme a Tabela 23, se observa a tendência à concentração do estudo em até uma hora diária, para o dia da semana e para o fim de semana. Nas faixas maiores de tempo, os grupos feminino e masculino distribuem-se de maneira equitativa no dia da semana, com uma pequena superação das jovens na última faixa de tempo. Para o fim de semana a diferença entre a proporção de moças e rapazes envolvidos em atividades de estudo vai aumentando em relação ao aumento de tempo destinado à realização destas atividades.

Observaremos agora como a categoria estudo apresenta-se em relação à distribuição dos jovens por faixa etária e por ano de estudo no Ensino Médio. As tabelas 24 e 25 apresentam a distribuição do número de eventos de estudo por sexo e faixa etária.

Tabela 24 – Número de eventos de estudo por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	34,5	28,8	23,7
	1 evento	38,1	46,4	34,2
	2 ou mais eventos	27,4	24,8	42,1
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	42,1	41,2	50,0
	1 evento	42,1	43,5	23,3
	2 ou mais eventos	15,8	15,3	26,7
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 25 – Número de eventos de estudo por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	60,7	50,4	63,2
	1 evento	31,0	36,8	26,3
	2 ou mais eventos	8,3	12,8	10,5
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	75,4	76,5	76,7
	1 evento	21,1	21,2	16,7
	2 ou mais eventos	3,5	2,4	6,7
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Os dados que apresentam o número de eventos de estudo, em relação às três faixas etárias e ao sexo indicam que para o dia da semana (Tabela 24), a proporção de moças que se envolvem em atividades de estudo vai aumentando conforme a faixa etária aumenta. Essa relação é invertida em relação aos rapazes, cujos mais jovens envolvem-se em mais atividades de estudo que o grupo de maior idade. Entre o grupo feminino a tendência é uma certa distribuição entre as que realizam um

evento diário de atividade de estudo e as que realizam mais de um evento, nas três faixas de idade. Já o grupo masculino concentra os jovens que realizam as atividades de estudo em apenas um evento diário, excetuando-se a maior faixa de idade, em que há uma distribuição igualitária entre os dois grupos.

No fim de semana (Tabela 25), a lógica de envolvimento com o estudo não permanece a mesma do dia da semana: para as moças, não há uma tendência de aumento do envolvimento em relação ao aumento da idade, já que 60,7% das jovens entre 14 e 15 anos de idade não realizam atividades de estudo, e 63,2% das jovens com mais de 18 anos também estão nesse mesmo grupo. Nesse caso, tanto para o grupo feminino quanto para o grupo masculino prevalece uma distribuição mais homogênea, indicando que a maioria dos jovens, de ambos os sexos e faixas de idade não se envolve com o estudo e a formação no dia da semana e, entre os que se envolvem, a maioria concentra-se na realização de um evento de estudo no fim de semana.

As próximas tabelas apresentam o tempo destinado ao estudo por sexo e faixa etária.

Tabela 26 – Duração do estudo por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	34,5	28,8	23,7
	Até 1 hora	35,7	34,4	28,9
	Entre 1 a 2 horas	17,9	18,4	15,8
	Mais de 2 horas	11,9	18,4	31,6
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	42,1	41,2	50,0
	Até 1 hora	31,6	21,2	16,7
	Entre 1 e 2 horas	14,0	22,4	13,3
	Mais de 2 horas	12,3	15,3	20,0
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 27 – Duração do estudo por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Duração	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	60,7	50,4	63,2
	Até 1 hora	27,4	26,4	18,4
	Entre 1 a 2 horas	7,1	10,4	10,5
	Mais de 2 horas	4,8	12,8	7,9
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	75,4	76,5	76,7
	Até 1 hora	12,3	11,8	13,3
	Entre 1 e 2 horas	7,0	8,2	3,3
	Mais de 2 horas	5,3	3,5	6,7
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

A duração das atividades de estudo foi dividida em três faixas de tempo: “até uma hora”, “entre uma e duas horas” e “mais de duas horas”. Em relação ao dia da semana, as moças mais jovens concentram-se na faixa de tempo de “até uma hora”, correspondendo a 35,7% do grupo. No grupo de idade intermediário (entre 16 e 17 anos), a maioria das moças também se concentra na faixa de tempo de “até uma hora”. Já em relação a terceira faixa de idade (mais de 18 anos), a maioria das jovens, 31,6%, se concentra na faixa de mais de duas horas de estudo. Entre os rapazes, os mais jovens (entre 14 e 15 anos) também acompanham as moças em relação ao uso do tempo: 31,6% se concentram na faixa de até uma hora de realização de estudo. Na faixa de idade intermediária, há uma distribuição homogênea entre as três faixas de tempo, assim como para os jovens com mais de 18 anos.

No fim de semana, a situação dos jovens que estudam tende a apontar a diminuição do tempo envolvido com o estudo, uma vez que a maioria dos jovens que realizam atividades de estudo, de ambos os sexos, em todas as faixas etárias, concentra-se na menor faixa de tempo (“até uma hora”). A tendência da superação

proporcional das moças em relação aos rapazes continua aparecendo, também no fim de semana, para todas as faixas etárias.

Com isso, examinaremos a última combinação dos dados para a categoria “estudo”, que a relaciona ao sexo e ao ano de estudo no Ensino Médio.

Tabela 28 – Número de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana

Sexo	Duração	Ano do Ensino Médio (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	34,5	26,2	22,7
	1 evento	40,3	50,0	39,4
	2 ou mais eventos	25,2	23,8	37,9
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	44,0	41,2	42,1
	1 evento	41,0	35,3	39,5
	2 ou mais eventos	15,0	23,5	18,4
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

Tabela 29 – Número de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana

Sexo	Duração	Ano do Ensino Médio (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	59,0	50,0	53,0
	1 evento	32,4	28,6	37,9
	2 ou mais eventos	8,6	21,4	9,1
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	78,0	79,4	68,4
	1 evento	20,0	17,6	23,7
	2 ou mais eventos	2,0	2,9	7,9
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

A relação entre o número de eventos de estudo e o ano de estudo no Ensino Médio aponta para a mesma direção que está sendo traçada sobre os aspectos de gênero na categoria estudo. Em relação ao dia da semana, entre o grupo feminino, há um aumento no número de eventos de estudo das jovens que estão no primeiro ano do Ensino Médio (25,2%) para as jovens que estão no terceiro ano do Ensino

Médio (37,9%) na faixa de “mais de 2 eventos” de estudo. A idéia é que elas passam a envolver-se mais com as atividades de estudo e formação na medida em que avança a sua formação regular. O mesmo ocorre com os rapazes. Porém, entre o grupo masculino, a distribuição dos jovens entre as duas faixas de número de eventos é mais homogênea, com um leve aumento do primeiro para o terceiro ano.

No fim de semana, as distinções ficam mais nítidas. A concentração da maioria dos jovens, de ambos os sexos e anos de estudo fica na faixa de “um evento” de estudo, para aqueles que realizam tais atividades. No entanto, a proporção de moças na faixa de “dois ou mais eventos” supera os rapazes em todos os anos de estudo, tendo sua maior diferença entre os jovens que estão no segundo ano do Ensino Médio. Enquanto elas representam 21,4% das moças desse ano de estudo que realizam mais de dois eventos de estudo por dia, eles representam 2,9% dos rapazes nessa situação. Dessa forma, evidencia-se a diferenciação em relação ao gênero, em que o grupo feminino envolve-se mais com atividades de estudo.

As próximas tabelas apresentam o tempo destinado à realização de tais atividades, também em relação ao ano de estudo no Ensino Médio.

Tabela 30 – Duração de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana

Sexo	Duração	Ano do Ensino Médio (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	34,5	26,2	22,7
	Até 1 hora	36,7	38,1	25,8
	Entre 1 a 2 horas	16,5	26,2	15,2
	Mais de 2 horas	12,2	9,5	36,4
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	44,0	41,2	42,1
	Até 1 hora	28,0	17,6	18,4
	Entre 1 e 2 horas	16,0	20,6	21,1
	Mais de 2 horas	12,0	20,6	18,4
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

Tabela 31 – Duração de eventos de estudo por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana

Sexo	Duração	Ano do Ensino Médio (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	59,0	50,0	53,0
	Até 1 hora	26,6	21,4	25,8
	Entre 1 a 2 horas	7,9	14,3	9,1
	Mais de 2 horas	6,5	14,3	12,1
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	78,0	79,4	68,4
	Até 1 hora	13,0	11,8	10,5
	Entre 1 e 2 horas	6,0	5,9	10,5
	Mais de 2 horas	3,0	2,9	10,5
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

Dentre as jovens que realizam atividades de estudo no dia da semana, percebemos uma concentração das moças na faixa de tempo de “até 1 hora”, exceto das que estão no terceiro ano do Ensino Médio, que concentram sua maioria na maior faixa de tempo (“mais de duas horas”). Essa tendência corresponde a do número de eventos, apresentado anteriormente: proporcionalmente, as jovens que estão no terceiro ano do Ensino Médio realizam mais eventos de estudo e destinam mais tempo a esses eventos. Para os jovens do grupo masculino, a distribuição ocorre de maneira mais homogênea entre as três faixas de tempo.

Em relação ao fim de semana, temos a mesma tendência à homogeneidade para o grupo masculino – uma distribuição igualitária entre as três faixas de tempo, com um pequeno aumento na faixa de menor tempo de estudo. Entre o grupo feminino, o fim de semana concentra menos tempo destinado ao estudo – a maioria das que estudam está alocada na faixa de “até uma hora”.

Considerando os aspectos levantados em relação à categoria “estudo” e seus desdobramentos nos três tipos de atividades, podemos indicar que essa categoria,

fundamental para uma pesquisa realizada na área da educação, evidencia certas nuances que iniciam a composição da lógica de gênero nos usos do tempo: o cotidiano destes jovens é marcado por pouco envolvimento com atividades de estudo, seja em casa ou em outros espaços, e mostra as jovens superando os rapazes em relação à realização de tais atividades. Se pensarmos a formação como um investimento para os jovens, em termos de conhecimento adquirido para o futuro, qualificação para o ingresso e permanência no mercado de trabalho e aquisição de valores, podemos considerar que as jovens estão à frente dos rapazes, por terem a possibilidade da dedicação de mais tempo ao estudo. A questão para ser pensada na próxima seção é se o tempo destinado ao trabalho é o contraponto para os rapazes não estarem tão disponíveis ao estudo, e também como se comporta a categoria de trabalho doméstico nessa composição.

4.4 TEMPOS DE TRABALHO

Nesta seção, abordaremos os tempos destinados ao trabalho presentes no cotidiano dos jovens. Como já mencionado, a categoria trabalho abrange duas dimensões nessa pesquisa: o trabalho doméstico e o trabalho formal. Para a sistematização dos dados e análise das questões pertinentes em cada dimensão do trabalho, faremos a análise de cada uma delas separadamente.

4.4.1 Tempos de trabalho doméstico

A categoria trabalho doméstico envolve uma série de atividades realizadas no cotidiano dos jovens. A mais expressiva delas, o cuidado e a limpeza da casa, é a que mais se destaca ao pensarmos no trabalho doméstico e, sem dúvidas, a que exige maior esforço de quem a realiza. Em nossa pesquisa, além do cuidado e limpeza da casa, outras atividades compõem o trabalho doméstico: preparo de refeições, cuidado de crianças, tratamento de pessoas doentes ou idosas e realização de compras para a manutenção da casa. Assim, essas atividades serão apresentadas separadamente por sexo. Depois, todas serão agrupadas²⁴, formando a categoria trabalho doméstico, para uma série de análises que pretende perceber as manifestações do trabalho doméstico no cotidiano destes jovens.

As tabelas 32 e 33 apresentam os dados da atividade de cuidados com a casa por sexo, indicando o número de eventos e a duração dos eventos.

Tabela 32 – Número de eventos de cuidados com a casa por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	36,4	42,1	68,6	75,6
1 evento	31,6	27,5	18,6	15,7
Entre 2 e 3 eventos	28,3	27,1	12,2	8,7
Mais de 4 eventos	3,6	3,2	0,6	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

²⁴ De todas as atividades mencionadas, a única que não será apresentada separadamente será a de “tratamento de pessoas doentes ou idosas”, uma vez que houve apenas três casos de jovens envolvidos nesse tipo de atividade, dentre os 419 jovens participantes da pesquisa.

Tabela 33 – Duração de eventos de cuidados com a casa por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	36,4	42,1	68,6	75,6
Até 1 hora	45,3	38,9	25,6	15,7
Entre 1 e 2 horas	14,2	14,6	4,7	6,4
Mais de 2 horas	4,0	4,5	1,2	2,3
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Inicialmente, pode-se perceber a diferenciação em relação à realização dessa atividade: a proporção de moças que se envolve com os cuidados com a casa é maior que a de rapazes, tanto para o dia da semana quanto para o fim de semana. Isso pode ser percebido, na Tabela 32, na faixa que indica “nenhum evento”: no dia da semana são 36,4% das moças e 68,6% dos rapazes que não se envolvem com os cuidados com a casa. No fim de semana, a diferença aumenta para 42,1% entre as jovens e 75,6% dos rapazes. Esta categoria compreende atividades como varrer a casa, lavar louças, lavar roupas, limpar banheiros, lavar o chão, organizar o quarto, arrumar a casa. Geralmente, as mulheres são as que assumem o serviço da casa, e essa marca tende a ser muito forte nos grupos domésticos. Tanto é que, para assumir a realização de tais atividades, muitos garotos a declaram como uma “ajuda” na sua casa, enquanto não fazem outras atividades – não estão empregados, por exemplo, ou para contribuir com as mães ou mulheres responsáveis pelo serviço. A diferença dessa perspectiva é que, para as moças, as atividades domésticas são vividas como uma responsabilidade sua, compartilhada com outras mulheres, como a mãe, a avó ou irmãs, que se coloca em seu cotidiano, fazendo parte de sua rotina. Em relação ao número de eventos, podemos perceber que a maioria das moças realiza de um a três eventos de limpeza da casa, tanto no dia da semana quanto no fim de semana. O mesmo incide sobre os rapazes, mas proporcionalmente eles estão em minoria em relação a elas na realização dessas

atividades.

Ao observarmos a Tabela 33, que indica a duração dos eventos de cuidados com a casa, poderemos perceber que, mais da metade das moças trabalha em casa, tanto no dia da semana quanto no fim de semana, até duas horas por dia (se agruparmos as faixas de tempo “até uma hora” e “entre uma e duas horas”). Se o mesmo recorte for realizado para o grupo masculino, o tempo despendido com atividades de cuidados com a casa não chega a atingir pouco mais de 30% dos jovens no dia da semana e pouco mais de 20% deles no fim de semana. Essas análises fazem perceber que as atividades domésticas são vividas de forma sexuada, e a diferenciação permanece em todos os tipos de atividades que envolvem o trabalho doméstico.

Nas tabelas seguintes, analisaremos a atividade de preparo das refeições. Essa atividade envolve eventos de cozinhar, aquecer e preparar refeições, para si ou para outros membros do grupo doméstico.

Tabela 34 – Número de eventos de preparo de refeições por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	68,4	70,0	79,7	85,5
1 evento	22,7	20,2	16,9	12,2
Mais de 2 eventos	8,9	9,7	3,5	2,3
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 35 – Duração de eventos de preparo de refeições por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	68,4	70,0	79,7	85,5
Até 30 minutos	22,7	17,4	18,0	9,3
De 31 min a 1 hora	6,1	10,1	1,7	4,1
Mais de 1 hora	2,8	2,4	0,6	1,2
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Se analisarmos essa atividade em comparação aos cuidados com a casa, perceberemos a diminuição significativa dos jovens que compõem essa categoria. Cerca de 30% das moças envolvem-se com o preparo das refeições, a maioria em um momento do dia. Entre os rapazes, cerca de 20% no dia da semana e 15% no fim de semana se encarregam desse tipo de atividade, também com a maioria realizando um evento diário.

Em relação à duração do evento de preparo das refeições, entre os que realizam a atividade, a maioria concentra-se em “até 30 minutos”, o que significa o preparo de refeições simples, muitas vezes apenas para si. Em geral, os jovens declaram situações como aquecer uma refeição, preparar seu café da manhã como atividades desse tipo.

Seguindo as análises, apresentaremos os dados referentes ao cuidado de crianças.

Tabela 36 – Número de eventos de cuidado de crianças por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	88,7	94,3	95,9	99,4
1 evento	7,7	2,8	3,5	0,6
Mais de 2 eventos	3,6	2,8	0,6	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 37 – Duração de evento cuidado de crianças por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	88,7	94,3	95,9	99,4
Até 1 hora	9,3	3,2	4,1	0,6
Mais de 1 hora	2,0	2,4	-	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Em relação ao cuidado de crianças, pode-se perceber os poucos casos de jovens envolvidos em tal atividade. Pouco mais de 10% das jovens no dia da semana e pouco mais 5% no fim de semana, representam o grupo feminino que se envolve no cuidado de crianças. Entre os rapazes, cerca de 5% do grupo masculino declara esse tipo de atividade, tanto no dia da semana quanto no fim de semana. Em geral, os jovens cuidam de irmãos ou sobrinhos menores, mas entre as moças aparecem alguns casos de jovens que cuidam de seus próprios filhos, responsabilidade ainda maior. A atividade de cuidados com crianças envolve fornecer alimentação, brincar, levar e buscar da escola, entre outras. Muitas vezes esse tipo de atividade não fica declarado na totalidade do tempo que um jovem passa cuidando da criança. Se uma estudante cuida de um irmão menor a tarde inteira, ou seja, fica com essa criança em casa, responsável por ela, como ocorre entre os participantes da pesquisa, em geral, esta não declara o tempo total que passou envolvida com a criança. Como realizou outras atividades simultâneas nesse tempo, acaba declarando apenas momentos específicos com a criança em seu diário. Isso significa que o cuidado com as crianças pode envolver um tempo maior do que o declarado, e depende da percepção da jovem em relação a essa ocupação para descrever a sua “obrigação” em relação a realização de tal tipo de atividade. De acordo com o tempo declarado de cuidado de crianças, a maioria dos jovens ocupa a faixa de “até uma hora” de atividade diária. Apenas as moças ocupam a segunda faixa de tempo, correspondente a “mais de uma hora”, o que indica que as atividades realizadas por elas implicam maior envolvimento no cuidado de crianças.

As próximas tabelas apresentam o último tipo de atividades que compõem o trabalho doméstico: a realização de compras para a casa. Essa atividade apresenta

uma característica diferente das demais: se as outras atividades de trabalho doméstico estão concentradas no espaço da casa, a realização de compras implica a saída da casa, ou seja, uma possibilidade de freqüentar um espaço público, circular pelo bairro. Essa oportunidade, certamente, envolve moças e rapazes.

Tabela 38 – Número de eventos de compras para a casa por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	82,6	88,3	88,4	94,8
1 evento	13,4	10,9	9,9	5,2
Mais de 2 eventos	4,0	0,8	1,7	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 39 – Duração de evento de compras para a casa por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	82,6	88,3	88,4	94,8
Até 1 hora	15,4	10,9	10,5	5,2
Mais de 1 hora	2,0	0,8	1,2	-
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Em geral, são poucos os jovens, de ambos os sexos, que se envolvem em atividades de compras para a casa. Essas atividades se caracterizam pela realização de pequenas compras, feitas perto de casa, com o objetivo de prover algum alimento para o grupo doméstico. Entre as moças, cerca de 17% realizam esse tipo de atividade no dia da semana, enquanto que cerca de 12% dos rapazes envolvem-se com esse tipo de tarefa. No fim de semana, diminui o contingente de jovens envolvidos com a realização de compras, para cerca de 12% das moças e 5% dos rapazes. A maioria dos que fazem compras para a casa realiza um evento diário, que tem a duração de “até uma hora”.

As atividades que compõem a categoria trabalho doméstico, separadamente, já

indicam a lógica de gênero presente no cotidiano dos jovens envolvidos nessa pesquisa. Analisaremos, a seguir, a categoria agrupada de trabalho doméstico, por sexo, faixa etária e ano de estudo no Ensino Médio dos jovens.

Tabela 40 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	24,3	29,1	51,2	65,7
Até 5 eventos	70,0	67,2	48,3	33,7
Mais de 6 eventos	5,7	3,6	0,6	0,6
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 41 – Duração de evento de trabalho doméstico por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	24,3	29,1	51,2	65,7
Até 2 horas	63,6	60,7	46,5	30,8
Mais de 2 horas	12,1	10,1	2,3	3,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A Tabela 40 apresenta o número de eventos de trabalho doméstico por sexo, agrupados em três faixas: “nenhum evento”, “até 5 eventos” e “mais de 6 eventos”. Ao analisar os dados, percebemos que o índice de não envolvimento com atividades de trabalho doméstico é significativo, se compararmos o grupo feminino com o grupo masculino. Para o dia da semana, são 24,3% das jovens que não realizam atividades de trabalho doméstico, contra 51,2% dos rapazes. Isso significa que, proporcionalmente, para cada moça que não realiza trabalho doméstico, há dois rapazes. No fim de semana, essa diferença permanece. Entre as jovens que realizam trabalho doméstico cerca de 70% tem em seu dia “até cinco eventos” dessa categoria, e uma pequena parcela realiza mais de seis eventos. A maioria dos rapazes – 48,3% no dia da semana e 33,7% no fim de semana – compõe a faixa de “até cinco eventos”, com uma pequena parcela na faixa de “mais de seis eventos”.

O tempo despendido para a realização do trabalho doméstico (Tabela 41) foi dividido em “até duas horas” e “mais de duas horas”. Na primeira faixa de tempo, para o dia da semana, situamos a maioria dos jovens, 63,6% das moças e 46,5% dos rapazes. No fim de semana, a diferença aumenta de 60,7% das moças para 30,8% para os rapazes. Na maior faixa de tempo (“mais de duas horas”) há, proporcionalmente, para cada jovem do grupo masculino envolvendo-se com trabalho doméstico, cerca de quatro moças.

Essa diferenciação é bastante significativa e informa a lógica de gênero configurada no cotidiano dos jovens: o trabalho doméstico é, em sua maioria, uma obrigação feminina. Essa obrigação vai se reproduzindo no interior do grupo doméstico e, em certa medida, também atinge os rapazes, em menor escala. Aqui aparece com vigor o princípio de reciprocidade que mencionava anteriormente, como a lógica que organiza as relações no grupo doméstico informando a responsabilidade de cada membro em relação à manutenção da casa e do grupo doméstico. Temos o envolvimento dos jovens com o trabalho doméstico na medida em que esses se envolvem menos ou não se envolvem em atividades de trabalho formal, por exemplo.

Analisaremos ainda a categoria trabalho doméstico em relação à distribuição dos jovens segundo a faixa etária.

Tabela 42 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Número de eventos	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	19,0	27,2	26,3
	Até 5 eventos	76,2	65,6	71,1
	6 ou mais eventos	4,8	7,2	2,6
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	45,6	50,6	63,3
	Até 5 eventos	52,6	49,4	36,7
	6 ou mais eventos	1,8	-	-
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 43 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Número de eventos	Faixa etária (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	31,0	28,0	28,9
	Até 5 eventos	65,5	67,2	71,1
	6 ou mais eventos	3,6	4,8	-
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	63,2	67,1	66,7
	Até 5 eventos	36,8	32,9	30,0
	6 ou mais eventos	-	-	3,3
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

As tabelas 42 e 43 apresentam o número de eventos de trabalho doméstico por sexo e faixa etária, para o dia da semana e para o fim de semana. Entre o grupo feminino, há certa distribuição homogênea nas três faixas etárias em relação ao número de eventos de trabalho doméstico realizado que, em sua maioria, concentra-se no grupo de “até cinco eventos”. Entre os rapazes há uma diferença dos mais jovens (“entre 14 e 15 anos”) para os mais velhos (“mais de 18 anos”), sendo que o índice de envolvimento com o trabalho doméstico é maior para o grupo mais novo e vai diminuindo conforme avança a idade. Essa característica pode significar que, ao ficarem mais velhos, e terem a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho, os rapazes começam a deixar de se envolver com atividades no interior do grupo doméstico e se colocam na situação de “empregados”, ou seja, executando uma atividade de trabalho formal, ou em situação de procura de emprego, como muitos mencionaram em conversas informais e nas entrevistas realizadas. No fim de

semana, a tendência mantém-se a mesma para ambos os sexos.

Observaremos agora a duração do trabalho doméstico por sexo e faixa etária.

Tabela 44 – Duração de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Duração	Faixas de idade (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	19,0	27,2	26,3
	Até 2 horas	69,0	60,0	63,2
	Mais de 2 horas	11,9	12,8	10,5
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	45,6	50,6	63,3
	Até 2 horas	52,6	49,4	26,7
	Mais de 2 horas	1,8	-	10,0
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 45 – Duração de trabalho doméstico por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Duração	Faixas de idade (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	31,0	28,0	28,9
	Até 2 horas	63,1	60,0	57,9
	Mais de 2 horas	6,0	12,0	13,2
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	63,2	67,1	66,7
	Até 2 horas	31,6	30,6	30,0
	Mais de 2 horas	5,3	2,4	3,3
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Em relação ao tempo despendido no trabalho doméstico, observamos a tendência, no dia da semana, de maior envolvimento dos jovens de acordo com a menor faixa etária. Entre as moças, a distribuição do tempo nas duas faixas ocorre de maneira homogênea nas três faixas de idade: em “até duas horas” temos cerca de 65% das jovens, enquanto que na maior faixa, “mais de duas horas”, temos cerca de 10% das jovens envolvidas. Observa-se, para elas, a diminuição do envolvimento conforme aumenta a faixa etária, tendo mais tempo de trabalho doméstico, proporcionalmente, o grupo intermediário de idade, das jovens entre 16 e 17 anos. Para o grupo masculino, em relação ao dia da semana, a maioria não realiza

atividades de trabalho doméstico, exceto os jovens entre 14 e 15 anos de idade. A diferença entre os que registram “nenhum evento” de trabalho doméstico passa de 45,6% no primeiro grupo etário (entre 14 e 15 anos) para 50,6% no grupo intermediário (entre 16 e 17 anos), chegando a 63,3% no último grupo etário (mais de 18 anos). Dos jovens que realizam atividades de trabalho doméstico, a maioria se concentra na faixa de tempo de “até duas horas”. O único grupo etário com uma distribuição diferente é o de “mais de 18 anos”, que apresenta 26,7% dos jovens em “até duas horas” e 10% dos jovens em “mais de duas horas” de trabalho doméstico.

No fim de semana, a tendência do grupo feminino se mantém a mesma, com a distribuição da maioria das jovens em “até duas horas” e uma parcela no grupo de “mais de duas horas”. O interessante é que, ao contrário do dia da semana, na maior faixa de tempo inverte-se a tendência em relação às faixas de idade: há, proporcionalmente, menos jovens entre 14 e 15 anos do que jovens com 18 anos ou mais nessa faixa de tempo. Há 6% das jovens entre 14 e 15 anos de idade na faixa de tempo de mais de duas horas, 12% das jovens entre 16 e 17 anos e 13,2% das jovens com mais de 18 anos. De forma geral, o grupo etário que mais aumenta o índice de não realização do trabalho doméstico é o mais novo (entre 14 e 15 anos de idade). Talvez aqui, as moças possam compartilhar com as mães que trabalham fora, no fim de semana, as obrigações com a casa e o grupo doméstico. Para os rapazes, a tendência é o aumento do não envolvimento com atividades de trabalho doméstico no fim de semana. Apresenta-se em torno de 65% dos jovens, entre as três faixas etárias, que não registram atividades de trabalho doméstico no fim de semana. A maioria dos rapazes que realiza trabalho doméstico, cerca de 30%, ocupa a faixa de tempo de “até duas horas”, e poucos casos aparecem na faixa de

tempo seguinte, de “mais de duas horas”. Entre esse grupo não se apresentam diferenças relativas às faixas etárias.

Há um panorama interessante para ser pensado sobre a configuração do trabalho doméstico em relação às faixas etárias delimitadas. Para o dia da semana, tempo de uma série de obrigações, são as moças mais jovens as mais responsabilizadas pelas atividades de cuidados e manutenção da casa. Já no fim de semana, as mais jovens diminuem a intensidade da obrigação, dando espaço para as mais velhas comprometerem-se com tal trabalho. Entre o grupo masculino não se evidencia tendência semelhante à do grupo feminino, mas pode-se perceber, pelo menos em relação ao dia da semana, que os garotos mais jovens ocupam-se mais com o trabalho doméstico do que os mais velhos. Para o fim de semana, entre o grupo masculino, a tendência é uma distribuição homogênea, em que a maioria dos jovens não se envolve com o trabalho doméstico. Em todas as situações, no entanto, são as moças que compõem o maior índice de jovens que realizam trabalho doméstico no grupo pesquisado, com uma diferença significativa para o grupo masculino. Isso faz depreender que a lógica de gênero é forte, marca o cotidiano e perpetua as diferenças de gênero no cotidiano dos jovens.

O último grupo de tabelas a ser apresentado apresenta a configuração do trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio, para o dia da semana e para o fim de semana.

Tabela 46 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana

Sexo	Número de eventos	Ano de estudo (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	20,9	16,7	36,4
	Até 5 eventos	74,1	73,8	59,1
	6 ou mais eventos	5,0	9,5	4,5
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	47,0	52,9	60,5
	Até 5 eventos	52,0	47,1	39,5
	6 ou mais eventos	1,0	-	-
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

Tabela 47 – Número de eventos de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana

Sexo	Número de eventos	Ano de estudo (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	29,5	23,8	31,8
	Até 5 eventos	66,2	73,8	65,2
	6 ou mais eventos	4,3	2,4	3,0
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	65,0	79,4	55,3
	Até 5 eventos	35,0	17,6	44,7
	6 ou mais eventos	-	2,9	-
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

A perspectiva apresentada pelos dados de trabalho doméstico relacionados ao ano de estudo no Ensino Médio reitera o posicionamento anteriormente apresentado em relação ao gênero. Nesse sentido, observamos que, em relação ao número de eventos realizados, tanto no dia da semana quanto no fim de semana, a diferença entre as jovens do grupo feminino para o grupo masculino mantêm-se. Para o dia da semana as moças concentram-se na faixa de “até 5 eventos”, diminuindo a proporção de jovens envolvidas com o trabalho doméstico em relação ao aumento da escolarização. Mesmo sendo uma pequena diferença, temos cerca de 20% das jovens no primeiro ano do Ensino Médio que não se envolvem com trabalho doméstico, 16,7% das jovens do segundo ano nessa situação e 36,4% das estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Entre os rapazes a tendência é a

mesma, porém os índices são maiores: para o primeiro ano temos 47% de rapazes que não realizam atividades de trabalho doméstico, 52,9% de jovens no segundo ano e 60,5% de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio nessa situação. Quase a totalidade dos jovens que registram atividades de trabalho doméstico, nos três anos de Ensino Médio, situa-se no grupo de “até 5 eventos” para o dia da semana.

Em relação ao fim de semana, os índices do grupo feminino aumentam pouco considerando o dia da semana, para as jovens que não realizam atividades de trabalho doméstico. Entre o grupo masculino, o aumento é significativamente maior e concentra-se entre os estudantes do primeiro e segundo anos do Ensino Médio. Em relação ao número de eventos realizados no fim de semana, a maioria realiza “até 5 eventos” de trabalho doméstico. Para compor essa análise, apresentaremos a duração do trabalho doméstico, por sexo e ano de estudo no Ensino Médio.

Tabela 48 – Duração de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana

Sexo	Duração	Ano de estudo (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	20,9	16,7	36,4
	Até 2 horas	68,3	64,3	53,0
	Mais de 2 horas	10,8	19,0	10,6
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	47,0	52,9	60,5
	Até 2 horas	52,0	41,2	36,8
	Mais de 2 horas	1,0	5,9	2,6
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

Tabela 49 – Duração de trabalho doméstico por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – fim de semana

Sexo	Duração	Ano de estudo (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Nenhum evento	29,5	23,8	31,8
	Até 2 horas	62,6	64,3	54,5
	Mais de 2 horas	7,9	11,9	13,6
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Nenhum evento	65,0	79,4	55,3
	Até 2 horas	32,0	20,6	36,8
	Mais de 2 horas	3,0	-	7,9
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

As tabelas 48 e 49 complementam a discussão que vinha sendo apresentada, em relação aos dados das tabelas 46 e 47. O tempo destinado ao trabalho doméstico está dividido em duas faixas: “até duas horas” e “mais de duas horas” correspondentes ao trabalho diário. Assim, temos no dia da semana uma configuração que concentra as jovens do grupo feminino na faixa de “até duas horas” de trabalho doméstico, com a tendência da diminuição do tempo em relação ao aumento da escolarização: são 68,3% das jovens do primeiro ano contra 53% das jovens do terceiro ano. Há também uma parcela significativa de moças alocadas na faixa de “mais de duas horas” de trabalho doméstico: cerca de 10% das jovens do primeiro e do terceiro ano e 19% das jovens que estudavam no segundo ano do Ensino Médio. No grupo masculino, para o dia da semana, o envolvimento com o trabalho doméstico representa índices maiores para os jovens de menor escolarização, enquanto que diminui o envolvimento quando se trata da análise dos jovens do terceiro ano do Ensino Médio.

Para o fim de semana, a tendência entre as jovens é a diminuição do envolvimento com o trabalho doméstico, seja em relação à realização das atividades, seja em relação ao tempo destinado ao trabalho doméstico. Para o grupo

masculino também aumentam os índices de não realização de trabalho doméstico, excetuando-se o grupo do terceiro ano do Ensino Médio, que tem no fim de semana mais rapazes envolvidos com atividades de trabalho doméstico do que no dia da semana.

Os dados apresentados em relação ao trabalho doméstico evidenciam a perspectiva de gênero em todas as configurações e combinações apresentadas. Assim, entendemos que o gênero é uma dimensão significativa para a compreensão do trabalho doméstico. Observa-se a produção no cotidiano dos jovens de configurações do grupo doméstico que indicam a atuação recíproca de cada jovem em casa. Essa configuração tende a marcar a lógica da diferenciação por gênero em relação às obrigações do cuidado e manutenção da casa e do grupo doméstico.

A segunda dimensão do trabalho no cotidiano dos jovens corresponde ao trabalho formal, que será apresentada na próxima seção.

4.4.2 Tempos de trabalho formal

O trabalho formal foi caracterizado para agrupar todas as atividades de trabalho, remuneradas ou não, que obedeçam ao critério da frequência e sistematicidade de realização. Nos dados da pesquisa, o trabalho formal inclui desde atividades de trabalho remunerado, como os estágios, realizados por muitos jovens, em diversos setores do mercado de trabalho, quanto atividades que não envolvem a

contratação do jovem, mas que se caracterizam como trabalho em função da regularidade da realização, como a “ajuda” aos pais em um negócio familiar, por exemplo. Não foi possível determinar o tipo de vínculo de trabalho de cada um dos jovens. Essa categoria será analisada em relação ao sexo, à faixa etária, ao ano de estudo no Ensino Médio e à composição do grupo doméstico. Inicialmente, serão apresentados os dados referentes ao trabalho formal por sexo, para o dia da semana e para o fim de semana.

Tabela 50 – Situação do trabalho formal por sexo

Situação	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Trabalha	11,7	2,4	12,2	2,3
Não trabalha	88,3	97,6	87,8	97,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 51 – Duração do trabalho formal por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Não trabalha	88,3	97,6	87,8	97,7
Até 6 horas	9,3	1,6	8,1	1,2
Entre 6 e 8 horas	0,8	0,4	2,9	-
Mais de 8 horas	1,2	0,4	1,2	1,2
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A situação do trabalho formal indica que a maioria dos jovens não trabalha formalmente. Para o dia da semana, temos 11,7% das moças e 12,2% dos rapazes que trabalham. No fim de semana, o índice cai para 2,4% das moças e 2,3% dos rapazes. Proporcionalmente, há mais rapazes do que moças em situação de trabalho formal no grupo pesquisado. Em relação ao tempo dedicado ao trabalho, foram estabelecidas três faixas de tempo: “até 6 horas”, “entre 6 e 8 horas” e “mais de 8 horas”. A maioria dos jovens que trabalha situa-se na faixa de “até 6 horas”: são 9,3% das moças e 8,1% dos rapazes. Além de estarem em maior número, os rapazes também trabalham, proporcionalmente, um pouco mais do que as moças. A

concentração na faixa de tempo “até 6 horas” indica a tendência à modalidade de contratação para o trabalho formal dos estudantes ser a de “estágios”, que supõe o vínculo de trabalho aliado à frequência à escola e determina o número máximo de seis horas de trabalho diárias.

Em função dos poucos casos de jovens que desenvolvem atividades de trabalho formal no fim de semana, a partir desse momento os dados analisados serão apenas os correspondentes ao dia da semana. Centraremos a análise, também, nas comparações entre as situações de trabalho, já que praticamente a totalidade dos jovens que trabalham encontra-se na faixa de “até 6 horas”.

A tabela 52 apresenta a situação do trabalho formal por sexo e faixa etária.

Tabela 52 – Situação do trabalho formal por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Situação	Faixas de idade (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Trabalha	2,4	16,0	18,4
	Não trabalha	97,6	84,0	81,6
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Trabalha	1,8	15,3	23,3
	Não trabalha	98,2	84,7	76,7
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

A situação de trabalho formal é predominante no grupo mais velho, e apresenta-se de forma crescente nas faixas de idade. Para o grupo feminino, há 2,4% das moças entre 14 e 15 anos em situação de trabalho, 16% das jovens entre 16 e 17 anos e 18,4% das jovens com 18 anos ou mais. Entre o grupo masculino, há 1,8% dos rapazes entre 14 e 15 anos, 15,3% dos rapazes entre 16 e 17 anos e 23,3% dos jovens com 18 anos ou mais. A situação do trabalho informal, rebatida à do trabalho doméstico, apresenta o contraponto para o maior índice de trabalho

doméstico feminino em relação ao maior índice de trabalho formal masculino. Porém, como a diferença é pequena entre os sexos, ainda não se pode considerar a categoria de trabalho formal como a que explicaria o menor tempo dos rapazes destinado ao trabalho doméstico.

Observaremos agora a situação do trabalho formal por sexo e ano de estudo no Ensino Médio, de acordo com a Tabela 53.

Tabela 53 – Situação do trabalho formal por sexo e ano de estudo no Ensino Médio – dia da semana

Sexo	Situação	Ano de estudo (%)		
		1º ano	2º ano	3º ano
FEMININO	Trabalha	5,0	11,9	25,8
	Não trabalha	95,0	88,1	74,2
	Total	(139)	(42)	(66)
MASCULINO	Trabalha	1,0	23,5	31,6
	Não trabalha	99,0	76,5	68,4
	Total	(100)	(34)	(38)

N = 419

A tendência observada na configuração da situação de trabalho formal em relação ao ano de estudo no Ensino Médio indica a elevação crescente no envolvimento no trabalho conforme o aumento da escolarização, tanto entre as moças quanto para os rapazes. Dos jovens que estão no terceiro ano do Ensino Médio, 25,8% das moças e 31,6% dos rapazes trabalhava formalmente no momento da realização da pesquisa. Se considerarmos que, ao final do Ensino Médio, um dos objetivos é a inserção no mercado de trabalho, a tendência ao aumento de jovens vinculados ao trabalho formal no terceiro ano vai ao encontro dessa idéia.

A última tabela a ser analisada em relação ao trabalho formal tende a pensar se, em relação ao princípio de reciprocidade, apresentado no tópico sobre o trabalho doméstico, a composição do grupo doméstico pode influenciar no envolvimento dos

jovens com o trabalho formal. A idéia é observar se a composição do grupo doméstico é um fator que condiciona o trabalho formal dos jovens. Essa hipótese foi estabelecida através da análise dos dados relacionados ao trabalho doméstico, que indicam que a reciprocidade marca a ocupação dos jovens nas atividades de cuidado e manutenção da casa. Interessa saber, agora, se quanto maior o grupo doméstico do jovem, maior a tendência ao envolvimento com o trabalho formal, uma vez que há a necessidade de aumento da renda para a manutenção do grupo doméstico. A Tabela 54 apresenta a situação do trabalho formal por sexo e composição do grupo doméstico.

Tabela 54 – Situação do trabalho formal por sexo e composição do grupo doméstico – dia da semana

Sexo	Situação	Composição do grupo doméstico (%)	
		2 a 4 pessoas	5 pessoas ou mais
FEMININO	Trabalha	9,4	17,8
	Não trabalha	90,6	82,2
	Total	(171)	(73)
MASCULINO	Trabalha	13,2	9,8
	Não trabalha	86,8	90,2
	Total	(121)	(51)

N = 419

Ao pensarmos no envolvimento com o trabalho formal concomitante ao estudo, a lógica da “necessidade” aparece muito presente. Por isso a Tabela 54 foi construída, para analisar se o envolvimento com o trabalho tende a ser maior em grupos domésticos maiores. A configuração é bastante interessante, pois entre o grupo feminino reproduz-se essa idéia: nos grupos domésticos formados por “5 ou mais pessoas”, há 17,8% das jovens que trabalham, enquanto que nos grupos domésticos menores, de “2 a 4 pessoas”, há 9,4% das jovens. A lógica de gênero, perde espaço entre o grupo feminino para a questão da reciprocidade. Já entre o grupo masculino, a lógica de gênero mantém-se independente da reciprocidade,

uma vez que não há aumento do envolvimento com o trabalho formal em relação ao aumento do número de pessoas no grupo doméstico. A conclusão a que se chega com esses dados é que, em grupos domésticos maiores, rompe-se a reprodução da lógica da ocupação do espaço público (masculino) e privado (feminino) em virtude da necessidade de manutenção de todos os participantes do grupo doméstico.

A situação do trabalho formal evidencia a perspectiva de gênero nas relações apresentadas: são os rapazes que se envolvem mais com o trabalho formal. Isso permite compreender que a lógica de gênero é marcante em relação ao trabalho formal e, na composição com o trabalho doméstico, reitera as diferenças em relação ao cotidiano de moças e rapazes.

4.5 TEMPOS DE LAZER

A categoria lazer abrange uma série de atividades realizadas pelos jovens em seu tempo livre. Analisaremos nesta seção cada uma delas, separadamente, por sexo. Em seguida, agruparemos as atividades na categoria “lazer”, e uma série de combinações será realizada. A intenção é perceber como o lazer se configura no cotidiano destes jovens, e pensar a relação entre o tempo livre e o tempo dedicado ao trabalho. A categoria lazer, portanto, inclui as seguintes atividades: leitura – enquanto fruição, não como estudo; escutar música; assistir televisão; utilizar o computador – para jogos e Internet, não como objeto para o estudo; “jogar”, que inclui os jogos eletrônicos e as atividades desportivas; e o evento social, que

incorpora os passeios e as conversas.

As Tabelas 55 e 56 apresentam os dados relativos à leitura.

Tabela 55 – Número de eventos de leitura por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	84,6	81,8	90,7	92,4
1 evento	14,2	13,4	7,6	5,8
Mais de 2 eventos	1,2	4,9	1,7	1,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 56– Duração de evento de leitura por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	84,6	81,8	90,7	92,4
Até 1 hora	13,8	14,2	8,1	4,1
Mais de 1 hora	1,6	4,0	1,2	3,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A atividade de leitura relacionada ao lazer indica os momentos em que o jovem realiza leitura que não está ligada diretamente ao estudo, como ler jornais, revistas, livros literários, entre outros. Observamos poucos jovens envolvidos com a leitura, tanto no dia da semana quanto no fim de semana. Entre o grupo feminino, 84,6% das jovens não realiza leituras no dia da semana, enquanto que 81,8% não lêem no fim de semana. O aumento da leitura no fim de semana mostra que, mais liberadas das obrigações, as jovens podem dispor de tempo para realizar atividades de leitura no fim de semana. Em relação ao número de eventos, aumenta, para as moças, a leitura no fim de semana. Entre o grupo masculino, há cerca de 10% dos rapazes que realizam atividades de leitura. Desses, a maioria realiza um evento de leitura no dia. Ao contrário das moças, o índice de rapazes que lêem diminui no fim de semana. Para eles, talvez, a possibilidade do tempo livre seja ocupada com outras atividades de lazer. Essa hipótese pode ser verificada mais adiante, ao

apresentarmos as outras atividades que compõem o lazer.

Em relação à duração da atividade de leitura (Tabela 56), temos duas faixas de tempo: “até uma hora” e “mais de uma hora”. A maioria dos jovens, de ambos os sexos, concentra-se na menor faixa de tempo. Uma observação interessante é que, no fim de semana, tanto entre o grupo feminino quanto entre o grupo masculino, aumenta o índice de jovens alocados na faixa de tempo de “mais de uma hora”. Com isso, podemos inferir que, dos jovens que tem à disposição materiais para a leitura, o fim de semana apresenta-se como possibilidade maior de realização dessa atividade.

As tabelas que seguem apresentam os dados dos jovens em relação ao evento de “escutar música”.

Tabela 57 – Número de eventos de escutar música por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	61,9	53,4	72,7	68,0
1 evento	22,7	24,7	15,1	16,9
Mais de 2 eventos	15,4	21,9	12,2	15,1
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 58 – Duração de evento escutar música por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	61,9	53,4	72,7	68,0
Até 2 horas	31,6	30,4	23,2	22,1
Mais de 2 horas	6,5	16,2	4,1	9,9
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A atividade de escutar música geralmente acompanha a rotina dos jovens como atividade secundária em seu cotidiano. Como atividade principal, são poucos os casos de jovens que se envolvem com essa atividade em suas rotinas – cerca de 40% das moças e 30% dos rapazes. Observa-se inicialmente que esta é uma atividade realizada mais pelas moças do que pelos rapazes. Em relação ao número de eventos de escutar música que cada jovem realiza, observamos que a maioria concentra-se em “um evento”, diminuindo a diferença no fim de semana para o grupo de “mais de dois eventos”. Essa tendência apresenta-se para ambos os sexos.

Em relação ao tempo destinado a escutar música, a maioria dos jovens ouve “até duas horas” de música. Seguindo a tendência de aumentar o tempo no fim de semana, a faixa de “mais de duas horas” cresce significativamente para o grupo feminino e para o grupo masculino: entre as jovens, aumenta de 6,5% para 16,2%; entre os rapazes aumenta de 4,1% para 9,9% no fim de semana. Podemos indicar que a atividade de escutar música não apresenta uma distinção significativa em relação ao gênero.

Assim, passaremos à próxima atividade, que é responsável por grande parte da alocação do tempo livre dos jovens: assistir televisão.

Tabela 59 – Número de eventos de assistir televisão por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	15,0	16,2	15,1	15,7
Até 2 eventos	57,1	44,9	64,5	41,9
Mais de 3 eventos	27,9	38,9	20,3	42,4
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 60 – Duração de evento de assistir televisão por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	15,0	16,2	15,1	15,7
Até 2 horas	55,9	33,2	49,4	23,3
Mais de 2 horas	29,1	50,6	35,5	61,0
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

A primeira observação em relação à categoria “assistir televisão” é a de que a grande maioria dos jovens envolve-se em atividades desse tipo: cerca de 85% dos jovens assistem televisão em seu cotidiano. Não há diferenciação entre o dia da semana e o fim de semana. Podemos inferir que a televisão faz parte da rotina dos jovens, independente das outras atividades a serem realizadas. Em relação ao número de eventos de assistir televisão, percebe-se que no dia da semana, tanto moças como rapazes concentram as atividades de assistir televisão em “até dois eventos” diários. No fim de semana, o grupo divide-se entre as duas faixas de eventos – “até dois eventos” e “mais de três eventos”.

Em relação ao tempo dedicado a assistir televisão (Tabela 60), observamos duas faixas de tempo: “até duas horas” e “mais de duas horas”. No dia da semana, moças e rapazes concentram o tempo de assistir televisão em “até duas horas” – são 55,9% das moças e 49,4% dos rapazes. Já no fim de semana, aumenta significativamente o tempo de assistência à televisão: em “mais de duas horas” aparecem 50,6% das moças e 61% dos rapazes. Independentemente do sexo, os jovens assistem muito à televisão, sobretudo no fim de semana.

As próximas tabelas mostram os dados relativos à utilização do computador.

Tabela 61 – Número de eventos de utilizar o computador por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	77,3	66,8	67,4	62,2
1 evento	15,8	15,4	19,8	15,1
Mais de 2 eventos	6,9	17,8	12,8	22,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 62 – Duração de evento de utilizar o computador por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	77,3	66,8	67,4	62,2
Até 2 horas	19,0	12,6	20,3	9,3
Mais de 2 horas	3,6	20,6	12,2	28,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

O uso do computador como uma atividade de lazer indica a sua utilização para jogos, navegar pela internet, comunicar-se com outras pessoas através de ferramentas como MSN, etc. Podemos perceber que há poucos jovens envolvidos com atividades de uso do computador, mas dentre os que realizam, um requisito é fundamental: todos têm computador em casa e possuem acesso à Internet. Em relação ao número de eventos de utilização do computador, percebemos que no dia da semana, a maioria dos jovens concentra-se em “um evento” diário. No fim de semana, aumenta para “mais de dois eventos” o uso do computador.

Em relação ao tempo dedicado ao uso do computador, a diferença marcante aparece na relação do dia da semana com o fim de semana: entre as jovens que utilizam o computador por mais de duas horas, aumenta o grupo de 3,6% no dia da semana para 20,6% no fim de semana. Para o grupo masculino, a diferença aumenta de 12,2% para 28,5% no fim de semana.

Os dados apresentados a seguir compõem a atividade “jogar” que envolve jogos eletrônicos e a prática desportiva como fruição.

Tabela 63 – Número de eventos de “jogar” por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	93,1	90,3	77,9	53,5
1 evento	5,3	6,5	12,2	24,4
Mais de 2 eventos	1,6	3,2	9,9	22,1
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 64 – Duração de evento de jogar por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	93,1	90,3	77,9	53,5
Até 2 horas	6,5	7,7	16,3	19,8
Mais de 2 horas	0,4	2,0	5,8	26,7
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Em relação a esse tipo de atividade, as marcas de gênero começam a aparecer. Proporcionalmente, o número de moças envolvidas com atividades de “jogar” é bastante inferior ao número de rapazes: no dia da semana são cerca de 7% das moças para 28% dos rapazes que declaram atividades de “jogar” em sua rotina. No fim de semana a diferença aumenta de cerca de 10% das moças para cerca de 47% dos rapazes. É comum percebermos como os rapazes organizam seu tempo livre com atividades como jogar futebol com os amigos, jogar videogame, entre outros. Na lógica de gênero, essas atividades são quase totalmente restritas ao masculino.

As tabelas seguintes apresentam os dados referentes à última atividade que compõe o lazer: os eventos sociais.

Tabela 65 – Número de eventos sociais por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	38,1	17,4	53,5	34,3
1 evento	32,8	28,3	29,7	37,2
Mais de 2 eventos	29,1	54,3	16,9	28,5
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 66 – Duração de evento social por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	38,1	17,4	53,5	34,3
Até 2 horas	49,0	29,6	32,0	23,8
Mais de 2 horas	13,0	53,0	14,5	41,9
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

O evento social corresponde às saídas, passeios, festas e conversas realizadas pessoalmente ou ao telefone. Sendo assim, percebemos que o maior envolvimento com os eventos sociais ocorre no fim de semana, em que aumentam os índices de jovens que realizam tais atividades. No fim de semana, a maior parte das moças (54,3%) envolve-se em “mais de dois eventos” sociais. Já os rapazes distribuem-se entre as duas faixas de número de eventos de maneira homogênea.

Em relação ao tempo dedicado aos eventos sociais, o fim de semana corresponde à “mais de duas horas” dessa atividade para 53% das moças e 41,9% dos rapazes. Atividades de lazer como festas, saídas para circular pelo bairro, freqüentar praças, ir à casa de amigos para conversar compõem os eventos sociais. Em contrapartida ao tempo de “jogar”, o tempo de eventos sociais apresenta maior envolvimento feminino.

Passaremos agora a analisar a categoria lazer agrupada, em diferentes

combinações dos dados.

Tabela 67 – Número de eventos de lazer por sexo

Número de eventos	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	4,0	0,8	6,4	1,2
Até 5 eventos	74,5	47,8	70,3	54,1
Mais de 6 eventos	21,5	51,4	23,3	44,8
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Tabela 68 – Duração de evento de lazer por sexo

Duração	Feminino %		Masculino %	
	Dia da semana	Fim de semana	Dia da semana	Fim de semana
Nenhum evento	4,0	0,8	6,4	1,2
Até 2 horas	20,2	2,8	12,8	0,6
Entre 2 e 4 horas	44,1	10,5	36,0	2,9
Mais de 4 horas	31,6	85,8	44,8	95,3
Total	(247)	(247)	(172)	(172)

N = 419

Inicialmente, podemos afirmar que praticamente a totalidade dos jovens realiza atividades de lazer em seu tempo livre. Em relação ao número de eventos de lazer, percebemos que jovens de ambos os sexos concentram-se, no dia da semana, em “até 5 eventos” diários: são 74,5% das moças e 70,3% dos rapazes. No fim de semana, a concentração avança para o grupo de “mais de 6 eventos”: são 51,4% das moças e 44,8% dos rapazes.

O tempo destinado ao lazer apresenta distinções em relação ao gênero. No dia da semana, o grupo feminino concentra a maioria das jovens (44,1%) “entre 2 e 4 horas” de lazer, enquanto que o grupo masculino concentra a maioria dos jovens (44,8%) na faixa de “mais de 4 horas” de lazer. No fim de semana, a maioria dos sujeitos concentra-se na faixa de tempo de “mais de 4 horas”.

Ao analisarmos a configuração do lazer por sexo, algumas considerações podem ser feitas. Respeitando a lógica de gênero, a diferença no uso do tempo de lazer no dia da semana para moças e rapazes complementa as diferenças estabelecidas em relação ao trabalho doméstico: enquanto, durante a semana, elas estão mais comprometidas com o cuidado e a manutenção da casa, eles têm mais tempo disponível ao lazer.

Seguiremos analisando a combinação da categoria lazer por sexo e faixa etária. Nessa combinação serão analisados apenas os dados referentes ao tempo destinado aos eventos de lazer, para o dia da semana e o fim de semana.

Tabela 69 – Duração do lazer por sexo e faixa etária – dia da semana

Sexo	Duração	Faixas de idade (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	1,2	4,8	7,9
	Até 2 horas	20,2	17,6	28,9
	Entre 2 e 4 horas	53,6	43,2	26,3
	Mais de 4 horas	25,0	34,4	36,8
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	-	8,2	13,3
	Até 2 horas	15,8	10,6	13,3
	Entre 2 e 4 horas	40,4	35,3	30,0
	Mais de 4 horas	43,9	45,9	43,3
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

Tabela 70 – Duração do lazer por sexo e faixa etária – fim de semana

Sexo	Duração	Faixas de idade (%)		
		14 e 15 anos	16 e 17 anos	Mais de 18 anos
FEMININO	Nenhum evento	-	0,8	2,6
	Até 2 horas	-	2,4	10,5
	Entre 2 e 4 horas	6,0	12,8	13,2
	Mais de 4 horas	94,0	84,0	73,7
	Total	(84)	(125)	(38)
MASCULINO	Nenhum evento	-	1,2	3,3
	Até 2 horas	-	1,2	-
	Entre 2 e 4 horas	5,3	-	6,7
	Mais de 4 horas	94,7	97,6	90,0
	Total	(57)	(85)	(30)

N = 419

A distribuição do lazer em relação às faixas etárias tende a obedecer a lógicas distintas para o dia da semana e para o fim de semana. No dia da semana, a Tabela 69 apresenta a distribuição da duração do tempo de lazer em relação às três faixas etárias. Entre os jovens, de ambos os sexos, percebe-se uma distribuição mais homogênea da composição das faixas de tempo entre os três grupos etários. Em relação ao grupo feminino, a maioria das moças entre 14 e 15 anos concentra-se na faixa “entre 2 e 4 horas” de lazer. O grupo masculino, nessa faixa etária, concentra-se na faixa maior de tempo, de “mais de 4 horas”. Na faixa etária seguinte, “entre 16 e 17 anos”, repete-se a mesma tendência: menos lazer, proporcionalmente, para a maioria das moças em relação aos rapazes. Apenas o grupo de maior idade, na faixa de “mais de 18 anos” concentra a maioria dos jovens de ambos os sexos na maior faixa de tempo de lazer.

Em relação ao fim de semana, a tendência é praticamente a totalidade do grupo masculino, nas três faixas etárias, realizar “mais de 4 horas” de lazer. Entre o grupo feminino, a maioria das moças também se concentra nessa faixa de tempo, porém os índices apontam uma diminuição significativa da proporção de moças na faixa de “mais de 4 horas” de lazer em relação ao aumento da faixa etária. Podemos pensar que, quanto mais aumenta a idade das moças, menos tempo disponível ao lazer elas têm no fim de semana.

A última tabela a ser analisada na categoria lazer relaciona a duração do lazer ao sexo e à situação do trabalho formal para o dia da semana. Interessa observar como se configura o tempo de lazer dos jovens que trabalham e que não trabalham.

Tabela 71 – Duração do lazer em relação à situação do trabalho formal – dia da semana

Sexo	Duração	Situação do trabalho formal (%)	
		Trabalha	Não trabalha
FEMININO	Nenhum evento	20,7	1,8
	Até 2 horas	34,5	18,3
	Entre 2 e 4 horas	41,4	44,5
	Mais de 4 horas	3,4	35,3
	Total	(29)	(218)
MASCULINO	Nenhum evento	33,3	2,6
	Até 2 horas	52,4	7,3
	Entre 2 e 4 horas	9,5	39,7
	Mais de 4 horas	4,8	50,3
	Total	(21)	(151)

N = 419

Embora o grupo de jovens trabalhadores seja pequeno, podemos perceber que a relação entre aqueles que trabalham e o tempo despendido com o lazer é bastante significativa: tanto para o grupo feminino quanto para o grupo masculino percebemos que o tempo de lazer no dia da semana não corresponde à tendência do grupo apresentada anteriormente. Para as jovens, a distribuição proporcional do tempo de lazer na faixa de tempo intermediária (“entre 2 e 4 horas”) assemelha-se entre as que trabalham (41,%) e as que não trabalham (44,5%). Porém, a proporção de jovens que não tem tempo disponível ao lazer é maior entre as que trabalham (20,7%) do que entre as moças que não trabalham (1,8%).

Para o grupo masculino, a configuração da distribuição do lazer é mais evidente: há uma tendência crescente à diminuição do tempo de lazer entre os rapazes que trabalham, enquanto a tendência é inversa para os jovens que não trabalham. Encontramos 52,4% dos rapazes que trabalham na faixa de “até duas horas” de lazer, enquanto que 50,3% dos jovens que não trabalham ocupam, no dia da semana, a faixa de “mais de 4 horas de lazer”.

Em relação aos tempos de lazer, podemos pensar que há uma

complementaridade às outras categorias, uma vez que, ao analisarmos a disposição ao tempo livre, conseguimos observar as distinções de gênero que contrapõem às categorias de estudo e trabalho. A maior disponibilidade das moças para a realização de atividades de estudo e de trabalho, principalmente o trabalho doméstico, implica menor tempo disponível ao lazer.

4.6 OUTROS TEMPOS...

Neste tópico, apresento as entrevistas realizadas com 14 jovens que participaram da pesquisa. Conforme descrito anteriormente, os jovens entrevistados foram selecionados através de um mapeamento feito sobre as temporalidades, de acordo com os dados coletados no diário de usos do tempo. A partir da idéia de constituir tipos ideais de rotinas, selecionei quatro jovens para cada tipo correspondente. Desses, alguns foram substituídos, por não estudarem mais na escola, serem ex-alunos, ou não quiseram participar da entrevista. No total, ficaram 14 jovens para as entrevistas, que seguiu um roteiro de orientação (Anexo C). Em geral, a entrevista procurava ser uma conversa com o jovem sobre sua rotina, “atualizando” o diário, já que havia um período de cerca de seis meses entre a realização do diário e o momento da entrevista. Os temas selecionados para a conversa envolveram o estudo, o trabalho – doméstico e formal – e o lazer. Ainda, propunha-se que o jovem falasse a respeito da relação que percebe entre a escola e o mundo do trabalho, e o que ambos significam em sua vida.

As entrevistas tornaram-se conversas, guiadas pelas falas dos próprios jovens. Com alguns, a conversa foi mais curta, um pouco por timidez do entrevistado, por não ter muito que destacar de sua vida. Para outros, principalmente entre as meninas, muitos assuntos foram abordados. Percebi um entusiasmo maior entre as garotas ao contar-me sobre suas rotinas. Talvez a minha presença diante dos rapazes os tenha deixado acanhados, em relação a uma possível identificação projetiva que ficaria mais fácil de realizar com as garotas. Muitos recursos foram utilizados para permitir um certo “entrosamento”. O mais significativo era contar alguma coisa ao meu respeito para introduzir o assunto, estabelecendo relações com as falas dos jovens. O mais típico foi o lugar onde eu trabalho, já que muitos jovens moram no bairro onde trabalho. Citava a escola, para tentar aproximar-me deles, não sendo uma completa “estranha”. Mesmo assim, é difícil estabelecer uma avaliação do grau de reciprocidade estabelecido nas entrevistas, uma vez que foram realizadas com jovens que tiveram poucos contatos comigo²⁵ antes daquele momento.

Como a idéia das entrevistas não era estabelecer uma amostra com representatividade estatística para os casos dos diários, procurei estabelecer um critério para poder aproximar-me dos jovens, conhecer mais de perto suas vidas e “personificar” as temporalidades que vinha conhecendo. Nesse sentido, a estratégia da definição das rotinas típicas pareceu-me a possibilidade de estabelecer este contato e agregar outras interpretações aos dados quantitativos da pesquisa com os diários de usos do tempo.

²⁵ Embora tenha participado de todo o processo de pesquisa de campo, a coleta de dados com o diário de usos do tempo foi realizada por outros participantes do grupo de pesquisa, o que significa que não tive o contato direto com todos os jovens participantes.

As rotinas típicas foram definidas a partir do estabelecimento de quatro perfis de rotina entre os jovens. Cada perfil prioriza uma categoria como a que marca a utilização do tempo pelos jovens. As categorias escolhidas foram: i) estudo extra-escolar e temas de casa; ii) trabalho doméstico; iii) trabalho formal; e iv) lazer. Dentre os jovens que tinham na descrição do diário do dia da semana um forte envolvimento com cada uma dessas categorias, foram escolhidos dois de cada sexo para serem entrevistados²⁶. Retomados os contatos necessários com a escola, o primeiro contato com os jovens a serem entrevistados foi coletivo, para a apresentação do “Termo de Consentimento Informado” (Anexo F) que cada um deveria preencher para a participação na entrevista. O encontro seguinte foi individual, em que a conversa sobre o seu dia foi realizada. O áudio das entrevistas foi registrado em gravador portátil, e degravado pela própria pesquisadora, o que facilitou a retomada de algumas situações, gestos ou expressões dos jovens para compor a cena de cada fala.

Para alguns jovens a rotina típica do diário já não se configura a mesma do momento em que foram entrevistados. Alguns trabalhavam, e passaram pela experiência da demissão. Outros faziam cursos, que acabaram em 2005. Por isso, a classificação realizada em relação às rotinas típicas ficou subsumida na manipulação do conteúdo das entrevistas²⁷. Cada rotina apresentada foi analisada como uma expressão do mundo da vida, que encerra uma “síntese de reconhecimento”, e permite tipificá-la em relação aos jovens que compõem a amostra da pesquisa. Porém, em termos de significações em relação à escola e ao

²⁶ Procurei, então, os maiores tempos de duração de tais atividades. Em relação ao gênero, em cada categoria, já há uma diferenciação entre os “maiores tempos”, como mostra a tabela criada para demonstrar os casos (Anexo B).

²⁷ O conteúdo das entrevistas foi analisado com o auxílio do *software QSR (Qualitative Solutions & Research) Nudist Vivo*.

mundo do trabalho, as percepções dos jovens entrevistados foram tomadas em particular, em função de não haver parâmetros pelos quais possam ser depreendidas como um tipo ideal de compartilhamento comum aos outros jovens. Nesse sentido, a análise que segue procura construir a “rotina ideal” desses jovens, trazendo elementos destacados por eles em relação ao estudo, ao trabalho e ao lazer. No segundo momento, serão mapeadas as significações da escola e do trabalho para o grupo entrevistado.

O dia começa cedo para os jovens. Principalmente para quem não mora perto, e precisa esperar o ônibus que leva para a escola. O caminho até ao ponto de ônibus também pode ser o de encontro com os amigos, que estudam na mesma escola. O ônibus é um lugar de encontro: conversas que se iniciam em torno das sete horas da manhã. Quem mora perto da escola, como Alessandro e Carolina, pode caminhar e, em poucos minutos chegar ao seu destino. A rotina inicial do dia é comum: tomar banho, arrumar-se e tomar café da manhã. A seqüência da manhã também é a mesma: aula das 7:45h às 12h.

No momento da saída da escola, o destino de cada um diferencia-se. Para a casa, em primeiro lugar: novamente a espera do ônibus, acompanhada dos colegas. Para alguns, a tarde resume-se a “ficar em casa”, como para Marcelo, que define sua rotina depois da escola rapidamente: *...Daí de tarde eu almoço, dou uma dormida, depois desço pra rua pra falar com os amigos, fico na rua até às dez [22 horas], depois subo pra dormir porque amanhã é outro dia.* A tendência à responsabilidade do cuidado da casa não afeta a rotina de Marcelo, mesmo sendo um jovem que fica em casa a tarde inteira, enquanto seus pais trabalham. Para

Carolina, são longas as tardes na procura de um estágio, já que precisa de um trabalho para ajudar nas despesas de sua casa, em que a mãe está desempregada, e há ainda os avós e um irmão mais novo que, felizmente, conseguiu um estágio remunerado. Na vida de Carolina não se pode esperar as oportunidades baterem à porta. E sua fala demonstra que já tem uma visão do mercado de trabalho, em termos de sua remuneração. Comentando sobre a sua situação atual – procurando emprego – pergunto se já chegou a realizar entrevistas para seleção: *...Fiz, várias, mas assim, o salário tá muito baixo, R\$150, R\$200. E tem gente que não tá dando nem passagem escolar! Então o salário vai todo na passagem. Não vale a pena. (...)* *Parada eu não fico. Agora to vendendo Avon e Natura pra me virar um pouco.*

Patrícia representa as moças que dividem as tardes longas com o trabalho doméstico e a necessidade de encontrar um trabalho fora de casa. A maior parte da ocupação do seu tempo livre é assistindo televisão. A tarde de Anderson compreende uma formação extra-escolar: curso técnico em informática, assim como para Ariela, que, dentre muitas atividades que realiza, está o curso de informática industrial no SENAI²⁸. A realização de cursos traz consigo a expectativa de uma inserção no mercado de trabalho de maneira fácil, com remuneração adequada, que somente a conclusão do Ensino Médio não oferece. Esta é a expectativa de Nichelly, que busca um curso de inglês para se aprimorar, depois de ter concluído o curso de manicure.

Entre os que trabalham, a tarde pode iniciar com um tempo em casa, como para Francine e Alessandro, que iniciam suas atividades de trabalho,

²⁸ Serviço Nacional de Apoio à Indústria.

respectivamente, às 16h e 17:30h. Ela, no seu primeiro estágio, em uma loja num *shopping center*. Ele, deixou a atividade de entregar panfletos, que realizava em 2005, pois foi convidado a trabalhar na academia em que treina *taekwondo*, e agora atua na recepção, fazendo matrículas e renovação de matrículas, atendendo os alunos e tendo a responsabilidade de “fechar” a academia sozinho, duas vezes por semana. Maurício está vivendo também a experiência do primeiro estágio. Sai da escola e vai direto para a empresa em que trabalha como auxiliar de depósito, no horário das 13h às 18h.

Entre todos os jovens que relataram suas experiências de trabalho, o único que falou sem entusiasmo, com o semblante fechado, aparentando cansaço, foi Daniel. O jovem que trabalha com os pais, na Vila Asa Branca (“*um lugar bem feio mesmo*”, segundo o próprio jovem), dividindo sua rotina entre o mercado da família, que “ajuda” todas as tardes, até o início da noite e a padaria, que, para dar conta da demanda de trabalho segue a noite “ajudando” o pai. Daniel classifica como ajuda a grande rotina de trabalho formal que executa e a responsabilidade que tem, e que os pais depositam nele ao cuidar dos negócios da família.

Tardes de expectativa são as de Jéferson. O jovem, que teve, em 2005, sua primeira experiência de trabalho, sofreu também a experiência da primeira demissão. Agora, prestes a completar 18 anos de idade, espera a entrada no quartel, como uma opção para “seguir carreira”, depois da decepção de ter sido demitido. Na rotina de Maicon, que faz curso técnico em automobilística, no SENAI à noite, as tardes compreendem momentos de descanso, organização dos estudos e momentos na rua. A única jovem entrevistada que estuda no turno da tarde, Camila,

tem uma manhã atribulada, com o cuidado de dois sobrinhos, a limpeza da casa e o preparo do almoço para ela e as crianças.

A noite dos jovens pode compreender diversas atividades. Para os rapazes, futebol e alguma saída. Mas, em geral, o tempo é utilizado para o descanso, ficar com a família, assistir televisão, estudar e realizar as tarefas escolares. As atividades de lazer são identificadas com o fim de semana: tempo disponível para estar entre os amigos, geralmente jovens que moram no mesmo bairro em que o estudante, e não colegas da escola. O lazer também se apresenta como possibilidade de circulação pela cidade: freqüentar parques, *shopping centers*, cinema, festas noturnas, de acordo com as possibilidades financeiras de cada um.

As significações da escola e do mundo do trabalho particularizam-se em cada contexto. A necessidade da busca por um trabalho, fora de casa, é expressa por todos os jovens que não estão ocupados. Todos mencionam a procura por um estágio, mesmo que essa procura seja mais um desejo do que uma ação efetiva em seu cotidiano. A necessidade de ajuda à família não é considerada um motivo forte para trabalhar. O importante é ter experiência, conseguir um dinheiro para comprar coisas para si, e para poder investir em qualificação profissional e pessoal. O dinheiro e a liberdade são as duas faces do trabalho para os jovens. Trabalhando se pode comprar – consumir, o imperativo da sociedade contemporânea – e se pode ter mais liberdade, mais independência, principalmente em relação aos pais. Entre os que trabalham, ou já trabalharam, a interpretação dessas duas faces é dada de maneira diferente: *...tu dá valor pelo dinheiro que tu ganha. Antes eu pegava o dinheiro e só pensava em gastar. Agora, não, eu penso 'bah, trabalhar o dia inteiro*

pra tocar meu dinheiro fora em qualquer coisinha não vale a pena' (Daniel).

A conciliação entre trabalho e estudo, ou a rotina do trabalho formal e o trabalho doméstico, é vista como difícil, cansativa. A reflexão de Nichelly, jovem que optou por parar de trabalhar como manicure depois de um tempo de experiência, sobre a divisão das atividades de trabalho doméstico com a mãe, é bastante significativa:

Coitada da mãe. Trabalha o dia inteiro, fiscal de obras. Meu Deus! Ela tem que andar a Alvorada toda. Coitada! (...) Ela disse pra mim: "eu chego cansada do trabalho, e tu não pode me ajudar, nem a varrer teu quarto, arrumar o teu quarto?". E eu "ah, pois é". Aí, quando eu comecei a trabalhar, eu vi que é pesado mesmo. A pessoa fica o dia inteiro lá, tem que chegar em casa, arrumar a casa, é ruim. Aí eu vi que tinha que ajudar um pouco mais.

Ao mesmo tempo, a fala de Jéferson, tenciona a relação entre escola e trabalho, e demonstra que a tendência é o abandono à escola. Quando perguntado sobre a experiência de conciliar trabalho e estudo, o jovem afirmou:

É boa, mas é cansativo. Que nem, eu estudava de manhã, aí ia pra casa. Aí tinha metade da tarde livre. Aí quatro horas [16h] eu ia pro serviço e chegava dez, onze horas em casa [22h, 23h]. Aí tinha que acordar cedo no outro dia. Aí um mês, dois meses, tranquilo. No terceiro mês começou a cansar, daí tu já falta no colégio. Aí nesse dia que tu falta o colégio tu já perde prova. Aí, quando vê, cansa. Aí abandona o colégio e fica só com o serviço. Aí não dá! É que cansa! (...) Cansa e a gente acaba largando alguma coisa, o colégio ou o serviço. Normalmente a gente acaba largando o colégio, que é o que não é pra largar.

A escola, enquanto formação comum para os jovens, é vista como pouco, se pensada em relação à inserção mercado de trabalho. Significa uma possibilidade de um futuro melhor, mas somente a formação no Ensino Médio não garante esse futuro. Para finalizar, a afirmação de Ariela, que fala que a escola é o "básico", sintetiza a visão de que de que a formação no Ensino Médio é apenas o início, não um fim: *Tu estudou num colégio de 2º grau, então tu é qualificado pra fazer um*

monte de coisa... Não! Tu é qualificada pra poder se qualificar. Tu tem base pra poder se qualificar [grifo meu].

Em geral, a escola é significada como um espaço de muitas possibilidades em relação ao futuro, mas não oferece a formação na medida das necessidades do mercado de trabalho. Nessa dissonância, a escola é pensada como *pouco preparada para os alunos*, como diz Juliana, com disciplinas e conteúdos que não são aproveitados no mercado de trabalho. Dessa forma, percebe-se que a emergência da inserção do mercado de trabalho é o parâmetro com o qual os jovens avaliam a formação oferecida pela escola pública.

4.7 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS TEMPORALIDADES JUVENIS

Analisar as diversas dimensões do mundo da vida dos jovens, tomadas através da descrição dos próprios jovens de sua rotina, requer pensar em uma série de implicações sobre o cotidiano. O mundo da vida de cada um dos 419 jovens foi relatado, em um recorte diário, para que se pudesse estabelecer essa pesquisa. Falar sobre uma experiência já descrita, implica poder significá-la também. De acordo com os pressupostos da Sociologia Interpretativa de Schütz, o sujeito, ao falar de uma experiência, já passada, a transforma em um ato significativo, e só pode atribuir significado à ação que já ocorreu. Nesse sentido, compreendo que a descrição da rotina dos jovens foi um “ato significado” sobre o seu mundo da vida, que permite estabelecer os vínculos intersubjetivos que seu mundo proporciona e compreender as relações com o tempo e o espaço. A partir disso, a composição

dessas rotinas, em relação à dimensão do uso do tempo, pode considerar o mundo da vida destes jovens expressando os códigos de referência presentes nas suas experiências.

O agrupamento das diversas atividades nas principais categorias – cuidados pessoais, estudo, trabalho doméstico, trabalho formal e lazer – permitiu perceber, de forma sistematizada, o envolvimento com o tempo em cada dimensão do mundo da vida, e as distinções entre o grupo pesquisado, como forma de estabelecer uma “lógica” para as temporalidades destes jovens. Nesse sentido, cabe recuperar cada uma das dimensões do mundo da vida, abordadas nas categorias dos usos do tempo.

Em relação aos cuidados pessoais, observou-se que o grupo feminino compreendeu mais tempo de envolvimento com as atividades de higiene, o que significa uma tendência maior de cuidados com o corpo e com a aparência. O imperativo dos padrões de beleza femininos reforça essa idéia, já que há uma “exigência social” em relação aos padrões estéticos, e uma imposição para que se mantenha uma boa aparência, principalmente para as mulheres. Os jovens têm um tempo significativo para o cuidado de si, e não se observou uma tendência de diferenciação por gênero em relação à categoria de cuidados pessoais.

A categoria “estudo” inicia a composição da lógica de gênero no cotidiano dos jovens. Os dados coletados apontam para o maior envolvimento das moças em relação aos rapazes, principalmente em para o estudo realizado em casa. Observou-se que as jovens passam a envolver-se mais com atividades de estudo e formação

na medida em que avançam a formação regular no Ensino Médio. Esse dado aponta para a construção de uma certa “consciência” da complementaridade da formação, necessária para a ampliação dos conhecimentos e para a inserção no mercado de trabalho. Mesmo assim, o mundo da vida destes jovens ainda é pouco envolvido com atividades de formação extra-escolar, que, se considerada como um investimento em relação ao sucesso profissional (em termos de inserção e permanência no mercado de trabalho), aquisição de conhecimentos e valores, ainda é pouco difundida entre os jovens, com uma tendência a proporcionar às moças maior envolvimento do que aos rapazes.

No trabalho doméstico residem as maiores discrepâncias em relação ao gênero. O cuidado com a casa e o grupo doméstico é obrigação feminina. Isso não significa que rapazes não realizem tais atividades, mas elas são em menor escala que a das moças, ocupam menos tempo no dia dos jovens e ainda são percebidas como uma “ajuda”. Os rapazes ajudam, se possível, e as moças têm a obrigação, incluem diversos momentos em sua rotina diária para o cuidado. A lógica de gênero se combina ao princípio de reciprocidade na organização do grupo doméstico. Retomando a perspectiva desenvolvida por Sarti (1999, 2004) e Heilborn (1997), a reciprocidade funciona para os jovens como o princípio que orienta as atividades a serem realizadas no grupo doméstico. Em muitos casos, a rotina dos jovens indica a ocupação do tempo com o trabalho doméstico como a sua contribuição para a manutenção da casa. Em geral, as moças têm essa obrigação mais evidenciada, visto o tempo ocupado nessas atividades, o que reproduz uma tendência social de caracterizar o trabalho doméstico como feminino.

Em relação ao trabalho formal, aparece evidente a contraposição à lógica da obrigação e da ajuda no trabalho doméstico. Para eles, é obrigação, alcançada uma certa idade. Entre elas, aumenta a necessidade em função de outras demandas, como o tamanho do grupo doméstico, por exemplo. Prevalece a diferenciação por gênero na organização do trabalho formal entre os jovens. A questão da caracterização dos postos de trabalho, apresentada por Pochmann (2004) como evidenciando a tendência à precariedade e instabilidade das ocupações dos jovens, aparece no grupo pesquisado. As atividades de trabalho formal geralmente são de vínculo como “estágio”, o que tende à menor remuneração. Há também as formas diferenciadas de trabalho, como as descritas nas entrevistas – o jovem que ajuda os pais em um negócio familiar, entre outros casos. Aparecem situações de contratação informal – trabalhar para um “conhecido”, nem sempre com vínculo formal. A expressão do trabalho formal como liberdade e possibilidade de “ganhar algum dinheiro” ilustra, através das falas dos jovens entrevistados, o imaginário dos jovens acerca do mundo de trabalho, com uma visão bastante idealizada.

O trabalho formal marca a lógica de gênero já apresentada nas relações com o estudo e o trabalho doméstico. Porém, nesta categoria, uma outra evidência foi percebida: a relação entre a ocupação e a composição do grupo doméstico (apresentada na Tabela 71) considerou que entre as moças, o princípio de gênero é subsumido à lógica da necessidade. Em relação ao aumento das pessoas que compõem o grupo doméstico, aumenta o número de moças envolvidas em trabalho formal. Este “achado” pareceu uma concessão às moças, que podem buscar uma remuneração que contribua ao sustento da família, mantendo, certamente, as obrigações domésticas.

A categoria lazer complementa as dimensões do trabalho formal, trabalho doméstico e estudo, compondo o mapeamento do mundo da vida dos jovens. A disposição ao tempo livre demonstra que os rapazes, com menos envolvimento em atividades de trabalho doméstico e estudo, têm mais tempo disponível ao lazer. Dessa forma, a maior disponibilidade das moças para a realização de atividades de estudo e de trabalho, principalmente o trabalho doméstico, implica menor tempo disponível ao lazer. Embora tenhamos a tendência de gênero nessa categoria, a vivência do lazer é ampla para os jovens, de ambos os sexos. A importância deste tempo é fundamental para o desenvolvimento da cultura juvenil, como abordam Brenner, Dayrel e Carrano (2005, p.176): “É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto”.

Assim, compõem-se as dimensões do mundo da vida dos jovens em relação às temporalidades. O gênero é apresentado como um elemento que configura a apropriação do tempo e do espaço para os jovens, e evidencia uma lógica muito significativa no seu cotidiano. Fatores como idade e ano de estudo no Ensino Médio contribuem para a composição dessa lógica de diferenciação do mundo da vida, reiterando os aspectos de gênero no mundo da vida dos jovens porto-alegrenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todos os desafios e dificuldades enfrentados durante o trabalho do Mestrado, não me parecia ser o maior a escrita da conclusão. No entanto, construir a finalização do trabalho foi a parte mais “dura” de todo esse processo. Talvez porque seja difícil romper o “cordão umbilical” que me liga à condição de estudante, uma vez que seja a conclusão da Dissertação o passo final do Mestrado. Talvez porque, diante de uma pesquisa com muitos fatores, amplas considerações, uma temática envolvente como é a das juventudes e o mundo da vida, surja a insegurança de que algo ficou para trás, algo não foi falado, pensado. Dificuldades à parte, cabe apontar os aspectos conclusivos do trabalho, retomando a questão central e os objetivos do estudo.

Em relação à pergunta *como o cotidiano de jovens estudantes do Ensino Médio é estruturado, em relação aos aspectos de gênero e ao tempo de estudo e trabalho?*, considero que a ampla apresentação dos dados quantitativos da pesquisa, combinada com a pequena aproximação qualitativa com os jovens, procurou responder essa questão. O cotidiano dos jovens estudantes do Ensino Médio é estruturado evidenciando uma lógica de gênero marcante, principalmente em relação ao estudo e ao trabalho. Esta lógica de gênero apresenta o grupo feminino, ao mesmo tempo, envolvido com atividades de estudo – principalmente em casa –, com o trabalho doméstico e, também, com o trabalho formal. A idéia que surge, ao analisar os usos do tempo é de que as jovens têm rotinas mais diversificadas em seus dias, o que permite esse envolvimento de mais tempo com diversas atividades. Enquanto os rapazes constroem rotinas diárias menos

diversificadas, com poucas atividades que consomem mais tempo – geralmente voltadas aos cuidados pessoais e ao lazer.

Dos quatro objetivos apresentados, i) Conhecer detalhadamente os usos do tempo de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre; ii) Analisar os usos do tempo em relação ao gênero; iii) Analisar especificamente os tempos de estudo e de trabalho (doméstico e formal) dos jovens; e iv) Depreender os códigos de referência presentes no mundo da vida destes jovens; considero que os três primeiros foram amplamente abordados no capítulo referente às temporalidades juvenis. Concentrarei a discussão das conclusões no quarto objetivo, que se refere aos códigos de referências presentes no mundo da vida dos jovens.

Retomando a idéia acerca da teoria de Schütz, ao abordar o conceito de mundo da vida, o código de referências aparece como uma atualização realizada de acordo com as experiências de cada sujeito, que ativam o estoque de conhecimento a mão que cada um possui. Este estoque de conhecimento é atualizado ao passar a experiência em si, que é interpretada e significada, formando um código de referências para as experiências futuras. Cada nova experiência, que se dá em uma situação biográfica determinada é combinada com fatores que vão somando na significação do mundo pelo sujeito, acrescentando ou reforçando suas concepções. Considero a lógica de gênero e a reciprocidade como dois códigos de referências fundamentais presentes no mundo da vida dos jovens que participaram deste estudo. O gênero foi evidenciado ao longo de todas as atividades, e a reciprocidade foi percebida em relação ao trabalho doméstico e formal.

A análise dos dados mostrou que as rotinas dos jovens são vividas em termos de padrões de gênero e reciprocidade já instituídos, que compõem a atitude natural dos jovens. Não há questionamento ou repulsa a esse estabelecimento. A vivência juvenil aparenta concordância em relação às marcas de gênero e reciprocidade nas temporalidades vividas.

Construir a análise das temporalidades juvenis com base na teoria de Alfred Schütz foi um grande desafio. Principalmente porque se trata de uma teoria complexa, com pressupostos que tomam campos distintos, a Fenomenologia e a Sociologia. Contudo, busquei aspectos pontuais que pudessem, no tempo determinado ao Mestrado, dar à elaboração da pesquisa uma dimensão nova de discussão. Analisar as juventudes em relação ao seu mundo da vida, no meu entendimento, significa considerar a idéia da heterogeneidade dos jovens, enquanto um segmento da população constituído de forma plural, e reconhecer que as juventudes são muitas, assim como é diverso o cotidiano dos jovens.

A importância da caracterização do mundo da vida como um mundo intersubjetivo foi fundamental, pois pensar o cotidiano significa assumir que a sua constituição requer a presença de outros, e são nessas inter-relações que se estabelecem os códigos de referências para as relações futuras. Daí a importância das relações estabelecidas no grupo doméstico, na escola e no mundo do trabalho.

Considero que a teoria de Alfred Schütz foi muito importante no desenvolvimento do trabalho em relação às temporalidades. Talvez ainda permaneça a sensação de que não foi aprofundada em sua totalidade, ou poderia

ser mais bem explorada. Mas fica aqui a idéia que esse estudo foi apenas o início do diálogo com essa questão. Continuarei aprofundando essa construção teórica para, seguindo os estudos sobre usos do tempo, aprimorá-la e torná-la mais “fluída” na discussão. Reconheço o nível mais pontual da apresentação aqui desenvolvida em termos teóricos, mas acredito que este tenha sido o possível para o momento. Apenas aponto que os estudos sobre Alfred Schütz não se encerrarão com o Mestrado.

Assim como tenho certo que a temática das juventudes em sua dimensão qualitativa ainda merece ser aprofundada. Diante do tempo e da complexidade do estudo, a realização das entrevistas foi pontual, sintética e não permitiu um aprofundamento. Primeiramente porque a pesquisa realizada tem a sua orientação quantitativa como marca do método desenvolvido. Além disso, um estudo qualitativo demanda mais tempo de envolvimento com os sujeitos, observações contínuas. Por isso considerei os dados das entrevistas de forma pontual, já que tive apenas um momento de encontro com cada jovem participante. Mas a inspiração qualitativa também deixa a vontade de continuar.

Considero que nem todas as questões que emergem numa pesquisa são respondidas, ou mesmo a discussão teórica, ou o arranjo dos dados possibilita outros questionamentos, outras hipóteses a serem desenvolvidas. Para não perder o foco, centrei minha análise na relação com os objetivos e a questão-problema da pesquisa, mas o encontro com a teoria e com as configurações do cotidiano dos jovens, incitou outras perguntas, que motivarão estudos futuros.

Por fim, resta mencionar a satisfação pela realização deste estudo, uma vez que, diante de um grande desafio “imposto” a mim, tive que mobilizar forças – e ajudas – para conseguir traçar um caminho ético e coerente no desenvolvimento da pesquisa. Não foi fácil. Nem feliz o tempo inteiro. Mas trago o sentimento do grande crescimento pessoal, o amadurecimento das minhas idéias e a sensação de que o melhor (na medida do possível) foi feito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, p.25-36, maio-dez, 1997. (Número especial sobre Juventude e Contemporaneidade)

AGUIAR, Neuma. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. In: **Textos de sociologia e Antropologia**, Belo Horizonte, n. 53, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas de lazer e do tempo livre de jovens brasileiros. ABRAMO, H.; BRANCO, P. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (p. 175 – 214)

BOMBASSARO, Luiz Carlos. **Ciência e Mudança Conceitual** – Notas sobre Epistemologia e História da Ciência. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARRANO, Paulo C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. N.1, maio de 2000 Rio de Janeiro (p.11-27)

CARVALHO, Marie Jane Soares. *Diário de usos do tempo para crianças*. (didático/pedagógico). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, registro 226.151, 2001.

CARVALHO, Marie Jane Soares; MACHADO, Juliana Brandão; ROSA, Tatiane Silva da. **Educação, gênero e temporalidades** – uma análise dos usos do tempo de crianças de classe popular da periferia de Porto Alegre”. (Relatório de Pesquisa), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001, 70p.

_____. Tempos compostos: gênero e classe social nos usos do tempo entre crianças. In: CARVALHO, M.J.; ROCHA, C. M. F (orgs.). **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.231-266.

_____; SCHERER, R. M. D.; FORTES, G. H. M. A pesquisa dos usos do tempo e seus desdobramentos na comunidade escolar. In: OSTERMANN, F. (et al.). **A universidade na educação para a ciência**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.81-87.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.24, set-dez, 2003, p.40-52.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. O Cotidiano Sexuado de Meninos e Meninas em Situação de Pobreza. In: MADEIRA, Felicia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 343-402.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FLITNER, Andreas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: **Sociologia da Juventude**, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.37-67.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 180-216.

GRINDER, R. E.; STRICKLAND Ch. E. A significação social da obra de G. S. Hall. In: **Sociologia da Juventude**, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.19-35.

HARVEY, A.; PENTLAND, W. Time Use Research. In: PENTLAND, W. (et al.). **Time use research in the social science**. New York: Plenum Publishers, 1999. p. 3-17.

HEILBORN, Maria Luiza. O Traçado da Vida: Gênero e Idade em Dois Bairros Populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felicia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.

HIRWAY, Indira. **Time use studies**: conceptual and methodological issues with reference to the Indian time use survey. UNESCAP, 1999.

KEIL, E. T.; RIDDELL, D. S.; GREEN, S. R. Problemas de uma sociologia da juventude operária. In: **Sociologia da Juventude**, vol. II, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.89-113.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACHADO, Nádie C. Letramento, gênero, raça e ocupação no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: **Sociologia da Juventude**, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.69-94.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (p. 263 – 290)

OLIVEIRA Zilma M. R; GUANAES, Carla; COSTA. Nina R. A. Discutindo o conceito de “jogos de papel”: uma interface com a “teoria de posicionamento”. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO. A. M. A. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OUTEIRAL, José. **Adolescer** – Estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, p.15-24, maio-dez, 1997. (Número especial sobre Juventude e Contemporaneidade)

POCHMANN, Márcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: **Globalização, Trabalho e Desemprego** – um enfoque internacional. Belo Horizonte: Ciarte, 2001, p.202-224.

ROSENMAYR, L. A situação sócio-econômica da juventude de hoje. In: **Sociologia da Juventude**, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.133-169.

SARTI, Cynthia Andersen. Reciprocidade e Hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.70, agosto de 1989, p.38-46.

_____. Família e jovens: no horizonte das ações. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.11, maio-agosto,1999, p.99-109.

_____. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.115-129.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo César R. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.24, set-dez, 2003, p.16-39.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (p. 129-148).

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz. T. da (Org.). **Trabalho, educação e prática social**: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 44-93.

WAGNER, Helmut (Org.). **Fenomenologia e relações sociais** – Textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXOS

ANEXO A - DIÁRIO DE USOS DO TEMPO PARA JOVENS

INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO DIÁRIO

- 1) Preencha a primeira folha do diário com seus dados pessoais. Estes dados identificarão você apenas aos pesquisadores, para que possamos controlar quem participou da pesquisa e devolveu o material.
- 2) Observe que o diário está dividido em linhas e colunas. As colunas identificam a **ATIVIDADE PRINCIPAL** (“O que você está fazendo?”), a **ATIVIDADE SECUNDÁRIA** (“O que mais você está fazendo?”), **COM QUEM** e **ONDE** você realizou a atividade. As linhas que dividem as colunas indicam os horários em que as atividades são realizadas. O diário começa às 0:00h e termina às 23:59h. O intervalo de tempo para registro das atividades é de 15 em 15 minutos.
- 3) Você preencherá durante um dia inteiro todas as atividades que realizou, identificando o horário de início e fim de cada atividade, e preenchendo cada uma das colunas do diário (“O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?”; “O QUE MAIS VOCÊ ESTÁ FAZENDO?”; “COM QUEM VOCÊ ESTÁ?”; “ONDE VOCÊ ESTÁ?”).
- 4) Ao final do preenchimento, verifique o seguinte:
 - a) se você anotou todas as atividades que realizou (principais e secundárias);
 - b) se você não deixou nenhum intervalo de tempo sem preencher;
 - c) se você marcou o início e o fim de cada atividade realizada;
 - d) se você anotou, em cada linha, com que você estava e onde você estava;
 - e) se você anotou com clareza todas as atividades realizadas.

Esperamos que o seu diário esteja bem preenchido, para contribuir com a nossa pesquisa.

Coordenação da pesquisa



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

DIÁRIO DE USOS DO TEMPO PARA JOVENS*

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Idade: _____

Sexo: () feminino () masculino

Cor/raça: () branca () preta () parda/mulata () amarela () indígena

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____

Data de preenchimento do diário: ____/____/____

Com quem você mora? _____

Versão e adaptação
Marie Jane Soares Carvalho
Juliana Brandão Machado

Material de pesquisa desenvolvido para o Projeto "Os usos do tempo entre jovens: estudo de multicasos". Coordenação: Marie Jane Soares Carvalho e Juliana Brandão Machado. Programa de Apoio à Pesquisa em Educação **PROEDU – FAPERGS**/auxílio financeiro, processo n. 02/1475.6. Bolsa Produtividade em Pesquisa – **CNPq**, processo n. 308057/2004-0. Auxílio Integrado – Bolsista IC Simone Camargo Gimenes, processo n. 503959/20004-9. Bolsista IC Amanda Santos Machado – **PROBIC/PROPESQ/UFRGS** 2005. Pesquisa relacionada ao projeto de Mestrado "Cenas significativas de trabalho no cotidiano de jovens da cidade de Porto Alegre", de Juliana Brandão Machado (PPGEDU/UFRGS).

* Este diário foi adaptado a partir do modelo desenvolvido pela National University of Singapore (<http://nus.edu.sg/>). Cf. Marie Jane Soares Carvalho. Diário de Usos do Tempo para Crianças. (didático/pedagógico). Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, Fundação Biblioteca Nacional: registro 226.151, 2001. 24p.

	O que você está fazendo?	O que mais você está fazendo?	Com quem você está?	Onde você está?
0:00h				
15				
30				
45				
1:00h				
15				
30				
45				
2:00h				
15				
30				
45				
3:00h				
15				
30				
45				
4:00h				
15				
30				
45				
5:00h				
15				
30				
45				

	O que você está fazendo?	O que mais você está fazendo?	Com quem você está?	Onde você está?
6:00h				
15				
30				
45				
7:00h				
15				
30				
45				
8:00h				
15				
30				
45				
9:00h				
15				
30				
45				
10:00h				
15				
30				
45				
11:00h				
15				
30				
45				

	O que você está fazendo?	O que mais você está fazendo?	Com quem você está?	Onde você está?
12:00h				
15				
30				
45				
13:00h				
15				
30				
45				
14:00h				
15				
30				
45				
15:00h				
15				
30				
45				
16:00h				
15				
30				
45				
17:00h				
15				
30				
45				

	O que você está fazendo?	O que mais você está fazendo?	Com quem você está?	Onde você está?
18:00h				
15				
30				
45				
19:00h				
15				
30				
45				
20:00h				
15				
30				
45				
21:00h				
15				
30				
45				
22:00h				
15				
30				
45				
23:00h				
15				
30				
45				

**ANEXO B – QUADRO DE JOVENS SELECIONADOS PARA ENTREVISTA DE
ACORDO COM AS ROTINAS TIPIFICADAS**

N. DIÁRIO	NOME	SEXO	BAIRRO	CAT./DUR.
664	Camila	F	Sarandi	T. D. – 188 min
121	Fernanda	F	Alvorada	T. D. – 5h
730	Dafne	F	Humaitá	T. D. – 279 min (R)
166	Daniel	M	Sarandi	T. D. – 150 min
687	Maurício	M	Sarandi	T. D. – 148min
267	Jéferson	M	Rubem Berta	T. D. – 131 min (R)
728	Roberta	F	Rubem Berta	T. F. – 4h
665	Carolina	F	IAPI	T. F. – 6h30min
257	Tamires	F	Rubem Berta	T. F. – 6h (R)
739	Alessandro	M	Passo D'areia	T. F. – 3h
15	Jonas	M	Alvorada	T. F. – 450min
269	Wagner	M	Costa e Silva	T. F. – 6h (R)
302	Ariela	F	P. dos Maias	EXTRA – 3h15min
753	Juliana	F	São Sebastião	EXTRA – 3h45min
654	Nichelly	F	Rubem Berta	EXTRA–2h59min (R)
402	Anderson	M	Passo Pedras	EXTRA – 4h30min
735	Maicon	M	Rubem Berta	EXTRA – 5h30min
225	Rafael	M	P. dos Maias	EXTRA – 210min (R)
262	Patrícia	F	Sarandi	LAZER – 469min
89	Francine	F	Jardim Lindóia	LAZER – 477min
699	Vitória	F	Sarandi	LAZER – 293 min (R)
618	Marcelo	M	Rubem Berta	LAZER – 506min
341	Matheus	M	Cristo Redentor	LAZER – 521min
404	Antonio	M	Rubem Berta	LAZER – 503min (R)

LEGENDA:

T.D. – Trabalho Doméstico

T.F. – Trabalho Formal

EXTRA – Estudo extra-escolar

(R) – Caso “reserva”, se algum jovem não for encontrado ou não quiser participar da entrevista

ANEXO C – ROTEIRO DA ENTREVISTA

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Educação
Mestrado em Educação**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO*

Selecionei temas que serão abordados durante uma conversa com cada jovem individualmente. As questões serão dimensionadas de formas diferentes para cada jovem, de acordo com o perfil de atividades que desenvolvem primordialmente (trabalho doméstico, trabalho formal, estudo extra-escolar, lazer). Não há uma ordem estabelecida para as questões.

O objetivo da entrevista é conhecer os sentidos atribuídos aos processos de escolarização/formação e de trabalho para os jovens, lembrando que a seleção de perfis de rotinas foi realizada com o intuito de perceber as nuances das significações em face aos investimentos de tempo diferenciados no cotidiano. As entrevistas não pretendem apontar generalizações ou serem representativas quantitativamente do grupo pesquisado. A representatividade foi determinada por aspectos qualitativos. Serão entrevistados 16 jovens, 8 de cada sexo, divididos nos quatro grupos (duas moças e dois rapazes em cada grupo)

- ❖ Organização do dia – o que o jovem faz diariamente? (Retomada do diário registrado)
- ❖ As principais atividades realizadas no turno inverso ao da escola.
- ❖ Trabalho doméstico: ajuda, obrigação ou “dispensa” no seu grupo familiar?
- ❖ Trabalho formal – se realiza, quais os fatores que levaram a procurar trabalho; se não realiza, como percebe a importância/necessidade deste.
- ❖ Lazer – quais as vivências, o que representa em face ao seu cotidiano.
- ❖ Estudo – o que representa em relação ao seu futuro, qual a importância hoje (tanto o estudo na escola quanto o estudo extra-escolar)

* Elaborado pela pesquisadora Juliana Brandão Machado, orientado pela prof. Marie Jane Carvalho.

ANEXO D – TABELA CENSO ESCOLAR 1996 E 2005

Número de Matrículas no Ensino Médio segundo a faixa etária, para 1996 e 2005 – Rio Grande do Sul

ANO	Até 14 anos	Entre 15 e 17 anos	Mais de 18 anos	Total
1996	34.123	203.357	120.124	357.604
2005	12.563	294.359	166.260	473.182

Fonte: www.inep.gov.br

ANEXO E – TABELA CENSO ESCOLAR 2005

Número de Matrículas no Ensino Fundamental e Ensino Médio segundo a cor, para 2005 – Rio Grande do Sul

	BRANCA	PRETA	PARDA	AMARELA	INDÍGENA	NÃO DECLARADA	TOTAL
Ensino Fundamental	457.956	42.170	58.371	1.909	6.069	1.064.795	1.631.270
Ensino Médio	100.437	5.855	10.138	242	545	355.965	473.182

Fonte: www.inep.gov.br

2. TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Educação
Mestrado em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado Estudante:

A pesquisa que estou propondo tem como objetivo compreender os significados atribuídos à educação e ao trabalho por jovens estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Dom João Becker. Para isso, pretendo realizar entrevistas com jovens selecionados a partir do registro nos diários de usos do tempo, realizado em 2005.

A pesquisa consistirá na realização de entrevista individual sobre seu cotidiano. Como se trata de uma pesquisa de Mestrado, esclareço que os dados pessoais de cada participante (nome, idade, bairro onde mora) serão utilizados exclusivamente no âmbito acadêmico. Caso não queiras que os teus dados sejam divulgados, informe à pesquisadora tal interesse. Os encontros coletivos e entrevistas serão realizados nas dependências da escola, com anuência da equipe diretiva.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos no uso das informações, bem como utilizar os dados coletados exclusivamente para fins acadêmicos.

Esclareço também que a participação na pesquisa é um comprometimento individual, manifesto pelo interesse de cada jovem em contribuir para o meu trabalho de Mestrado, com o aceite da pessoa responsável por ele. A qualquer momento o jovem pode deixar de participar da pesquisa, sem prejuízo algum para si.

Como pesquisadora responsável pela condução da pesquisa, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre dúvidas referentes ao desenvolvimento deste trabalho, através dos telefones XXXXXXXX e XXXXXXXX.

Dados da Pesquisadora:

Juliana Brandão Machado – Licenciada em Pedagogia pela UFRGS; Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS; Professora da Rede Pública Municipal de Porto Alegre.

E-mail: juli_bmachado@yahoo.com.br

Orientação: Prof. Marie Jane Soares Carvalho – Doutora em Educação; Prof. do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da UFRGS.

=====

Após o esclarecimento dos procedimentos que envolvem esta pesquisa, eu _____, concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pai, mãe ou responsável

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, ____ de _____ de 2005.